



Liga Muçulmana Bicampeã nacional

DESPORTO 20

Pergunte a Tina

SMS 82 11 15
email averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Aventura no comboio
para Cuamba

NACIONAL 03



Chókwè, era uma vez
um celeiro

DESTAQUE 16

facebook.com/JornalVerdade



Jornal @Verdade Emilia, a senhora na foto, viaja com bebé nos braços há mais de 5 horas em pé no comboio de Nampula a Cuamba, norte de #Moçambique e ninguém oferece assento. Carregamentos por telemóvel Ontem às 14:15 · Jcarmo Sousa e 8 outras pessoas gostam disto. 1 partilha

 **Mandass Sito** gente sem compaixão Ontem às 14:16 · Gosto · 1

 **Manhungue Original** Ofereca o teu assento.... Ontem às 14:17 · Gosto · 2

 **Dudu Juarez** k falta de amor Ontem às 14:18

 **Khalid Bangal** E pq o jornalista nao oferece??? Ontem às 14:20

 **Helio Abel Helivic** pelo menos posso pegar teu bebe? Ontem às 14:20

 **Edson Cesar** Sem compaixão sem respeito e sem consideração aos proximos! Filhos da puta dos fiscais e cobradores que vê isso e não fazem nada! So sabem fiscalizar os bilhetes! Ontem às 14:20 · **Jeff Mendes** a pexoa k tirou a foto e fala da falta d sensibilidade dox otox n faz nada a rexpeito?ou e so uma manchete?tsk Ontem às 14:21 · Gosto · 1

 **Ersom Tembe** edson os fiscais nao tem naDA a ver com isso... as pessoas e que devem ter a capacidade de ajudar o proximo xoh Ontem às 14:23 · Gosto · 1

 **Hassamo Chande** Não é falta de compaixão e muito menos falta de amor, pura falta de cultura, civismo e de educação, e não é só no norte, aqui na capital, onde supostamente existem pessoas cultas e estudadas, esquecem-se deliberadamente, que uma grávida/deficiente/idoso tem prioridade em filas e outros sitios. Nos bancos, se não fosse os caixas, chamarem em voz alta a/o grávida/idoso, etc, ninguem se mexe. Deixamos nossas crianças com babas ou nas creches o dia inteiro, o que era de se esperar? Crescem assim Ontem às 14:24

 **Diamantino Fernandes** Malucos!! Ontem às 14:24

 **Andre Dimas** madjolidjos bem aconchegados n querem ne saber... Ontem às 14:27 · Gosto

 **Luis Santos** Continua a haver cavalheiros... não há é lugares! Ontem às 14:31

 **Joao Manuel Ferreira** O jornalista tambem ficou na quela de "kasse himina ni nga munyimbissa" como os restantes Xingondos ali, ha gajo que deveriam viver na selva pa, ate um leao com fome perdoa as crianças, sera esse carralhos Nao podem ceder ao ver que ela ta com crianca no colo?? Ontem às 14:34

Manica
Patrocínio Grupo Mafuia
Apóio Conselho Empresarial de Manica (CEP)

Verdade
é distribuído
nas Províncias de



Vale 10.00 Mt DESCONTO
na compra de 5kg
ARROZ BELA

Oferta Válida para o mês de Novembro
Limitado ao stock e disponibilidade

Apenas nas lojas SASSEKA

Publicidade

Mahlazine: 37 anos de desafios



Mahlazine não teria sido possível fora do país. O encurtamento de rotas, as oscilações no fornecimento de corrente eléctrica, o conflito de terras e uma juventude sem memória fazem deste espaço de terra um bairro tipicamente moçambicano.

Texto: Hélio Norberto • Fotos: Miguel Manguezé

Localizado a norte da cidade de Maputo, no distrito municipal ka-Mubukwane, o bairro de Mahlazine é limitado pelos bairros do Zimpeto e Magoanine "A" (Norte), George Dimitrov ou Benfica (Sul e Leste), e Magoanine (Oeste).

O nome do bairro já é uma lenda. Há quem diga que este surgiu em memória dos que ali combateram contra o colono. Porém, outros há que defendem que a presença do paiol naquela parcela da cidade de Maputo foi a causa da atribuição deste nome ao espaço. O que não se pode duvidar é que Mahlazine está ligado à palavra "Mahlaza" e é relativo à beligerância.

radores responderam que não tinha nenhum nome, mas que chamavam "Bairro do Padre", em reconhecimento à solidariedade prestada pelo missão.

Esta situação, segundo vovô Marta, deixou Samora Machel indignado, tendo de imediato atribuído o nome de Mahlazine, talvez motivado pela existência de um paiol.

Por seu turno, o secretário do bairro, João Baptista Chichuto, diz que este surgiu na sequência da transferência de 250 famílias que foram retiradas pela empresa Entreponto Comercial na avenida do Trabalho para dar lugar às obras de ampliação das suas instalações.



Vovô Marta, que viu o bairro nascer, antes da independência, conta que antes de ir morar para aquela zona residia no bairro Chamanculo, mas devido às chuvas que fustigava(m) aquele bairro e com a ajuda do então padre da Missão Roque saíram de Chamanculo para o actual Mahlazine. A ajuda prestada pelo padre fez com que o bairro fosse, por muitos anos, chamado "Bairro do Padre".

Com a proclamação da independência, em 1975, o então Presidente Samora Machel, após efectuar uma visita àquele local, perguntou qual era o nome do bairro, ao que os mo-

Das 250 famílias, apenas quatro é que aceitaram a mudança. As restantes discordaram da proposta devido às dificuldades pelas quais tinham de passar para poder chegar ao centro da cidade. Na altura, os transportes públicos operavam até o bairro do Jardim.

Com os terrenos que sobravam, a Missão Roque viu-se obrigada a distribui-los pelos que demonstravam interesse, mas para tal a pessoa tinha de professar a religião católica.

Caso não, devia pagar 100 escudos (moeda usada em Moçambique antes do metical). Foi desta forma que o bairro começou a ser habitado.

"O nome de Mahlazine não está associado à existência do paiol", diz o secretário

O secretário refuta todas as informações que associam o nome do bairro à existência do paiol. Chichuto conta que a atribuição da designação "Mahlazine" ao bairro data de 1 de Novembro de 1974, quando numa reunião dos extintos "grupos dinamizadores", o moderador quis saber qual seria a designação a atribuir ao bairro que, até então, já tinha usado mais de cinco, nomeadamente Bairro do Padre, Bairro da Missão, Bairro Kodam, Bairro de São Roque, Aldeia Padre João e Bairro Ka-Mwatinhoca (Bairro das Cobras), este último atribuído devido à abundância de serpentes

Em resposta, movidos pelo espírito revolucionário, os entusiastas propuseram nomes como Bairro Progresso, Bairro da Liberdade ou Bairro da Paz. Mas uma voz saída do meio da população disse que o bairro devia chamar-se "Mahlazine" porque naquele local foram travadas grandes batalhas que opunham líderes de resistência ao colono. Referimo-nos aos Régulos Matsolo, Mavota, o chefe Matibjana. "Foi neste bairro que os chefes Matibjana e Matsolo se reuniram para a batalha de Marracuene, o Gwaza Muthine".

Aquando da construção da actual Av. Lurdes Mutola, foram encontradas algumas armas tradicionais que teriam sido usadas nas lutas de resistência contra o colono, bem como nas batalhas entre os chefes tribais, pela conquista de mais territórios.

Contrariamente ao que se diz, o secretário do bairro afirma que "Mahlaza", palavra da qual deriva o nome Mahlazine, é proveniente de Angónia, um distrito da província central de Tete. Esta é uma forma de alerta para que se lance fogo con-

tra o inimigo. É o mesmo que dizer "fogo contra o inimigo!".

Juventude desconhece a gênese do bairro

Vários jovens por nós entrevistados afirmaram desconhecer a história do bairro e quaisquer factos que possam estar por detrás do seu surgimento. Hermenegildo Nhacudine, de 27 anos de idade, nascido e criado no bairro de Mahlazine, diz desconhecer as razões que ditaram a atribuição daquele nome ao bairro. "Não sei porque chamam Mahlazine ao local", disse.

O desconhecimento da história do bairro e do seu respetivo nome é visto por Nhacudine como sendo o resultado da falta de transmissão de conhecimentos por parte dos que os detêm. "A administração do bairro e os mais velhos nada fazem para nos informar", acrescenta.

Para Raúl Tinga, de 21 anos de idade, o desconhecimento da história daquele bairro deve-se à existência de várias versões em torno do mesmo assunto. "Há muitas histórias sobre este lugar e não sabemos qual delas é a verdadeira", lamenta. Tinga também aponta o dedo acusador à administração de Mahlazine, alegadamente porque esta nada faz para que a verdadeira história do espaço seja conhecida.

Em relação a esta questão, o secretário considera que o desconhecimento da história do bairro por parte da juventude está ligado à falta de interesse em conhecê-la. "Anualmente, quando se celebra o aniversário do bairro (1 de Novembro), o secretariado distribui aos residentes, embora em número insuficiente, boletins que retratam a história deste bairro. O próximo evento terá lugar no dia 5 de Novembro, aconselhos a participarem".

Paiol, o carrasco do povo

Os acontecimentos do dia 22 de Março de 2007 não se apagam da memória de quem viu alguém perder algum membro do seu corpo, ou até mesmo a própria vida, muito menos para quem perdeu algum familiar. É o caso de Marta Sendela, que perdeu dois dos seus cinco filhos.

Marta não conseguiu esconder a angústia e a nostalgia quando convidada a dar o seu parecer em relação à existência de um paiol naquele bairro. "Sempre que ouço um estrondo qualquer, lembro-me dos meus dois filhos", foi com estas palavras que ela nos respondeu.

O Estado indemnizou-a pelos danos, mas ela diz que preferia ter os filhos de volta, pois

os bens perdidos não fariam nenhuma diferença diante da presença dos filhos. "Nada pode apagar a dor, nem mesmo uma indemnização pode trazer os meus filhos de volta".

O facto de saber que ainda há engenhos explosivos por perto deixa-a mais preocupada e com receio da ocorrência de mais uma explosão.

O medo de Marta é partilhado por todos os residentes do bairro. As vendeiras do único mercado ali existente pediram, em uníssono, que o paiol e o respetivo armamento fossem retirados o mais rapidamente possível.

A saúde tem o seu preço

No rol das dificuldades com que Mahlazine se debate consta a falta de uma unidade sanitária. Os moradores são obrigados a recorrer ao Centro de Saúde de Bagamoyo, ao Hospital Psiquiátrico de Infulene ou aos hospitais Central e José Macamo para ter acesso a cuidados médicos, pois o bairro não possui um hospital sequer, apenas uma clínica privada.

"Não temos condições (financeiras) para frequentar a clínica (privada). Vezes há em que temos de alugar uma viatura para levar o doente ao hospital", dizem.



Escola sem carteiras

O bairro de Mahlazine conta com quatro escolas, das quais duas são secundárias e uma primária, nomeadamente as escolas Primária de Mahlazine, secundárias de Mahlazine e ka-Mubukwane, esta última que, há quatro anos, lecionava apenas o nível primário,

mas que, devido à procura e à superlotação da primeira (Secundária de Mahlazine), teve de introduzir o primeiro ciclo do ensino secundário. Existe também a Escola da Igreja Metodista Unida, que leciona o nível primário e secundário.

A Escola Primária de Mahlazine debate-se com a falta de carteiras. Cada sala de aulas possui menos de vinte carteiras, para um universo estimado em mais de meia centena de

alunos por turma. Casos há de salas que não têm secretárias para os professores, o que os leva a dar aulas em pé, se não recorrerem às carteiras destinadas aos alunos.

A escola, já degradada, funciona em condições deploráveis. Tentativas de ouvir o respetivo director não surtiram efeito porque este estava ausente.

Crónicas oscilações de electricidade

A oscilação da corrente eléctrica também constitui preocupação para os moradores de Mahlazine, onde são registados mais de cinco cortes por dia. Contam que, em meados do mês de Outubro, o bairro ficou 4 dias às escuras por causa de um eventual curto-circuito.

Outro problema ligado à corrente eléctrica prende-se ao facto de ainda se usarem cabos nus e sem isoladores, o que faz com que em dias de ventania haja contacto entre estes.

Sempre que há oscilações os moradores ficam privados de água, uma vez que esta é fornecida por operadores privados, cujas bombas funcionam à base da energia eléctrica.

Rotas encurtadas

Para quem está no centro da cidade pode até pensar que,



13.149 pessoas gostam deste jornal no facebook.com/JornalVerdade

O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) acaba de anunciar a concessão de um crédito no valor de 90 milhões de dólares norte-americanos para financiar o Orçamento do Estado nos próximos três anos.

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Viajar “empacotado”



Apinhados em sete carruagens – como trouxas – e com todo o tipo de negócios à mistura, os passageiros são obrigados a viajar de pé durante pelo menos 10 horas. Bem apertados e num calor escaldante, diga-se, é assim que, num verdadeiro tormento, centenas de moçambicanos se movem de Nampula a Cuamba, e vice-versa, quase todos os dias na terceira classe perante a indiferença das autoridades.

Ainda não são 4h30 da manhã – o horário de partida do comboio – e a estação do Corredor de Desenvolvimento do Norte (CDN) encontra-se apinhada de gente. Há pessoas de diferentes idades espalhadas por todos os lados, uns sentados e deitados no chão e outros encostados na vedação, mas partilham o mesmo propósito: viajar de comboio.

Ainda é noite, mas o céu vai ganhando tons azuis e quatro enormes e infândaveis filas (na verdade, não são filas mas amontoados de gente) sobressaem aos olhos. A primeira é composta por pessoas que pretendem adquirir o bilhete para a viagem, a segunda é constituída por mulheres e, a terceira, por homens que impacientemente aguardam pela abertura doporão que dá acesso ao recinto onde se encontra o comboio. A última fila é de um contingente militar.

Para ocupar um dos primeiros lugares da fila, grande parte dos passageiros teve de passar a noite no recinto da estação. “É difícil conseguir um lugar no comboio, a não ser que se chegue bastante cedo. Vou para Cuamba com a minha família, moramos longe da cidade e, por isso, tivemos de pernoitar aqui”, afirma Joaquim Murrupa. Há também quem venha cedo por outro motivo. “Ontem não pude adquirir a passagem, pois quando cheguei a bilheteira já se encontrava fechada e, por esta razão, decidi dormir aqui”, diz Gabriel Manuel Ali, sentado por cima da sua bagagem.

Falta um quarto para as 4h00 da manhã. O portão é aberto e os seguranças do CDN organizam as pessoas e fiscalizam para confirmar que todos nas filas dis-

põem de bilhetes. Os primeiros a entrarem nas carruagens são as crianças e mulheres, que se lançam como um enxame, e, depois, os homens. Meia hora mais tarde o comboio já está lotado. Outras centenas de pessoas que não conseguiram obter a passagem estão do lado de fora. Mas o grupo de soldados é privilegiado, ocupando dois vagões, o que obriga o povo a estar mais apertado do que já estava.

Não há indicação da lotação nas carruagens, mas em cada uma delas vão mais de duas centenas de pessoas. Apertados e uns quase a caírem em cima dos outros, os passageiros agarram-se ao que podem. O comboio já está em movimento, porém, ninguém se queixa ou reclama e tão-pouco revela estar preocupado com as condições em que são transportados. Até porque, para os viajantes, o que mais importante é chegar ao destino.

Volvidos 20 minutos, o comboio abranda na primeira estação para levar outros viajantes. E outras dezenas de mulheres, com bebés nas costas segurados por capulanas, e homens carregando bagagens entram na locomotiva. Não há espaço. “Já não há lugares, mas mesmo assim deixam subir outras pessoas, enquanto não permitem viajar outras dezenas na estação principal”, comenta um passageiro.

O fiscal, com a ajuda de um segurança, tenta arrumar as pessoas de modo a que caibam mais no comboio. “Senhora aí encosta mais para o canto. Papá aqui retira a mochila das costas e coloca depois da cadeira. Diga a esse jovem aí para afastar mais para

a frente para esta moça de blusa preta poder ficar de pé aí ao lado”, ordena.

Ganhar a vida no comboio

No interior, nem todos são passageiros. Algumas pessoas aproveitam para ganhar a vida, vendendo lugares para os que viajam de pé. Com embrulhos e certa astúcia, ocupam uma cadeira concebida para três pessoas. Diante da indiferença dos fiscais, cobradores e segurança, percorrem os viajantes e o preço varia consoante o destino. Para os que vão até ao município de Cuamba, província de Niassa, o assento é vendido a 75 meticais – refira-se que o bilhete de Nampula para aquele ponto do país custa 135 na terceira classe. Mas eles preferem ceder por duas horas ao valor de 20 meticais e no fim da viagem amealam, em média, 500.

Ismael tem 26 anos de idade e dedica-se a essa actividade há quatro meses. O seu investimento em cada viagem é o preço da passagem: 135 meticais. É, no seu entender, um negócio lucrativo. “Até ao destino junto pelo menos 600 meticais, é a única forma que encontrei para ganhar o sustento da minha família”, conta. Pai de dois filhos e vivendo maritalmente, quase todos os dias jovem dorme no portão da estação para ser o primeiro a entrar no comboio e ocupar uma cadeira. “Mas nem sempre é fácil ser um dos primeiros da fila porque, além de mim, existem outras pessoas que fazem esse trabalho”, diz.

No corredor, passam à rasca senhoras, e não só, com trouxas na cabeça à procura de lugar para se sentarem e não encontram. Sem dinheiro para pagar um assento para toda a viagem ou por duas horas, a solução é sustentar-se sobre os tubos de metal que servem para guardar as bagagens. Mas, muitas vezes, o cansaço fala mais alto. O mais impressionante é que no comboio ninguém comenta ou lamenta essa prática que a cada dia que passa vai ganhando o rosto da normalidade.

Emilia Amade, de 28 anos de idade, viaja há mais de cinco horas de pé. Com um bebé no colo, ninguém lhe oferece um lugar. É como se ela não existisse naquele mundo, e nos bancos concebidos para três agora encaixam-se quatro indivíduos. Mesmo assim não há lugar para ela e o seu filho com menos de seis meses de vida. “Já custa caro subir o comboio e ainda temos de pagar para sentar. Vinte meticais para ficar sentada apenas durante duas horas é muito, se eu retiro esse dinheiro não

terei o que comer ao longo da viagem”, afirma.

Este é o drama por que muitas crianças, mulheres e adultos passam no comboio Nampula-Cuamba diante da indiferença – também insensibilidade – dos jovens e homens que fingem dormir somente para não cederem o seu lugar. A apenas três horas do destino, Emilia conseguiu um espaço para se sentar. Foi um grande alívio, pois não se aguentava de cansaço.

A semelhança de Emilia, está também uma senhora – aparenta mais de 30 anos de idade – que viaja de pé há mais de cinco horas com uma criança nas costas e no braço uma menina. Porém, não



teve a mesma sorte. Sem dinheiro para obter um lugar, teve de viajar com o filho preso com capulanas aproximadamente 12 horas.

Além do negócio dos assentos, também o comércio informal ganha a vida no interior formando um mercado ambulante onde se vende quase de tudo, desde caldo de cozinha, panelas e capulanas, passando por brinquedos, DVD's e pilhas, até refrigerante, bolachas e pão.

Como se não bastasse viajar de pé, os passageiros são obrigados, de dois em dois minutos, a apertar-se ainda mais nos corredores do comboio para dar passagem aos vendedores ambulantes que, carregando os seus produtos, vão procurando potenciais clientes. Ouvem-se murmúrios entre cortados por vozes dos jovens comerciantes: “Tenho refrescos e água”, “capulanas, duas 200 meticais”, “caldo, caldo”, e assim por diante. “Estou a pedir uma sprite”, grita rapariga encostada à janela.

Há aproximadamente um ano que Edson Celestino, de 23 anos de idade, faz do comboio o seu posto de trabalho. Vive em Cuamba, sua terra natal, mas a sua vida é dividida entre esta cidade e Nampula. Ele compra refrigerantes, sumos e iogurtes para

revender ao longo da viagem. “É assim que sustento a minha família”, diz.

Por dia, em média, Edson factura 1500 meticais. Tem a renda de casa por pagar e um agregado familiar constituído por quatro pessoas a quem garantir o sustento diário. “Não há emprego em Cuambanem em Nampula e esta é a única solução que encontrei para ganhar dinheiro de forma honesta”, afirma.

Ao contrário de Edson, Joaquim Vicente, ou simplesmente Quito, de 27 anos de idade, trabalha para terceiros. Vende capulanas, brinquedos e pilhas e ganha 20 por cento da renda diária. Dedicava-se a essa actividade há dois meses.

tário, um desrespeito à dignidade humana. Os passageiros têm de sobreviver a tudo: empurrões e resistir ao cansaço, além de partilhar o espaço com sacos de tomate, cebola e milho, cana-de-açúcar, bananas, entre outros produtos. E ninguém se pode queixar em caso de ser empurrado ou pisado, pois a reacção é automática e surge em forma de uma pergunta: “Porque não vais na carruagem de segunda classe?”.

Mas o grande drama não é viajar apertado, mas sim a falta de casas de banho. Os compartimentos onde outrora funcionavam, agora acolhem pessoas que não conseguiram apinhá-los no interior das carruagens. As necessidades, tancadas a maior como menor, são feitas quando o comboio abrandar. O risco de ser deixado em terra é enorme, pois a paragem não leva mais de cinco minutos. E o mais caricato é que, para quem se encontra no meio do amontoado de gente, precisaria de pelo menos cinco minutos para descer. Por essa razão, é frequente ver-se passageiros a correr atrás da locomotiva.

Durante a viagem, as pessoas falam de quase tudo – do preço alto dos produtos vendidos nas estações, dos militares que ocupam duas carruagens, das paragens demoradas do comboio, do tempo e da vida, mas ninguém comenta sobre as (péssimas) condições em que são transportados. Aos passageiros, a enchente parece normal. “Até que não está assim muito mau. Não queiras viajar na época de férias escolares, isto fica irrespirável”, diz Ismael, o jovem que me vendeu um lugar depois de quatro horas a viajar de pé.

A fim de saírem e entrarem outros passageiros, foi necessário proceder-se a 20 paragens. A cin-



co horas do destino, a locomotiva registrou uma paragem de aproximadamente uma hora devido a um problema mecânico. Sem nenhuma informação do que se estava a passar, os passageiros abandonaram as carruagens e, instantes depois, a situação foi resolvida. Quando o relógio marcava 17h05, o comboio apitou três vezes, assinalando o fim de um martírio a que, de terça a domingo, os moçambicanos são submetidos.

Publicidade

Vale 5.00 Mt DESCONTO na compra de uma 1 caixa BELA ESPARGUETE

Oferta Válida para o mês de Novembro
Limitado ao stock e disponibilidade

Apenas nas lojas SASSEKA



Massa Espanhola Bela - Cx 20x400g
300,00 Mt

Vale 15.00 Mt DESCONTO na compra de 1 embalagem de 20KG AÇUCAR OURO

Oferta Válida para o mês de Novembro
Limitado ao stock e disponibilidade

Apenas nas lojas SASSEKA



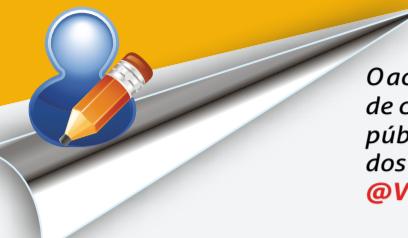
595,00 Mt
Açucar Ouro
Emb de 20x1 Kg

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Beira	Sexta 04	Sábado 05	Domingo 06	Segunda 07	Terça 08
	Máxima 29°C Mínima 23°C	Máxima 34°C Mínima 22°C	Máxima 26°C Mínima 23°C	Máxima 28°C Mínima 23°C	Máxima 27°C Mínima 23°C

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Atraso na emissão de Certificado de Emergência

O meu nome é Estêvão Francisco Ndimande. Ando muito agastado com o trabalho desempenhado pela Migração de Maputo. Ou seja, submeti, no dia 21/06/2011, o pedido de Certificado de Emergência, o qual devia ter saído no dia 5/07/2011 (15 dia depois do pedido ter dado entrada). No entanto, três semanas depois (21 dias) disseram-me que devia voltar aos serviços de migração na semana seguinte. Porém, no referido dia informaram-me de que o expediente se teria perdido, situação que me obrigou a pedir uma segunda via, cujo limite de validade era o dia 6/09/2011.

Fundo este prazo, desloquei-me ao local com o objectivo de levantar o documento. No entanto, tive a informação de que só daqui a dois meses é que será possível. Então, o que eu quero saber de quem de direito é:

1- será que ainda vai sair o documento?

2- porque é que chamam de documento de emergência e leva tanto tempo?

3- ainda falta quanto tempo?

Processo número 138985

Recibo 127813

Agradeço a resposta

Resposta

Mediante a preocupação do senhor Estêvão Francisco Ndimande, o **@Verdade** contactou a Direcção de Migração da Cidade de Maputo.

No local, contactámos o Gabinete de Reclamações que é responsável pela resolução de casos do género. Com base nos dados apresentados na carta (números do processo e recibo) foi possível localizar o processo em causa, entretanto este ainda se encontra em andamento, segundo revelou o técnico de atendimento do referido gabinete.

Segundo a fonte, a situação do senhor Estêvão afecta mui-

tos outros cidadãos e a Migração está a trabalhar no sentido de ultrapassar o problema.

No tocante aos prazos de emissão dos documentos, a Migração reconhece o atraso, e defende que tal situação aconteceu devido ao decretado cancelamento temporário na emissão do Certificado de Emergência.

A Migração apela à calma de todos os que estão numa situação semelhante à do senhor Estêvão, e aconselha-os a procurarem pelos seus serviços daqui a dois meses, a fim de receberem os seus documentos, pois **"até lá todos os certificados que estão atrasados estarão prontos"**.

Nota da Redacção: Como forma de saber do devido andamento do processo, **@Verdade** aconselha o senhor Estêvão a procurar os serviços de Migração daqui a dois meses e comunicar o desfecho do caso ao Jornal, para que com a solução obtida estejamos à altura de responder com conhecimento de causa aos demais leitores que estejam a passar pela mesma situação.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal **@VERDADE** não controla ou gera as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: **por carta – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115.** A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Afinal, qual é a nossa prioridade?

As decisões que o nosso Governo tem tomado ultimamente parecem estar longe daquilo que são os seus discursos. Quando se espera que este faça algo que realmente beneficie o povo (que o elegeu), este opta por "brindar" as multinacionais e as empresas nas quais detém interesses.

Recentemente, a Assembleia da República aprovou, sob proposta do Executivo, a Revisão da Lei 17/2009 de 10 de Setembro, que versa sobre o Código do Imposto sobre Consumos Específicos (ICE) que prevê, dentre outras alterações, a redução da taxa sobre Consumos Mínimos, a incidir sobre a designação pautal "cervejas de raízes e de tubérculos", no caso particular a mandioca, dos 40% tributados às outras cervejas (de malte) para 10%.

Segundo o ministro das Finanças, Manuel Chang, esta medida "visa encorajar a entrada da cerveja nacional baseada na mandioca no mercado, tendo em vista a valorização desta matéria-prima (de produção local) e o encorajamento dos novos processos produtivos que potenciem a utilização dos recursos nacionais, incorporando neles mais valor".

A outra alteração tem a ver com a isenção de pagamento do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) de que os bens e produtos a ser usados em pesquisas mineiras passarão a gozar.

Curiosamente, este instrumento legal foi aprovado um dia antes do lançamento da Campanha Agrária 2011/2012, cujas cerimónias centrais tiveram lugar na província de Manica e foram dirigidas pelo chefe do Estado, Armando Guebuza. Em todo o país, os agricultores queixam-se da falta ou do alto custo das sementes, insumos e de outros materiais usados na produção agrícola.

Sendo esta (a agricultura) uma actividade definida como sendo a prioridade e base de desenvolvimento do nosso país, o que levou o Governo a não incorporar estes e mais elementos na lista de produtos que passam a gozar de isenções de pagamento do IVA?

Para além de olhar para a agricultura como prioridade, o Executivo tem, nos seus discursos, instado o empresariado (nacional e estrangeiro) a apostar mais no mercado nacional. O Governo perdeu uma grande oportunidade de mostrar, com acções, que esta (criação de incentivos para atrair o empresariado) é uma das suas prioridades.

Tendo em conta que o país não possui nenhuma fábrica de sementes e de insumos, ao isentar estes produtos do pagamento do IVA, o Governo estaria a abrir espaço para o aparecimento de empresários interessados em investir neste sector (tão vital para o país), e, por via disso, facilitar o seu acesso por parte dos agricultores.

Qual é a necessidade de isentar os bens e produtos a serem usados nas pesquisas de recursos naturais, se estes, quando descobertos, não servem ao povo moçambicano? Diferentemente dos agricultores, as multinacionais nunca apareceram – pelo menos implicitamente – a público a queixar-se do pagamento deste imposto.

Antes pelo contrário, muitas delas, se não todas, gozam de inúmeras vantagens pois para além de explorarem os nossos recursos, o Governo abriu mão de certos impostos, o que tem suscitado vários debates, com os analistas a defenderem a sua cobrança.

Pelos vistos, o chefe do Estado foi à província de Manica simplesmente para presenciar (e dirigir) a cerimó-

nia do lançamento oficial da campanha agrária e não para levar mais uma mensagem de esperança aos agricultores, que têm feito das tripas coração para produzir alimentos e abastecer o mercado nacional, que, ironicamente, vive de importações.

Em relação à produção da cerveja à base da mandioca, a empresa Cervejas de Moçambique irá adquirir a matéria-prima aos agricultores.

Não estaremos a repetir o erro cometido aquando da introdução dos biocombustíveis produzidos à base da jatropha, em que as populações deixaram de produzir culturas alimentares para se dedicarem ao cultivo daquela matéria-prima que, no fim de contas, resultou em prejuízos porque não conseguiram comercializá-la?

Aliás, a deputada Isidora Faztudo, que é também Presidente do Conselho de Administração das Cervejas de Moçambique, defendeu, na sua intervenção, a necessidade da (rápida) aprovação daquele instrumento legal, deixando transparecer o conflito de interesses (e a insensatez) que reina(m) no país.

Oxalá o Pacote Anti-Corrupção, que há muito aguarda a sua aprovação, venha pôr um a esta questão (de acumulação de cargos). Só esperamos que a sua discussão não seja (mais uma vez) protelada para permitir que esta anarquia se perpetue.

A Assembleia da República não está isenta desta culpa. Parece que ela não tem o espírito de crítica, simplesmente aprova o que o Governo submete sem dar a sua opinião, talvez por a bancada maioritária ser do mesmo partido que o Governo.

É por isso que toda a proposta que vem do Governo é (imediatamente) aprovada sem que a "casa do povo" emita o seu parecer, ou seja, não tira e nem acrescenta uma vírgula que seja.

Esta questão (de alargar a lista dos bens e produtos que passa(ria)m a gozar de isenções) foi levantada também por um deputado da oposição, mas os deputados da bancada maioritária assobiaram para o lado e deixaram passar a proposta sem ao menos reflectirem sobre as verdadeiras necessidades do povo.



facebook.com/JornalVerdade tem 9.177 leitores em Moçambique

ACOMPANHE AS NOTÍCIAS TODOS OS DIAS EM

verdade.co.mz flash NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

**NIASSA****Polícia apreende mais de 170 kg de soruma**

A Polícia da República de Moçambique na província do Niassa, em coordenação com o Gabinete de Prevenção e Combate à Drogas (GPCD), apreendeu de Janeiro a Setembro de 2011 corrente, 171 quilogramas de Cannabis sativa, vulgo soruma, segundo revela o relatório de actividades do GPCD, divulgado em Lichinga, capital provincial do Niassa.

As quantidades da soruma apreendida aguardam pela incineração e foram apreendidas nos distritos de Mecanhela, Sanga, Muembe, Lichinga, Metarica, Mavago, Ngaúma, Marrupa, Cuamba, Lago, Mandimba e na capital provincial, Lichinga.

Em conexão com os casos da droga, foram instaurados 17 processos-crime, tendo 29 in-

divíduos sido recolhidos aos calabouços, dos quais 25 são moçambicanos, três tanzanianos e um malawiano. Ainda de acordo com o documento, alguns indivíduos foram julgados e condenados a penas que variam de três a seis meses de prisão, e outros continuam detidos a aguardar julgamento.

Entretanto, no período em análise, as autoridades sanitárias no Niassa atenderam 19 indivíduos toxicodependentes, 13 dos quais por causa do álcool e seis por consumo de soruma e tabaco. O facto mais curioso é que todos os diagnosticados com toxicodependência são professores, dos quais uns foram desintoxicados voluntariamente e outros compulsivamente. /Escrípção.

**CABO DELGADO****Namanhumbir: Vai iniciar construção de acampamento provisório**

Já foi adquirido o equipamento para a construção de um acampamento provisório na região mineira de Namanhumbir, distrito de Montepuez, no sul de Cabo Delgado, segundo Asgar Fakhr, da Mwiriti, Lda, empresa que trabalha na área, que pretende iniciar a exploração, através de uma "joint-venture" com um poderoso grupo britânico da área de mineração, a Gemfields.

Mesmo antes do fim dos procedimentos considerados formais, a futura "joint-venture", que será designada Montepuez Rubi Mining, Lda, em que a moçambicana Mwiriti, Lda, contará com 25 porcento das ações, ficando a parte maioritária para o referido grupo britânico, já está a dar passos no terreno, no início de um investimento que só em 2012 vai rondar os 20 milhões de dólares norte-americanos.

Fonte da Mwiriti, Lda, revelou que com este valor serão construídos escritórios na cidade de Montepuez, abertas picadas no interior da mina, casas para o corpo directivo e visitantes, para além de outras infra-estruturas necessárias ao início do projecto. Segundo Asgar Fakhr, o acampamento, de 38 casas, será constituído por três blocos, designadamente administrativo, residencial e técnico, sendo que ainda se prevê a montagem de uma bomba de combustível com capacidade de reserva de 150 000 litros.

Fakhr acrescentou que antes do fim de Novembro próximo, a energia da rede nacional chegará ao interior da mina de Namanhumbir, dando início ao processo de construção que se espera envolva muita mão-de-obra local e não só. /Notícias.

**NAMPULA****Reciclagem de lixo doméstico em Nampula**

Um centro de compostagem de lixo doméstico para o seu uso como adubo orgânico (composto orgânico) acaba de entrar em funcionamento na cidade de Nampula, uma saída encontrada para a minimização dos problemas de proliferação, pelas artérias e periferia da urbe, das sobras de frutas, vegetais e legumes. O centro de compostagem de lixo, sob gestão pública-privada, localiza-se no bairro suburbano de Muahivire e tem uma capacidade instalada de produção de 120 toneladas de adubo orgânico. Segundo o director provincial da Coordenação da Acção Ambiental, Armindo Cháque, a compostagem é de extrema importância para o meio ambiente e para a saúde dos seres humanos, visto que os restos de frutas, legumes e outros vegetais

usados como matéria-prima no processo de produção de compostos orgânicos são retirados dos montes de lixo que abundam na urbe. A acumulação de resíduos orgânicos a céu aberto favorece o desenvolvimento de bactérias, vermes e fungos que, por seu turno, causam doenças, para além de favorecer o desenvolvimento de insectos, ratos e outros animais nocivos. Para o caso de embalagens de plástico, que proliferam em tudo o que é canto da cidade de Nampula, chegando a ameaçar as condutas de drenagem, aquele responsável revelou que foi igualmente criada uma unidade que se dedica à sua reciclagem. Segundo ele, trata-se de uma inovação que para além de preservar o meio ambiente está a criar postos de emprego. /Notícias.

**TETE****Rede de telefonia móvel chega às localidades**

O governador da província de Tete, Alberto Vaquina, anunciou há dias que todas as sedes distritais e alguns postos administrativos e localidades estão cobertas pela rede de comunicação de telefonia móvel, situação que melhorou as comunicações e transmissão de dados entre os cidadãos residentes nos meios rural e urbano.

"Hoje, dadas as novas tecnologias, conseguimos comunicar-nos e trocar dados por meio de telefone, o que significa um grande impulso no desenvolvimento", disse Alberto Vaquina. Entretanto, uma das operadoras de telefonia móvel em funcionamento no país, a Vodacom, acaba de instalar e pôr em funcionamento mais de 15 novas antenas em vários distritos da província para permitir a cobertura e a ligação

entre os meios urbano e rural, em termos de comunicação e transmissão de dados. O delegado da Vodacom em Tete, Chabir Hassam, afirmou que as novas antenas que entraram em funcionamento nos finais do mês passado vão melhorar a rede de cobertura daquela telefonia móvel entre as cidades e o meio rural, facilitando o cidadão na sua comunicação e transmissão de dados com o mundo exterior.

Chabir Hassam apontou que os grandes constrangimentos residem nas vias de acesso rodoviário aos locais definidos para a instalação das antenas e em alguns locais a empresa é obrigada a abrir picadas para a transição das viaturas que transportam equipamentos, bem como para a manutenção das antenas. /Notícias.

**SOFALA****Dondo: Água chega a mais de 85 mil pessoas**

Um total de 85.061 pessoas, representando 53 porcento do universo de aproximadamente 143 mil habitantes do distrito do Dondo, em Sofala, bebe água potável captada nos 188 furos abertos desde 2008 até Agosto passado. Trata-se de um processo que conta com uma maior contribuição da "Iniciativa Um Milhão" financiada pelos Governos de Moçambique e Holanda e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em curso nos oito distritos das províncias de Manica, Sofala e Tete até 2013. Segundo o director da Unidade Técnica de Abastecimento de Água e Saneamento (UTAAS) no Dondo, Fernando Npoloqué, mais dez fones de abastecimento deste precioso líquido vão ser construídos naquele distrito até Dezembro próximo, nomeadamente na localidade de Chinamacondo, enquanto no próximo ano vão

ser criadas 30 unidades do mesmo género. Npoloqué acrescenta que se registam nos últimos tempos na região poucas avarias das fontes de água, graças à intensa sensibilização das comunidades pelos activistas da sua instituição baseada nos cadernos de sustentabilidade. A avaliar pelo impacto do programa, reduziu-se drasticamente a procura de água para consumo no seio dos habitantes do distrito de Dondo, onde igualmente as autoridades camarárias se responsabilizam pelo fornecimento de água na autarquia.

Falando por ocasião da passagem do "Dia Mundial de Lavagem de Mão", celebrado sábado passado em todos países membros da Organização das Nações Unidas, a fonte acrescentou que a abertura de furos de água abrange neste programa todo o distrito de Dondo. /Notícias.

**ZAMBÉZIA - Governo provincial investe mais de 36 milhões de meticais em estradas asfaltadas**

O governo da Zambézia vai investir mais de 36 milhões de meticais para a manutenção de 627 quilómetros de estradas asfaltadas. A Administração Nacional de Estradas (ANE), na Zambézia, lançou há dias um concurso público para a conservação de vários troços com grande peso económico na província, sendo que parte daquele lote já está em manutenção desde o início deste ano.

São sete os principais troços, nomeadamente, Alto-Molocuê / Rio Ligonha, Nicoadala / Rio Zambeze, Nampevo / Alto-Molocuê, Quelimane / Namacurra, Milange / Fronteira de Melosa, Nampevo / Gurué e Zalala / Quelimane. Para além destes troços, há outros que igualmente precisam de reparação urgente para fazer fluir o trânsito rodoviário, mas a falta de capacidade financeira à altura

das necessidades faz com que sejam definidas prioridades pelo executivo da Zambézia. É desejo do governo provincial da Zambézia criar condições de trânsito rodoviário mais fluído e fazer com que o escoamento da produção dos principais centros de produção para os de consumo ocorra sem grandes sobressaltos.

A província da Zambézia tem a maior rede de estradas mas nem sempre isso significa maior volume de investimentos para pôr em marcha o plano de reabilitação e manutenção das mesmas. Muitas estradas já têm mais de 10 anos e precisam de outro tipo de investimento para lhes dar maior consistência face ao peso de viaturas de grande tonelagem que transitam por essas rodovias. /Notícias.

**MANICA****Cinquenta tractores reforçam produção agrícola**

Cinquenta tractores e respetivas alfaias agrícolas vão ser entregues aos camponeses dos dez distritos de Manica, como medida de reforço à capacidade produtiva daquela província, no quadro da "Revolução Verde" e do Programa de Acção para a Produção de Alimentos. O anúncio da disponibilização daqueles equipamentos agrícolas foi feito, domingo último, pela governadora provincial, Ana Comoane, no decurso de um comício popular na sede do distrito de Bárue, orientado pelo Chefe do Estado, Armando Guebuza, que presidiu ao lançamento da campanha agrícola 2011/2012, cujas cerimónias centrais tiveram lugar naquela vila. Com os referidos tractores e usando os meios tradicionalmente disponíveis, a província de Manica prevê um incre-

mento considerável no tocante às áreas e índices de produção, prevendo-se, na presente campanha agrícola, lavrar 861.021,9 hectares e colher o equivalente a dois milhões, 66 mil e 132 toneladas de culturas diversas. Na safra finda, a província de Manica, produziu um milhão, 802 mil e 752 toneladas de culturas diversas, das 1.522.967,90 toneladas planificadas. Na referida safra, estiveram envolvidas 212 mil famílias. Para além disso, aquela província prevê atrair mais investimentos sobretudo para a indústria de processamento local de fruta, nomeadamente manga, banana e outras e assegurar o funcionamento da fábrica de processamento de algodão em construção na vila de Guro, distrito do mesmo nome. /Notícias.

**INHAMBANE****Cresce efectivo bovino em Inharrime**

O distrito de Inharrime, na província de Inhambane, regista um crescimento considerável de gado bovino, ao arrolar no ano passado cerca de 16 mil cabeças, contra 14 mil em 2009.

De acordo com o director das actividades económicas naquele distrito, Afonso Timóteo Sambo, este crescimento deve-se à introdução do fomento agro-pecuário em 2006, sendo que na altura o distrito conta com um efectivo de apenas 9.262 cabeças. Por outro lado, os agricultores ganharam consciência de que a criação de bois é benéfica porque para além de os ajudar na lavoura, contribui também para o melhoramento da dieta alimentar e dos seus rendimentos. No que concerne ao tratamento, Sambo disse que está tudo assegurado uma

vez que no distrito existem tanques carracidas para o banho do gado, sem no entanto ter precisado o número. "Temos feito também vacinações contra a dermatose nodular, carbúnculo sintomático e hermético, portanto, não temos grandes problemas na componente tratamento, o único apelo que fazemos é que logo que iniciar o tratamento do gado, os criadores o levem para os locais previamente identificados", afiança.

Por seu turno, Zulmira Fabião Sitoé, uma das beneficiárias, disse ser a primeira vez que vai criar bois, esperando ser bem-sucedida, tendo como base a experiência dos outros criadores já abalizados na matéria. /Escrípção.

Uma nova instituição de microfinanças, denominada Crédito Lhuvucane, entrou oficialmente em actividade sábado último, na vila da Macia, na província de Gaza, acto aplaudido e festejado de forma exuberante pelos municípios locais por constituir uma alternativa oportuna e viável para as populações de baixa renda, incapazes de aceder aos bancos comerciais.

Trata-se de um banco privado pertencente ao cidadão nacional Jaconias Massango, que iniciou a actividade com um capital social de pouco mais de trés milhões e seiscentos meticais e conta, actualmente, com mais de 580 clientes, constituídos, nomeadamente, por praticantes do comércio informal e de actividades agro-pecuárias. O Fundo de Reabilitação Económica (FARE) foi um dos maiores impulsionadores da iniciativa, /Notícias.

ao comparticipar com mais de sete milhões de meticais, designadamente para a construção do imóvel onde funciona o banco, para além de financiamento para a aquisição de meios circulantes e informáticos, entre outras intervenções de vulto.

Segundo informações facultadas no local pelo director-geral do FARE, Augusto Isabel que se deslocou à Macia para testemunhar o acto, a materialização daquela iniciativa surge no quadro dos esforços do Governo moçambicano, através do Fundo de Reabilitação Económica, de estimular os privados para o impulsionamento da economia rural. Para o efeito, aquela instituição oferece aos seus mutuários taxas de juro que variam entre 10 e 13 por cento, com um período limite de três anos para o reembolso do crédito concedido. /Notícias.

**MAPUTO****Reclusos fogem do Comando da Cidade**

Seis perigosos cadastrados evadiram-se entre domingo e segunda-feira, das celas do Comando da Cidade do Maputo, onde se encontravam a cumprir penas, confirmou ontem uma fonte da Polícia na capital. Trata-se de um lugar considerado mais seguro que a Cadeia de Máxima Segurança (BO), acolhendo, por isso, os mais dese-

midos criminosos. Informações dão conta que três dos reclusos se escapuliram no domingo e igual número na segunda-feira à noite.

Um sétimo cadastrado foi recapturado quando tentava fugir da cela na segunda-feira. Aliás, de acordo com as fontes, foi este que terá despertado

a atenção dos guardas do que estava a acontecer nas celas. Ainda não se sabe como é que os cadastrados fugiram, mas há uma versão segundo a qual eles terão se escapulado através de um buraco aberto na parede, com recurso a instrumentos contundentes, e uma outra indicando que as portas não estavam devidamente fechadas.

O porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM), na cidade do Maputo, Orlando Mudumane, confirmou a evasão mas se escusou a entrar em detalhes, alegadamente por ser prematuro dar qualquer informação sobre o caso, prometendo pronunciar-se em momento oportuno. Sabe-se que nos últimos tempos, dentre vários

reclusos mantidos nas celas do Comando da Cidade do Maputo, destaca-se Aníbal António dos Santos Júnior, mais conhecido por Anibalzinho, encarcerado naquele local desde Janeiro de 2005, declarado como um dos culpados na morte do jornalista Carlos Cardoso. /Notícias.

Falta-nos atitude

Há situações que envergonham por si quem as determina e quem delas é vítima. A isenção concedida aos mega-projectos, apresentada semana passada no Parlamento, é desse jaez. Se estivermos atentos aos dados fornecidos por fontes alheias à propaganda dos que nos governam ficamos envergonhados com o lugar que nos cabe: povo humilde, subserviente e burrificado. Aqueles que, como nós, nada mandam e a todos os "mandos" devem obediência, também se devem sentir envergonhados.

O pior, no meio desta fantochada, é que partidos como MDM e Renamo, os quais defendiam ferozmente, pelo menos publicamente, a renegociação dos mega-projectos mudaram de posição do dia para a noite. Efectivamente, na hora de demonstrar o quão detestam, deploram e discordam de tais isenções guardaram a dignidade, a rectidão e os escrúpulos num picador de papel. Consenso assim, só na altura dos Navarras e dos aumentos principescos de que beneficiam anualmente os ilustres deputados.

Nós sentimos vergonha. Não adianta dizer que não mandamos em nada. Todos juntos mandamos muito mais do que aqueles que nos mandam.

Se os olhássemos de frente e lhes disséssemos que basta, que queremos ser respeitados, que não estamos dispostos a viver eternamente à espera de promessas, se não aceitássemos desculpas, se batéssemos o pé a cada tentativa de nos esmagarem com taxas de lucro máximo, com o desbaratamento dos nossos recursos e com tantas outras coisas que todos os dias nos barram o caminho sempre que precisamos de um despacho, outro galo cantaria. Se disséssemos um rotundo NÃO àquilo que não compreendemos porque nos é imposto, ao arroz de terceira qualidade, à crise do gás e do pão, do transporte e do óleo, da farinha e do tomate, do habitação ao acesso aos cuidados de saúde, se em suma exigíssemos ser respeitados enquanto sujeitos de direitos face a esses que se julgam autorizados pelo voto a fazer tudo e mais alguma coisa, poderíamos estar seguros de que teríamos um país melhor.

É tempo de fazermos alguma coisa diante desta promiscuidade política. As eleições estão à porta e temos uma oportunidade ímpar de demonstrar o nosso descontentamento. Não é segredo para ninguém que paira um sentimento de insegurança generalizado devido à possível manifestação dos desmobilizados, à fuga de cadastrados das celas de um comando policial e a essa eventual prostituição judicial.

Portanto, hoje mais do que nunca, há uma necessidade inadiável de nos levantarmos contra esse estado letárgico de coisas que tem manifestamente favorecido as mesmas gravatas de sempre e sistematicamente excluído, marginalizado e asfixiado no marasmo existencial a larga maioria dos "apátridas" nacionais.

"No 'O País' digital de hoje com um título no qual a palavra premiado aparece entre aspas: "O Governo elegeu 11 membros para a Comissão Nacional dos Títulos Honoríficos e Condecorações, um dos quais Yaqub Sibindy, presidente do bloco da oposição construtiva. (...) Pela sua forma de fazer oposição, na forma de Oposição Construtiva, ou seja, uma oposição normalmente à oposição e à Renamo em particular, Sibindy acabou merecendo um cargo político de confiança" Carlos Serra in Diário de um Sociólogo



Boqueirão da Verdade

"A mentira da mCel faz bradar os céus. Mandou publicar em tudo o que é sítio que ela anda a compensar os clientes pelos "danos" causados pela avaria. Na verdade, isso não passa de uma publicidade e propaganda descaradas. Compensar significa pagar pela mesma ou outra via aquilo que alguém teria perdido em consequência de um acto perpetrado por alguém. Eu não perdi crédito naquele dia. Perdi negócios chorudos. Eu exijo como compensação o Dinheiro perdido. E mais, a palhaçada da dita compensação exige que alguém compre a recarga para ter o dobro. Se se tratasse de facto de compensação, devia acordar com dez mil meticas em crédito porque o meu duo é de 5 mil/mês", Egídio Guilherme Vaz Raposo in Facebook

"A entrevista ao jornal Sol tem como ângulo de abordagem a crise económica mundial e os movimentos de contestação que se verificam um pouco por todo mundo, é aqui onde o escritor surpreende pela negativa quando diz «é preciso sair à rua, é preciso revoltarmo-nos, é preciso esta insubordinação». A minha pergunta é: terá o escritor medido a dimensão dos seus pronunciamentos? Ou disse mesmo isso e o significado é mesmo esse? Mia, vamos sair à rua para nos revoltarmos? É isso que queria dizer? Temos que ser insubordinados? É isso que queria dizer? Mia Couto antes de

miar dessa forma, acho que devia ter avançado de uma solução ou opinião como intelectual, procurando mostrar a outra face da moeda. É tarefa de qualquer intelectual tomar posições, quanto a mim, que não estimulem violência, desordem social, etc.", Lázaro Maurício Bamo in Facebook

"Nota que, enquanto muitos governos na Europa estão a ter a tendência de contenção de despesas, reduzindo ao máximo aquilo que são despesas públicas, por exemplo, o número de vereadores, o número de câmaras, de distritos, nós estamos a fazer o contrário. Estamos a aumentar o número de instituições públicas. Provavelmente, vamos ter que pagar o preço disso mais tarde", Mia Couto in O País

"No caso de Moçambique, sou contra manifestações de violência, sou contra a manifestação que ocorreu em Setembro, sou contra manifestações que, agora, alguns políticos anunciam como trampolim para chegarem ao poder. Fazem manipulação daquilo que são sentimentos das pessoas para, depois, cavalgarem acima disso e tirarem vantagens pessoais", Idem

"... o Mia terá exprimido os seus sentimentos como cidadão cansado da tamanha injustiça social e desgovernação, para além da delapi-

dação das nossas economias por um punhado de gente. Creio e analiso que antes de o Mia ser a figura de proa que é, é um indivíduo qualquer. As coisas estão intolerantes", David Gabriel Nhassengo in Facebook

"Meus companheiros, o Governo não nos faz nenhum favor governando-nos bem e dando soluções para os nossos anseios. É seu dever! É para isso que lhe demos mandato. Como nossos empregados, cabe a nós, como VERDADEIROS CIDADÃOS, criticá-los e fazê-los com frontalidade e responsabilidade usando todos os meios possíveis para nos fazermos ouvir. Este país precisa de massa crítica que se vai formando nestes meios onde nos encontramos a toda hora ...", Júlio Muthisse in Facebook

"A discussão relativa ao Anti-Corrupção da UTREL no parlamento pode ser a razão (...). Parece que os camaradas preferem discutir a pobre proposta de Revisão Constitucional e não coisas sérias como os vários salários que os deputados recebem de empresas públicas, instituições tuteladas em adição ao que tiram da Assembleia. A aprovação deste pacote (principalmente no que concerne à definição de Conflito de Interesse) vai produzir uma grande dentada nos orçamentos desse pessoal ...", Manuel J. P. Sumbana in Facebook

OBITUÁRIO: Florian Albert - 1941 - 2011 70 anos



O antigo avançado húngaro Florian Albert, vencedor do prémio Bola de Ouro, morreu nesta segunda-feira, anunciou o seu clube de sempre, o Ferencvaros, sem revelar, no entanto, a causa da morte. Albert tinha 70 anos e foi submetido recentemente a uma intervenção cirúrgica.

Considerado um dos futebolistas mais completos da sua geração, fez parte das grandes seleções húngaras dos anos '60, tendo estado presente em duas fases finais dos Mundiais de 1962 e 1966, para além de haver conquistado a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1960. Foi 75 vezes internacional e marcou 31 golos. Nascido a 15 de Setembro de 1941, em Hercegszántó, Albert estreou-se pelo Ferencvaros – cujo estádio tem o seu nome – aos 17 anos e ficou no clube durante toda a sua carreira, marcando 245 golos em 339 jogos, entre 1958 e 1974. A "France Football" atribuiu a Bola de Ouro a Albert em 1967, ficando à frente de Bobby Charlton, sendo até hoje o único húngaro a receber a distinção. Albert é o quinto recipiente do prémio a morrer, depois de Stanley Matthews (premiado em 1956), Ovar Sivori (1961), Lev Yashin (1963) e George Best (1968).

SEMÁFORO

VERMELHO – mcel



Não há desculpa para tanta incompetência. Essas idas e vindas da mcel conjugadas com o número de clientes que esta operadora apresenta só dão razão aos que afirmam que "moçambicano gosta de sofrer". Porém, o pior nem é ficar desligado como tem sido frequente, é a desculpa esfarrapada da compensação. Ou seja, as pessoas ficam horas a fio privadas de um serviço pelo qual pagam e bem, perdem balúrdios de dinheiro e grandes oportunidades de negócio, e o melhor que a orgulhosamente moçambicana consegue dizer é "vamos duplicar o crédito". Haja paciência.

AMARELO – Crise de medicamentos



O pior que pode acontecer, num país, é a falta de sensibilidade dos dirigentes. A confirmação, segundo a qual o país não dispõe de verbas para abastecer o sistema nacional de saúde com medicamentos é disso um exemplo flagrante. Não há sensibilidade e nem respeito pelos moçambicanos. Aliás, há prioridades que são do interesse exclusivo de quem governa, e essas não passam por assistir quem vota. Só assim é que podemos explicar o despesismo no acessório e ausência de meios no essencial. País das maravilhas este.

VERDE – Artur Semedo



Artur Semedo aparece como verde do semáforo pela forma como conduziu a Liga Muçulmana ao título, confirmado agora matematicamente. Este é o terceiro da sua carreira. Um feito que ganha ainda maior relevância se tivermos em conta que foi conquistado num campo difícil e contra tudo e todos. Ainda que o verde seja mais justificado pelo trabalho realizado ao longo da época do que propriamente pelos obstáculos reais e imaginários no caminho de Semedo. Em suma: a competência foi sempre o maior triunfo contra a sabotagem.

MOÇAMBIQUE: UNINDO PEQUENOS AGRICULTORES PARA UM FUTURO MELHOR



Este post é parte de nossa série 7 Biliões de Ações, patrocinada pelo UNFPA. Enquanto a população global alcança a marca de 7 bilhões de pessoas, as nossas ações, mais do que nunca, fazem a diferença.

A nossa história vem do extremo norte de Moçambique, um país empobrecido de África, de cerca de 20 milhões habitantes, dos quais 70% são pequenos agricultores. A história pós-independência de Moçambique tem sido uma montanha-russa de guerra civil e modelos económicos em mudança.

O senhor Júlio dos Santos Pêssego, da província de Niassa, é um sobrevivente. Ele cresceu numa família de pequenos agricultores nas margens de um rio longe da cidade mais próxima e descreve a sua infância como "difícil". Hoje, ele é uma das principais lideranças do movimento campesino da província de Niassa, que vem trabalhando para defender direitos sobre a terra, aumentar a produção de alimentos e trazer prosperidade às famílias de agricultores.

Uma longa jornada

Pêssego recorda ter visto a independência em 1975 como um menino da 2ª classe, depois de ter trabalhado numa empresa de agricultura, cuja tarefa era borifar pesticidas. Nos primeiros anos da independência moçambicana, ele foi forçado a abandonar os seus estudos e nunca completou o ensino básico. Sobre a vida depois disso, ele conta-nos o seguinte:

"Devido à guerra de resistência, abandonei o meu emprego no ex-complexo agro-pecuário e refugiei-me no distrito de Cuamba que era aparentemente seguro. Dediquei-me à produção de hortícolas para o meu sustento. Com o fim da guerra, contornei as montanhas rumo a uma zona denominada Mutaco".

Em Mutaco, ele entrou numa associação de agricultores em 1999 com o objectivo de criar cabras. Pêssego acertou em cheio e prosperou, mas tinha a perspectiva de ajudar outros agricultores a crescer com ele, encorajando-os a enfrentar desafios e a aspirar a algo acima da mera sobrevivência.



Com o seu grupo dedicado, ele fez parceria com grandes ONG's internacionais, administrou financiamentos de doadores europeus, e discutiu com as autoridades moçambicanas em nome dos agricultores. Ele adquiriu a carta de condução por causa do seu trabalho, entre cruzando a província, que é do tamanho da Inglaterra.

"Mas de sublinhar que durante este tempo todo nunca abandonei a produção de alimentos, principalmente hortícolas" afirma.

Construindo um movimento nacional

O movimento campesino emergiu formalmente de cooperativas estimuladas pelo Estado depois de o Governo moçambicano se ter distanciado do socialismo no final dos anos 1980. Tem sido desafiador convencer agricultores de que trabalhar em conjunto pode ser algo gratificante quando não é imposto de cima para baixo.

A organização nacional chama-se UNAC, União Nacional de Camponeses, um guarda-chuva para pequenos grupos cooperativos que actuam a partir dos vilarejos.

Pêssego é pai de sete filhos e um homem fisicamente imponente, de forte convicção, que fala em tons amenos e por meio de aforismos, contos tradicionais e piadas quando se dirige às comunidades. Um dos seus provérbios favoritos vem de um conto do folclore regional, sobre uma lebre e um leopardo: "Se você gostaria de obter alguma coisa, deve fazer por consegui-lo". Com isso ele quer dizer que os poderosos usam a inteligência sobre a força bruta para manter privilégios, e os fracos devem ser mais inteligentes para conseguirem o que precisam.

CARTA DO LEITOR

"QUEM NÃO SABE..... NEM PARA ROUBAR TEM JEITO"

AO PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DA MATOLA

Sr. Director, peço infinitamente a V. Exa. a amabilidade de mandar publicar o meu artigo no seu jornal.

Outra vez aqui estou, para apresentar mais uma daquelas estórias que derivam da falta de cultura de trabalho e de vigilância por parte de quem de direito.

Estou a falar uma vez mais do bairro de Khongolote, concretamente da rua da Mafurreira (N1). Estamos a assistir a pouca vergonha e abuso aos munícipes derivada da falta de fiscalização nas obras ali decorrentes.

Sr. Presidente Nhancale, não sou nenhum "expert" em engenharia de estradas e pontes, mas o que foi feito entre aquelas duas pontecas deixa a desejar e os bula bulas do caminho em comentários, dizem que assim foi feito porque não há dinheiro para comprar quanta pedra ou mesmo areia para ajudar a encher ao mesmo nível. E que o empreiteiro teria falado já com o secretário do bairro no sentido de este mobilizar as pessoas de boa vontade e empresários da zona no sentido de ajudar a limpar aquela situação. Verdade ou não sr. presidente não sei, o que sei é o que estou a ver e chego a acreditar porque nada está sendo feito e já passaram daquele local e pelos vistos não voltarão a acertar o nível.

As obras de reabilitação daquela via iniciaram há sensivelmente trinta dias ou mais, mas ainda não conseguiram fazer meio quilómetro de terraplanagem, mas todos os dias estão lá presentes nas horas de expediente incluindo alguns fins-de-semana, mas nada está sendo feito. O que se assiste e o povo sempre tem razão é o roubo claro, objectivo e cruel do combustível, vendem-no nas redondezas a preços de banana e depois fazem trabalhos de má qualidade alegando falta deste precioso líquido e dinheiro para terminar a obra. A avaliar pelos actos e qualidade do serviço, senhor presidente, se alguém disser que estes homens não fazem estes trabalhos lúdicos, ninguém duvidaria.

Sr. presidente, a rua é estreita e muito arenosa, imagine depois de amontoar as carradas de areia como fica, tanto mais que não tem nenhum plano de drenagem das águas pluviais que distam menos de 100 metros entre a N1 e a vila de Mulauze.

Sr. presidente, eu não sabia que uma escavadora pode ao mesmo tempo servir de cilindro para nivelar a terra.

Só uma ideia sr. presidente, "que tal" se o senhor pusesse de lado as questões de confiança política e relatórios fantoches dos seus vereadores e dar uma surpresa por estes dias àquela rua e quem sabe em todas as zonas reabilitadas e por si conhecidas para ver como está sendo usado o dinheiro por si entregue à mão alheia e que custou sacrifício e muito "papo" aos doadores?

Como se pode constatar sr. presidente, estas são apenas algumas questões visíveis a olho nu e sem precisar de investigar e muito menos provar a sua veracidade, porque todo utente daquela via fala mal de si, e com razão, porque votou no presidente e não nos vereadores que estão neste momento manchando a sua imagem, pois estes deveriam ser o espelho do seu manifesto eleitoral.

Agradeço atempadamente a visita relâmpago e urgente a esses locais e certamente que verá o que acontece de errado e feio fora dos lindos gabinetes e lindos relatórios.

Mais não disse.

MUZAIA GONGONDUANE
27/10/2011

averdademz@gmail.com

SELO D'@Verdade

USAID: CELEBRANDO OS NOSSOS VALORES COMUNS

No dia 3 de Novembro, assinala-se o 50º aniversário da criação, pelo presidente dos Estados Unidos da América John F. Kennedy, da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) – e acontece precisamente quando celebramos os 27 anos de trabalho em Moçambique. Seja vacinando crianças contra doenças que se podem prevenir, melhorando a produtividade das culturas, ou respondendo a calamidades, a USAID tem sido uma força silenciosa do progresso não só em Moçambique, mas em 100 outros países, promovendo um mundo mais pacífico e seguro.

Em Moçambique, a USAID começou por fornecer alimentos para os refugiados e deslocados de guerra nacionais, e posteriormente trabalhou para reconstruir infra-estrutura e meios de subsistência após a guerra. Durante as cheias de 2000-2001, deu apoio monetário aos que foram deslocados e mais uma vez, ajudou a reconstruir caminhos-de-ferro, estradas e pontes.

Em seguida, ajudou a capacitar o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) para responder às calamidades naturais, sem uma assistência significativa dos doadores.

Hoje estamos num ponto de viragem importante. Em parceria com o povo moçambicano, a USAID está a transformar-se de uma agência de ajuda tradicional numa empresa de desenvolvimento moderna, que está a desenendar um novo espírito de inovação e um desenvolvimento baseado em resultados. O nosso sucesso depende de ouvir e estabelecer uma ligação com os líderes locais e as comunidades, aproveitando a confiança conquistada e a parceria estabelecida para apoiar o trabalho vital que ainda tem que ser feito. Juntos, isso vai permitir-nos trilhar um caminho mais directo para sair da pobreza. Juntos vamos combater a pobreza e construir um futuro mais próspero para Moçambique e o seu povo.

Estamos agora a trabalhar em estreita co-

laboração com o Ministério da Saúde para prevenir e tratar doenças graves como a malária, a tuberculose e o HIV/SIDA, enquanto criamos sistemas que cheguem às comunidades para ajudar a garantir a saúde das mães, bebés e crianças através da vacinação, planeamento familiar, nutrição, água e saneamento melhorados. Estamos a trabalhar para melhorar a produtividade dos pequenos agricultores ligando-os aos actores do sector privado que estão em condições de fornecer sementes melhoradas, fertilizantes e novos mercados que trazem um preço mais elevado. E estamos a desenvolver novos programas para melhorar o ensino da leitura nas escolas primárias e a promover uma melhor governação.

Recentemente, visitei aldeias em toda a província da Zambézia para ver o impacto dos programas da USAID em várias comunidades. O chefe da aldeia "8 de Março" mostrou à minha equipa como várias actividades melhoraram o bem-estar e o desenvolvimento da sua aldeia. Os membros da

comunidade assinalaram que com o acesso à água potável e a melhoria das condições sanitárias, os níveis de diarreia baixaram. Por outro lado, a associação dos camponeiros locais está a negociar melhores preços para as suas culturas, as mães e pais aprenderam a usar ingredientes locais numa papa enriquecida que melhora a saúde dos seus filhos e os membros da comunidade estão a mudar o seu comportamento em resposta às mensagens sobre a saúde reprodutiva e HIV/SIDA. Nos seus rostos e nas suas histórias, pude ver como o povo dos Estados Unidos está a ajudar o povo de Moçambique.

Em nome de todos os homens e mulheres da USAID em Moçambique, gostaria de agradecer ao povo moçambicano pela sua parceria e amizade. A USAID vai continuar a reflectir os seus valores comuns, o carácter e a crença fundamental em fazer o que é certo.

*Opinião de Dr. Todd Amani,
Director da USAID/Mozambique,
por ocasião da Celebração do 50º Aniversário da USAID*

Viu algo estranho ou fora do normal? Fotografou ou filmou uma acontecimento relevante?

**Envie-nos um SMS para 82 11 15, um email para averdademz@gmail.com,
um twit para [@verdademz](https://twitter.com/verdademz) ou uma mensagem via BlackBerry pin 223A2D52.**



Sete biliões de paradoxos

Quando Adnan Nevic nasceu, em Junho de 1999 na Bósnia-Herzegovina, recebeu as boas-vindas como o "bebé seis biliões" e mereceu uma visita do então secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan.

Nasceu no dia 31 de Outubro a pessoa número sete biliões num planeta cada vez mais superpovoado.

A julgar pelas tendências demográficas, a menina ou o menino que levou a população mundial a ultrapassar a marca dos sete biliões de seres humanos terá nascido em África ou na Ásia. No entanto, a ONU não está disposta a pôr a mão no fogo prevendo o continente e, menos ainda, identificando o suposto recém-nascido, como aconteceu com Nevic.

Diante do pedido de mais dados sobre esse nascimento, o porta-voz da ONU, Martin Nesirky, disse à imprensa na semana passada que o acontecimento tem mais relação com a população de sete biliões como um todo e com a forma como o mundo pode receber-lá e permitir que viva com dignidade.

Enquanto o aumento demográfico é medido sobretudo quanto ao seu impacto na segurança alimentar, nos recursos, na saúde reprodutiva, nas migrações internacionais, no desemprego e na sustentabilidade, o director executivo do Fundo da População das Nações Unidas (UNFPA), Babatunde Osotimehin, prefere vê-lo de um modo positivo.

"Somos sete biliões de pessoas com sete biliões de possibilidades", afirmou Osotimehin no dia 26, por ocasião do lançamento do informe anual do UNFPA, Estado da População Mundial 2011. Então, em vez de perguntar "somos muitos?" deveríamos perguntar "o que podemos fazer para melhorar o nosso mundo?". O informe indica que a marca de sete biliões chega com êxitos, reprocessos e paradoxos.

As mulheres, em média, têm menos filhos do que na década de 1960, mas os números de fertilidade continuam em alta. E, de forma global, as pessoas estão mais jovens, e mais velhas, do que nunca, diz o documento, indicando outro paradoxo. "Em alguns dos países mais pobres, a elevada fertilidade trava o desenvolvimento e perpetua a pobreza, enquanto nos mais ricos a baixa fertilidade e a bastante escassa população que entra no mercado de trabalho são problemas crescentes", afirma o estudo.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, escolheu o mesmo tema quando afirmou, na semana passada, que o cidadão número sete biliões nasceria num mundo de contradições. "Temos alimentos em abundância, mas há milhões de famintos. Vemos luxuosos estilos de vida, e há milhões de empobrecidos. Contamos com grandes oportunidades de progresso, e também com grandes obstáculos", disse Ban. "Esses são os desafios que devemos e podemos superar. Se investirmos nas pessoas colheremos os melhores dividendos", acrescentou.

Entretanto, a comunidade internacional está a fazer os investimentos correctos, por exemplo, na educação e na saúde reprodutiva? A trágica resposta é não, afirma Barbara Crossette, autora principal do informe do UNFPA e ex-chefe dos correspondentes do jornal The New York Times na ONU.

"A questão não é se o mundo segue para uma quantidade populacional insustentável, mas porque mais de 17 anos depois da Conferência sobre População e Desenvolvimento, no Cairo, em 1994, as suas promessas não beneficiaram as mulheres em alguns dos lugares mais pobres, onde nasce-

rá a maior parte da população deste século", ressaltou Crossette.

Essas mulheres, que sabem como lhes afecta pessoalmente ter muitos filhos, como lhes é difícil educá-los e alimentá-los e conseguir água e comida, não têm as opções que têm as que vivem em países mais ricos, disse Crossette. "Estima-se que mais de 215 milhões de mulheres querem ter acesso ao planeamento familiar e maior controlo sobre as suas vidas reprodutivas e a sua saúde. Centenas de milhares morrem por causas ligadas à gravidez e ao parto, que são completamente evitáveis, mas não têm acesso a anticoncepcionais por diversas razões", acrescentou.

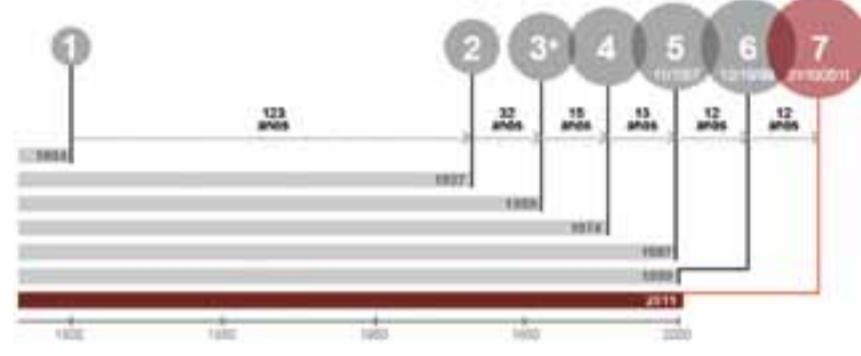
Se dermos a uma geração de mulheres em todo o mundo a atenção que lhes prome-



Aumento da população mundial

Veja abaixo as datas em que o número de pessoas vivas no planeta alcançou marcas de novos bilhões até chegar, em 2011, a 7 bilhões, segundo a ONU

EM BILHÕES



Crossette realizou toda a reportagem para o informe viajando para China, Índia, Egipto, Etiópia, Nigéria, México, Macedónia e Finlândia. Se forem mantidas as tendências de natalidade, a humanidade somará mais de nove biliões de habitantes antes de 2050 e passará dos dez biliões no final do século, segundo estimativas da ONU.

"No decurso da minha vida vi triplicar a população mundial. E dentro de 13 anos verei mais um bilião", disse Osotimehin, ex-ministro da Saúde da Nigéria. Para criar um mundo sustentável e pacífico "deveremos investir com sabedoria", acrescentou. "Mediante investimentos em saúde, educação e mudança para uma economia verde podemos melhorar o bem-estar humano e o nosso planeta. Quando as vidas melhoram, a tendência demográfica ascendente atenua-se", destacou.

Quando lhe perguntaram se a ONU está no rumo certo, Crossette afirmou que "institucionalmente, as Nações Unidas e as suas agências relevantes agiram bem nas suas análises e recomendações". "Contudo, os países-membros e os governos nem sempre converteram essas ideias em ação", acrescentou. "A interacção entre população e desenvolvimento no mais amplo sentido e em muitas facetas deve ser considerada urgentemente, sobretudo em relação às mulheres

e ao lugar que ocupam em cada aspecto da sociedade", afirmou a jornalista.

Em viagens pelo mundo este ano, "conheci mulheres que ainda desejam uma família numerosa, ou que são convencidas a ter mais filhos pelos seus companheiros, pela cultura ou pressões familiares", explicou Crossette. "Também conheci muitas outras que dizem que dois, três ou quatro filhos teria sido o ideal, quando elas têm cinco, seis ou mais, e choram porque as vidas das suas filhas não serão diferentes das suas penúrias quotidianas", ressaltou.

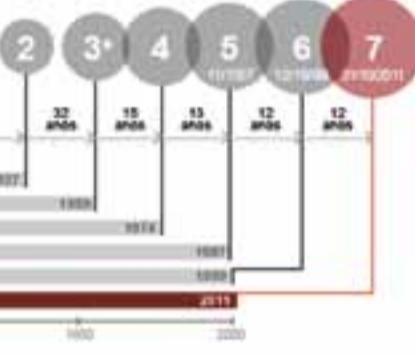
Se dermos a uma geração de mulheres em todo o mundo a atenção que lhes prome-



Aumento da população mundial

Veja abaixo as datas em que o número de pessoas vivas no planeta alcançou marcas de novos bilhões até chegar, em 2011, a 7 bilhões, segundo a ONU

EM BILHÕES



Crossette realizou toda a reportagem para o informe viajando para China, Índia, Egipto, Etiópia, Nigéria, México, Macedónia e Finlândia. Se forem mantidas as tendências de natalidade, a humanidade somará mais de nove biliões de habitantes antes de 2050 e passará dos dez biliões no final do século, segundo estimativas da ONU.

Inclusive a China está a reconsiderar a sua política de filho único, segundo Crossette, tendo em conta que, quando as mulheres têm uma boa atenção em saúde reprodutiva, oportunidade para se educarem e tempo para assumirem actividades económicas que beneficiam as suas famílias e comunidades, a natalidade cai rapidamente, sem a coerção do controlo da natalidade.

Taiwan conseguiu baixar a natalidade mais do que a China e mais rapidamente sem recorrer a medidas coercitivas, tal como muitas outras nações asiáticas que aplicaram programas de planeamento familiar amigáveis e de sucesso.

Segundo Crossette, o crescimento económico está antes e depois dessas mudanças. Ouvir as mulheres, ajudá-las, deveria ser a grande prioridade dos próximos anos, e é preciso começar já. Elas são a chave para estabilizar a demografia humana, para o seu próprio interesse.

Tony Blair, emissário ao serviço de quem?

O antigo primeiro-ministro britânico foi nomeado emissário europeu para o Médio Oriente mas é acusado de se ter aproveitado do cargo para defender os interesses do seu outro patrão, o banco JP Morgan.

Texto: Thalif Deen/IPS • Foto: (UNFPA/ONU)

Emissário para a Paz no Médio Oriente, Tony Blair foi convidado a explicar o seu comportamento durante a visita a Tripoli em 2009, na mesma altura em que o banco de investimentos JP Morgan – que o contratou como consultor por dois milhões de libras (2290 milhões de euros) ao ano – tentava negociar com a Líbia um empréstimo de milhares de milhões de libras. Segundo uma investigação do programa televisivo Dispatches, o antigo primeiro-ministro britânico negociou igualmente dois grandes contratos comerciais nos sectores do gás e das telecomunicações na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, cujos beneficiários eram clientes do JP Morgan.



de Israel a abrir frequências de telecomunicações na Palestina para permitir a presença na Cisjordânia da operadora móvel Wataniya. Esta é propriedade da Qtel, empresa do Qatar especialista em telecomunicações, cliente do JP Morgan, que adquiriu a Wataniya graças a um empréstimo de dois mil milhões de dólares, negociado pelo JP Morgan. "O seu maior contributo (de Tony Blair) para a Wataniya foi a negociação das radiofrequências", confidencia o CEO da empresa. "Foi um momento decisivo. Em Novembro de 2009, éramos insignificantes, mas hoje o negócio está florescente. Capámos 23% do mercado."

O outro grande contrato em que Blair teve interferência dizia respeito ao desenvolvimento prioritário dos depósitos de gás na costa de Gaza, cujos direitos de exploração são detidos pelo grupo BG, também cliente da JP Morgan. "Parece cada vez mais claro que as actividades comerciais de Tony Blair no Médio Oriente são incompatíveis com a sua função de emissário para a paz", declarou Robert Palmer, porta-voz da Global Witness. "Está na hora de ele revelar todos os interesses que representa na região e a quem beneficiam."

Segundo o porta-voz de Blair, o antigo primeiro-ministro desconhecia a relação existente entre o JP Morgan e a Wataniya ou o grupo BG. As alegações de conflito de interesses seriam, por isso, difamação. "Tony Blair tem defendido os contratos da Wataniya e da bacia petrolífera de Gaza a pedido expresso dos palestinianos", acrescentou o porta-voz. "É sua responsabilidade, enquanto representante do Quarteto, fortalecer a economia palestiniana, e o projecto Wataniya representava o maior investimento estrangeiro direto de sempre no território da Palestina. Esta informação não é nova: está no nosso site. Os dois projectos eram apoiados há muito tempo pela comunidade internacional. Blair não teve conhecimento das ligações entre esta empresa e o JP Morgan a esse respeito."

Negócios na Palestina

Enquanto emissário do Quarteto, Blair convenceu o Governo



facebook.com/JornalVerdade tem 62% de seguidores do sexo masculino

Saif al-Islam, filho do então líder líbio, Muammar Kadafi, é apontado como estando a preparar o asilo no Zimbabwe ou para se entregar ao Tribunal Penal Internacional (TPI), como forma de evitar a sua captura pelas novas autoridades da Líbia.

MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

Quem são os palestinianos detidos nas prisões israelitas?

Há, pelo menos cinco mil presos, incluindo menores e pessoas detidas sem culpa formada nem julgamento

Texto: jornal Le Monde • Foto: LUSA

O problema das libertações recíprocas de prisioneiros sempre foi uma questão central do conflito israelo-árabe. Mas o acordo de troca do cabo israelita Gilad Shalit por 1072 presos palestinianos é histórico por várias razões. Trata-se da oitava troca de prisioneiros aceite por Israel desde 1974. Mas, enquanto a maior parte dos israelitas até agora capturados tinha sido aprisionados no Líbano, Gilad Shalit foi o primeiro a ser detido em território palestiniano e, por conseguinte, a ser objecto de uma negociação directa entre Israel e grupos palestinianos que não vivem no exílio. Por outro lado, nunca um soldado israelita tinha sido mantido cativo durante tanto tempo. Este acordo é também o mais "generoso" da história dos protocolos de troca de prisioneiros entre o Estado judaico e os seus vizinhos árabes, atingindo o rácio de mil palestinianos por um israelita. Vai além do de 1983, que, em plena guerra do Líbano, resultou na libertação de 4500 prisioneiros árabes em troca de seis israelitas.

Cinco mil prisioneiros palestinianos

A captura de um israelita nunca tinha sido acompanhada por uma campanha de imprensa tão forte a nível internacional. Hoje, toda a gente conhece o rosto de Gilad Shalit. A luta dos seus pais no sentido de pressionar o Governo israelita causou admiração e gerou uma mobilização mediática e diplomática: de Paris a Nova Iorque, ninguém deixou a história passar em branco. Em contrapartida, são mais raros os órgãos de comunicação que reflectiram sobre o perfil dos palestinianos detidos em Israel, considerados como heróis no seu próprio campo, e dos mil que serviram de moeda de troca.

O presidente da Autoridade Palestiniana congratulou-se com a libertação anunciada de 1072 palestinianos, mas não deixou de insistir no facto de que continuam nas prisões israelitas outros cinco mil compatriotas, "aguardados impacientemente pelas famílias". Em Agosto passado,

a organização israelita B'Tselem, a única que mantém um registo considerado fidedigno sobre os detidos palestinianos, estimava que seriam 5204. Em Junho, a ONG palestina Addameer avançava um total de 5554. Um número bastante baixo, se comparado com os cerca de dez mil detidos durante a primeira Intifada (1987-1993).

A evolução da população prisional mostra que a captura de Gilad Shalit se saldou num aumento imediato das detenções de palestinianos. Em 28 de Junho, dois dias depois de este ter sido feito prisioneiro, Israel lançou a operação "chuva de Verão", que se saldaria em centenas de mortes e detenções. Várias dezenas de deputados do Hamas foram presos e, segundo a Addameer, 15 deles continuam detidos.

Uma vez que não há números disponíveis relativos ao período entre Fevereiro e Junho de 2006, é difícil medir o impacto exacto da operação sobre o aumento da população prisional. Só é possível verificar que, num ano (entre Janeiro de 2006 e Janeiro de 2007), o número de detidos aumentou de 5100 para 9100. Quatro mil detenções, em contraponto com as 1072 libertações anunciadas na terça-feira.

Detenção administrativa

Dos 5204 presos recenseados em Agosto, 272 encontravam-se em regime de detenção administrativa, nalguns casos presos sem julgamento durante vários anos. "Israel não reconhece o estatuto de prisioneiros de guerra aos detidos palestinianos. Na prática, são os regulamentos militares israelitas que regem as condições de detenção", explica a FIDH (Federação Internacional dos Direitos Humanos).

Este regime de detenção administrativa permite deter uma pessoa durante um período que pode ir até aos seis meses renováveis, sem obrigação de a levar a julgamento. "A detenção adminis-

trativa é, além da pena de morte, a única característica jurídica da época do mandato britânico em 1948, que Israel conservou", sublinha o especialista em assuntos do Médio Oriente, Frédéric Encl. Permite à potência mandatária prender qualquer alegado agitador, sem fixar nenhuma data para o seu julgamento.

Em Agosto, a B'Tselem avaliava em 176 o número de menores detidos nas prisões israelitas. Destes, 31 tinham menos de 16 anos. Durante muito tempo, devido aos regulamentos militares aplicados nos territórios palestinianos, Israel considerou como adultos todos os indivíduos com mais de 16 anos, apesar de a Convenção das Nações Unidas relativa aos direitos da criança, da qual Israel é signatário, tal como a sua própria lei nacional, estabelecer a maioridade aos 18 anos (ler o relatório da FIDH sobre o assunto). Perante as críticas que essa disposição suscitava, o Governo israelita acabou por se conformar com o direito internacional. Uma alteração de 27 de Setembro passado aumentou a idade da maioridade dos 16 para os 18 anos.

Em geral, os menores ficam na prisão por um período bastante curto e sem julgamento, o que complica o seu recenseamento. "Há bastante rotação mas o número mantém-se constante", explica Frédéric Encl. "Trata-se, em muitos casos, de delitos dificilmente caracterizáveis, como atirar pedras ou participar numa manifestação. O objectivo é, evidentemente, ser dissuasivo, ainda que o efeito prático acabe por ser o inverso."

Quem será libertado?

Nos termos do acordo entre israelitas e palestinianos, os 1027 prisioneiros serão libertados em duas fases: 477 "no prazo de uma semana" e os restantes 550 "dentro de dois meses". O Ministério da Justiça israelita adiantou que publicaria

na Internet, "o mais rápido possível", a lista dos palestinianos que reúnem condições para serem libertados no âmbito da primeira fase.

Sabe-se apenas que o primeiro grupo inclui 27 pessoas do sexo feminino, ou seja, a totalidade das mulheres que, segundo o Governo, foram detidas por Israel.

Durante muito tempo, Israel recusou-se a que fossem libertados detidos que tivessem "as mãos sujas de sangue", isto é, que tivessem realizado ou ordenado ataques contra o exército e colonos, ou atentados contra civis. No entanto, sob a dupla pressão da opinião pública israelita e da ofensiva de Mahmud Abbas na ONU, o Governo de Benjamin Netanyahu acabou por aceitar libertar alguns dos supostamente não libertáveis, desde que fossem banidos da Cisjordânia.

Do primeiro grupo constam 280 condenados a prisão perpétua. Destes, 203 residentes da Cisjordânia serão expulsos: 163 para a Faixa de Gaza e 40 para o estrangeiro. Em contrapartida, 131 detidos de Gaza, 96 da Cisjordânia, 14 de Jerusalém Oriental e seis árabes israelitas poderão regressar a casa. Contudo, alguns dos mais importantes presos palestinianos não estão incluídos na troca. É, por exemplo, o caso de Marouane Barghouti, um dos dirigentes da segunda Intifada, que cumpre cinco penas de prisão perpétua, e de Ahmed Saadat, secretário-geral da Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP).



Cristina Kirchner chegou, viu e (con)venceu

Vai a primeira Presidente reeleita da América do Sul eternizar-se, manipulando o Parlamento e a Constituição?

Texto: jornal Expresso • Foto: LUSA

A histórica votação de Cristina Kirchner domingo (23) definiu um novo mapa político: hegemonia. Com quase 54% dos votos, a reeleita consolida poder como nunca nos últimos 28 anos, de democracia. Contando com o mandato inicial do seu marido Néstor Kirchner (2003-2007), os 12 anos de 'kirchnerismo' são o período mais prolongado de poder da história argentina.

A diferença de quase 37 pontos para o segundo colocado, o socialista Hermes Binner (16,87%), revela a ausência de contrapesos políticos. Cristina nem precisa de dialogar com a oposição. "Não fazia antes e muito menos precisa de o fazer agora", diz Mariel Fornoni, directora da Management & Fit, grande empresa de sondagens.

A partir de 10 de Dezembro, Cristina terá maioria, tanto na Câmara de Deputados como no Senado. Que se pode alargar com a defecção de eleitos da oposição: os dissidentes 'peronistas' lutam pela sobrevivência política.

Das 24 províncias argentinas, 21 serão governadas por alia-

dos. Cristina continuará com forte influência na Justiça onde, nos últimos oito anos, pouco têm avançado processos contra governantes envolvidos em corrupção. "Aqui, a democracia carece de equilíbrios", diz o analista político, Joaquín Morales Solá.

O Governo pode aproveitar para promover uma alteração constitucional que permita que Kirchner se candidate a um terceiro mandato, quando não a sucessivos. O projecto pode vir disfarçado de semiparlamentarismo no âmbito do qual Cristina Kirchner seria primeira-ministra a partir de 2015. Para isso precisa do apoio de 2/3 do Congresso, logo de negociar algumas alianças.

Além de não precisar de compartir poder, Cristina escolheu a dedo os candidatos para garantir lealdade inquestionável. Fez eleger para o Congresso um representativo grupo de jovens militantes denominado La Cámpora, chefiado pelo filho, Máximo Kirchner. Outros integrantes deste grupo terão altos cargos nos ministérios e em lugares-chave como a segurança social.

"O comportamento dos políticos argentinos quando hegemonicóis é historicamente monárquico. Cristina é uma fiel representante desse estilo", considera o analista político Nelson Castro.

Multiplicam-se os escândalos de corrupção, a inflação real anda pelos 25% ao ano (os dados oficiais não são fiáveis) e há



censura de qualquer voz crítica. Não obstante, três factores explicam a vitória esmagadora de Cristina Kirchner: o crescimento económico (em média de 7% desde 2003), o boom de consumo, a fragmentação da oposição e o chamado "efeito viúva".

Antes da morte do marido e

antecessor na Presidência, há um ano, Cristina só tinha 35% de imagem positiva, segundo a consultora Management & Fit. Dez dias depois do funeral passava para os actuais 64%.

'Chavização' da Argentina

Oposição e empresários temem um aprofundamento do modelo hiperpresidencialista

projectos-chave poderá ser declarar o papel de jornal bem de interesse nacional. Isso permitirá condicionar os principais jornais da oposição, casos de "La Nación" e "Clarín". Para os meios audiovisuais, já existe uma lei, ainda não aplicada, que limita as estações privadas em benefício dos canais estatais.

Um sucessor do peronismo

Há analistas que falam no nascimento de um novo movimento na Argentina, o 'cristinismo', capaz de suceder ao 'kirchnerismo' e engolir o 'peronismo'. "Pretende-se reformar a Constituição para eternizar Cristina ou criar um novo partido político. É nisto que apostam os que se sentem ameaçados pelo 'peronismo' tradicional", observa o académico e sociólogo Ricardo Sidicaro, autor do livro "Os três peronismos".

Embora sem um projecto nacional, o 'peronismo' tradicional (inspirado no modelo do ditador Juan Perón - 1946/55 e 1973/74) tem ambições presidenciais. "O verdadeiro conflito de Cristina não será com a oposição mas com os governadores regionais que

não querem a sua reeleição", diz Sidicaro. O 'peronismo' está representado por governadores de províncias e municípios dos quais Cristina não depende. Eles dependem dos fundos estatais, usados como moeda de troca.

De onde virá o dinheiro?

Os mesmos empresários que não se atrevem a criticar a Presidente em público temem um avanço do interventionismo estatal. Depois da vitória de Cristina ter sido dada como certa, o país entrou em fuga de capitais. Desde o começo do ano, saíram do sistema bancário 21 mil milhões de dólares (15 mil milhões de euros, dos quais 10% fugiram só em Outubro).

Com as exportações para a China (soja) e Brasil (automóveis) a crescerem menos, 25% de inflação, preços dos transportes e energia fortemente sub-sidiados (20 mil milhões de dólares, 14 mil milhões de euros ao ano) e crescentes apoios sociais, decisivos nesta reeleição (10 mil milhões de dólares, sete mil milhões de euros), como continuará Cristina a financiar as suas políticas?



Todos os dias www.verdade.co.mz

Com o aproximar das eleições, acelera a repressão da oposição

No Dia das Bruxas do ano passado, a oposição organizou em Ekaterinburg uma manifestação ousada, apresentando Vladimir Putin como o Conde Drácula e o Presidente Dimitri Medvedev como Frankenstein. Figuras do poder menos conhecidas foram transformadas numa coleção de lobisomens e múmias, deliciando-se a beber sumo da cor de sangue. "As pessoas riram-se", recorda Evgeni Legedin, um dos organizadores, "O riso é a arma mais forte contra os ditadores. Eles não o suportam."

Um ano depois, os activistas de Ekaterinburg estão a pagar o preço por terem sido tão destemidos. Legedin está em Inglaterra à espera de receber asilo político. Maxim Petlin, um autarca municipal sem papas na língua, está em prisão preventiva acusado de receber subornos. Sergei Kuznetsov, um dissidente de longa data, fugiu para Israel. Outro activista partiu para o Reino Unido há poucas semanas. E um quinto crítico do regime, Igor Konigin, continua a lutar, sabendo que a qualquer momento pode ser preso.

"As autoridades acham que as pessoas têm todas que pensar da mesma maneira", diz Konigin, que já esteve preso uma vez. "Por isso, todos os que se opõem estão na prisão. É um aviso para os outros."

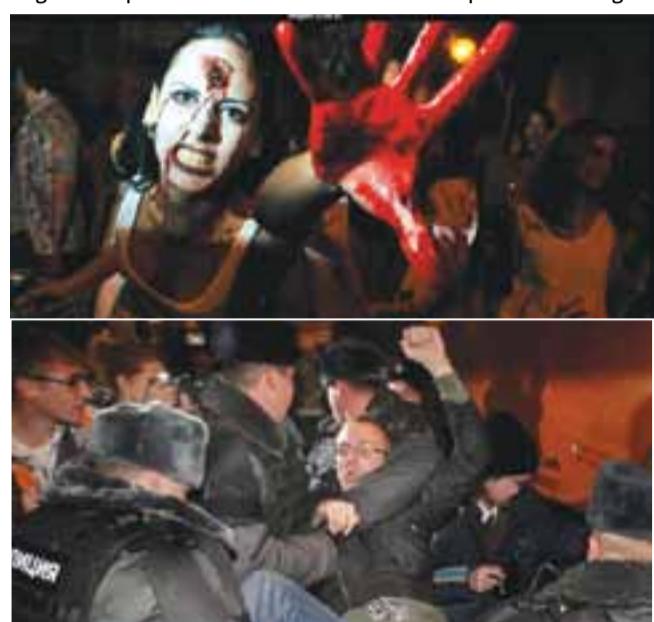
Legedin explica que as autoridades de Ekaterinburg, a quarta maior cidade da Rússia, tornaram-se menos tolerantes do que é habitual ao longo do último ano, devido à aproximação das eleições legislativas de 4 de Dezembro. O partido Rússia Unida, no poder, considera que ter menos do que 60 porcento dos votos será um fracasso inaceitável.

Se o Rússia Unida mostrar alguma vulnerabilidade, todos os cálculos da política russa mudam. O partido representa o poder que o Primeiro-Ministro Putin tem na Rússia. E como ele tenciona voltar a ser Presidente depois das eleições de Março, quer-se apresentar aos eleitores na sua máxima força. E isso deixa muito pouco espaço para políticos independentes.

Na quinta-feira da semana pas-

sada, um político liberal, Leonid Volkov, foi impedido de se candidatar ao parlamento regional depois de um analista

Bashkov, membro de uma comissão que monitoriza o respeito pelos direitos humanos no sistema prisional da região



em grafia ter concluído que 77 assinaturas numa petição eram falsas. Volkov calculou que o perito demorou 7,5 segundos a examinar cada uma das assinaturas, tendo em conta o pouco tempo que demorou a fazer a sua "análise". Volkov foi para os tribunais contestar a sua desqualificação.

Em Fevereiro, Petlin, um activista do partido liberal labloko, foi acusado de ter recebido um suborno de uma poderosa empresa de construção civil a troco de desistir da sua campanha para travar a construção de um centro comercial que irá destruir um parque e invadir parte de um cemitério. Quando foi formalmente acusado, uma centena de pessoas encheu o tribunal, recorda Viacheslav

de Sverdlosk. O que a multidão queria era que Petlin não fosse para a prisão antes de um eventual julgamento.

"Foi quase uma pequena revolução", conta Bashkov. "Ele foi libertado."

Petlin, agora com 38 anos e o único membro do labloko num parlamento municipal com 28 assentos, continuou a sua luta contra o centro comercial. A 26 de Agosto, foi preso preventivamente e levado para o Centro de Detenção n.º 1, que está tão sobrelotado que cada cela tem o dobro de detidos da sua capacidade habitual, conta Bashkov. A tuberculose e a hepatite estão descontroladas. "Estamos a falar de pessoas inocentes que não foram julga-

das", sublinha.

Na semana passada, o seu período de detenção foi prolongado até dia 22 de Dezembro, porque a acusação alegou que ainda não estava preparada para o julgamento. "Penso que ele tinha uma ideia da escala da corrupção", diz Tatiana, a mulher de Petlin, "mas nenhum de nós conseguiu imaginar isto."

Petlin fazia parte da Estratégia 31, que organizou o protesto do Dia das Bruxas e que se manifesta todos os dias 31 dos meses de 31 dias para apoiar o Artigo 31 da Constituição russa, que garante a liberdade de reunião. Outras cidades proíbem com frequência a realização destes protestos e dispersam os manifestantes que tentem contrariar a proibição, mas Ekaterinburg tem autorizado os protestos. Aqui as consequências só se sentem mais tarde.

Crime de calúnia

Em meados de Julho, a polícia acusou Legedin e Konigin do crime de calúnia por terem segurado uma fotografia do procurador com um sinal a dizer "Não à corrupção" num local público. O crime é punido com uma pena de prisão que pode ir até três anos.

Legedin ficou com medo. No início do Verão tinha pedido um visto britânico, na esperança de visitar Inglaterra em Agosto ou Setembro. Quando o papel chegou em Agosto, Legedin partiu. No aeroporto de Heathrow pediu asilo político, deixando para trás o seu emprego numa empresa farmacêutica.

"Eu não queria deixar o meu

país", diz ele, "mas se tivesse ficado, sei que teria ido para a prisão. E isso eu não quero."

Kuznetsov, um activista dos direitos humanos e jornalista de 54 anos, tem feito uma intensa campanha a favor de Petlin, conta a sua mulher Olga Moiseieva. As autoridades nunca lhe perdoaram por ter levado, com sucesso, uma queixa ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos que, em 2008, decretou o direito à liberdade de reunião pacífica na Rússia. Em Maio começou a ouvir rumores de que "os poderes" estavam fartos dele e que tencionavam destruí-lo. Kuznetsov decidiu que tinha de fugir.

Depois de chegar à Turquia, seguiu para Israel com visto de turista. Aí decidiu que iria para o Reino Unido sem visto, conta Moiseieva, o que se revelou um grande erro. Foi proibido de embarcar no avião e preso. Israel quer deportá-lo para a Rússia e permanece detido numa prisão israelita a tentar encontrar um país que o aceite como exilado político.

Konigin era um tenente-coronel na polícia em 2003 quando os seus superiores lhe pediram que os apoiasse numa fraude, assinando documentos falsos para que pudessem apropriar-se de fundos federais enviados por Moscovo. "Recusei e fui despedido."

Depois de contestar o seu despedimento acabou por ter de volta o seu emprego. Uma semana depois foi acusado de ter roubado o dinheiro, o equivalente a 200 mil dólares (cerca de 141 mil euros), que

ele inicialmente tinha recusado ao não pactuar com o esquema fraudulento. Passados dois anos de prisão preventiva, foi condenado a mais quatro anos. Sem ele saber, a sua irmã recebeu indicações de que ele seria libertado se fosse feita alguma espécie de restituição do dinheiro e por isso vendeu o seu apartamento e pagou 50 mil dólares (35 mil euros). Não ajudou em nada.

Em Setembro de 2007, a casa dos seus pais numa aldeia a 40 quilómetros de Ekaterinburg foi misteriosamente incendiada. Os bombeiros não encontraram água disponível para combater o fogo. O pai de Konigin morreu nas chamas.

Depois de ter sido libertado em Janeiro de 2008, iniciou uma campanha para limpar o seu nome. Sem perder tempo, o departamento da polícia apresentou uma queixa contra ele, exigindo o pagamento dos 150 mil dólares que faltavam repor.

Konigin, de 43 anos, e a sua mulher gerem uma loja de impressão na cidade. A mulher tem medo e o casal discute sobre a continuação da sua guerra com as autoridades. Mas eles têm três filhos e Konigin não quer que eles oíam que o seu pai é um ladrão.

"Se queremos estabelecer o primado da lei, temos de passar das palavras aos actos", declara. "E eu decidi agir."

Em Julho foi acusado do crime de calúnia a par de Legedin, mas tenciona ficar em Ekaterinburg. "Nasci aqui. Esta é a minha terra e eu amo-a."

A retórica do "novo Chávez"

Desmente o seu antigo médico e diz que venceu o cancro. Invoca Cristo a torto e a direito e refere-se a Kadhafi como um mártir. Chávez voltou.

Hugo Chávez está de volta. O líder venezuelano anunciou o fim de quatro meses de luta contra o cancro, depois de duas operações em Havana, da extirpação de um tumor pélvico "do tamanho de uma bola de basebol" e de quatro sessões de quimioterapia. Desde quinta-feira da semana passada que a Venezuela assiste com surpresa à ressurreição política do "novo Chávez", como o próprio se chama agora. Calvo, envelhecido, com o rosto deformado pela medicação, mas com a força de sempre. "Foi uma espécie de milagre devido a Deus, a Cristo e a José Gregorio ('médico dos pobres' em honra de quem decretou um Dia de Júbilo e cuja santificação é pedida) e a esta fé e a esta força de viver."

Com o apoio da religião e engrandecido pela mística, Chávez captou a atenção dos jornais, televisões e murais com uma campanha publicitária intitulada "O líder de novo nas ruas, com 20 pontos em saúde", parafraseando a comparação desportiva que ele mesmo utilizou. E com outra frase para recordar que a fé cristã faz parte do seu grito revolucionário: "Todos os dias da minha vida serão para servir a Cristo, no povo venezuelano."

Chávez reconquistou a arena política com um único objetivo: vencer as eleições presidenciais do próximo ano. Invocando Deus e, se for preciso, também o diabo. Pelo menos é o que dizem os seus opositores, depois de mais uma manobra do Governo para estrangular os órgãos de informação indepen-

dentes (uma multa de dois milhões de dólares, 1,4 milhões de euros, à estação Globovisão) e de uma decisão judicial que põe em causa a candidatura de um dos principais opositores, Leopoldo López.

O líder revolucionário afirmou, em várias ocasiões, que a oposição nunca mais voltará ao poder. Adán Chávez, irmão mais velho e um dos possíveis 'delfins', foi mesmo mais longe, recordando Che Guevara: "Seria imperdoável limitarmo-nos à via eleitoral." O mais ousado foi o chefe do Exército, para quem as Forças Armadas nunca reconhecerão um triunfo da oposição. Chávez acabou de aprovar, num país onde os protestos laborais se sucedem, um aumento de 50% do salário dos militares. "Vós mereceis", disse Chávez. Em troca,

os militares galardoaram o seu comandante-presidente com o troféu 'Regresso do ano'.

Contra o ex-médico e a favor de Kadhafi

Antes do combate político, Chávez precisa de convencer um país hedonista como a Venezuela, onde nem a doença nem a velhice são perdoadas, de que está totalmente curado. O terramoto informativo provocado pelas declarações do cirurgião Salvador Navarrete ("tem um tumor com um prognóstico muito reservado e a perspectiva de vida pode ser de até dois anos"), um profissional com prestígio vinculado ao Governo durante a última década, deu origem ao primeiro e único boletim médico em quatro meses: "Encontra-se em perfeito estado de saúde."



Navarrete fugiu na semana passada para Madrid, onde se instalou provisoriamente. Na capital espanhola, ouviu os ataques daquele que, durante anos, foi seu paciente. "É um grande intrujo", clamou Chávez. "Era bom saber quanto lhe pagaram para fazer com que pensem que estou quase a morrer."

O 'novo Chávez' também recuperou o discurso anti-imperialista e a teoria da conspiração, desta vez relacionada com África. "Por mais que se esforcem, nem o cancro nem a NATO travarão este processo democrático e revolucionário", vaticinou o líder venezuelano, antes de render uma homenagem póstuma ao seu amigo, o 'mártir' Kadhafi: "Houve um genocídio na Líbia."

E também um "magnicídio", denunciado em todos os actos do partido governamental. Actos que, sem exceção, terminam com o grito "Viveremos e venceremos!", o novo lema da revolução de Chávez. A verdade é que, hoje, na Venezuela, não passa pela cabeça de ninguém referir o clássico 'Pátria, socialismo ou morte'. Os tempos – e as palavras – mudaram.



13.149 pessoas gostam deste jornal no facebook.com/JornalVerdade

A economia de Moçambique deverá crescer 7,25 porcento este ano e 7,5 porcento em 2012, afirmou recentemente o representante do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Moçambique, Victor Lledó, que defende que Moçambique deve ser mais eficiente na tributação do capital das multinacionais envolvidas na exploração dos seus recursos naturais, para gerar benefícios económicos e sociais para o país.

Não há gás, mas o preço do carvão não subiu

Em 2006, a PETROMOC prometeu uma refinaria. Volvidos cinco anos, não há refinaria e o país atravessa novamente uma "crise de gás" doméstico. Há promessas de que a 15 de Novembro a situação mude para melhor...

@Verdade andou em tempo de ronda pelos postos de venda de gás de cozinha. Viu, ouviu e indagou.

Nem uma só pessoa conseguiu comprar gás pelo preço normal nos últimos dias. Quando haverá afinal disponibilidade do produto? De resto, esta pergunta, mal sonante, está a esconder muita coisa.

Se é verdade que este produto tem de vir da África do Sul, não é menos verdade que hoje, volvidos cinco anos, a refinaria da Empresa Petróleos de Moçambique (PETROMOC) já devia estar a funcionar em pleno.

Efectivamente, tal empreendimento, segundo Francisco Cassimiro, administrador-delegado da PETROMOC, levaria 20 meses a concretizar, para o qual o Estado Moçambicano teria investido 16 milhões de euros para a montagem de duas refinarias, uma de gás doméstico e outra de petróleo de iluminação.

Esta hipótese, diga-se, foi avançada em 2006 após uma crise com contornos semelhantes aos actuais. Ou seja, faltou gás e o horizonte tratou de esboçar uma refinaria. Mas o tempo, dono e senhor da razão, levou-nos à situação actual: sem refinaria e sem gás.

Especulação

Longe ainda e já o célebre odor da velha e anacrónica Baixa da Cidade nos fala dos preços exorbitantes da botija de gás da revolta que efectivamente haveríamos de encontrar nos depoimentos daqueles que amavelmente quiseram referir-se-lhes.

Há gente por todo o lado. Deparamos também com algumas donas de casa (mas estas alheias ao drama das senhoras que procuram gás doméstico) em demanda de carvão que lhes sirva para confeccionar o almoço.

Uma e outra vez uma palavra mais ríspida, solta quando não se encontra o gás desejado ou quando o preço da botija subiu mais do que as economias podem comprar... Por mais espantado que o leitor fique, a verdade é que estas palavras – e aliás perfeitamente compreensíveis – são proferidas por senhoras que sempre cozinharam com gás. Como que escapam, sem querer, e lembram, ali, um grande cartaz onde ficam inscritos os sentimentos de revolta contra um estado de coisas que não pode nem se deve prolongar por mais



tempo.

Motivo: nos postos de venda não se encontra o rastro do famigerado gás de cozinha. Ainda assim, há quem consiga adquirir uma botija por mil e duzentos metacais nos retalhistas. Na verdade, o gás doméstico, o mesmo que alguns consumidores interpelados pelo jornal ainda não viram nas bombas de combustível e nas mercearias, é vendido nos prédios e em alguns mercados por não menos do que 1000 metacais.

O preço do carvão

@Verdade andou pelos principais mercados da cidade de Maputo e verificou que o preço do carvão se mantém inalterado. No Janete, por exemplo, há carvão ao preço de 5, 10, 30 e 50 metacais. O saco, esse, custa 700 metacais. No Xipamanine encontrámos os mesmos preços para as pequenas quantidades. O saco é cinquenta metacais mais barato. Contudo, à medida que nos afastamos do centro da cidade o custo do carvão baixa relativamente.

Por outro lado, a sensação da falta de gás é maior no centro da cidade. Na periferia de Maputo, pessoas há que nem se aperceberam de que falta gás de cozinha.

Rute Silvestre é um exemplo disso. Vive no bairro Luís Cabral e nunca usou gás para confeccionar alimentos. Por isso, "não me faz falta desde que haja carvão". Teodora Fumo é outra senhora que vive do carvão vegetal e desde que a crise do gás assola Maputo a anciã de 56 anos, natural de Gaza, continua a comprar carvão nos mesmos moldes.

"Uma lata de 25 metacais é suficiente para todas as refeições (na verdade é uma refeição). Também não tenho como comprar o saco. 650 é muito dinheiro, com esse valor compro um saco de arroz".

Na verdade, a equação de Teodora é simples. Compra o carvão cedo, mas só cozinha no final do dia. É que, se nas manhãs consegue comprar uma lata de 25 metacais,

O que diz a IMOPETRO

Em comunicado distribuído nesta terça-feira, a Importadora Moçambicana de Petróleos (IMOPETRO) refere que esta semana o país vai importar apenas 200 toneladas de LPG, o gás usado para cozinha, contra 6400 toneladas que normalmente importa por semana, devido à suspensão do fornecimento da Engen.

"A refinaria da Engen, de onde é importado o gás que abastece

o mercado moçambicano, vai retomar a sua produção apenas a 30 de Novembro e as outras três refinarias da companhia que produzem o LPG também reduziram a produção", refere a nota da IMOPETRO. A impossibilidade temporária do fornecimento de gás da Engen levou a IMOPETRO a comprar gás da Malásia, mas "devido a questões de segurança operacional" o mesmo só chegará a Moçambique entre 10 e 15 de Novembro próximo, adianta a nota de

imprensa. O plano de o gás importado da Malásia entrar pelo porto de Maputo foi descartado, porque não existe um gasoduto no Porto de Maputo pelo que o gás será descarregado em Port Elisabeth, na África do Sul. Moçambique tem enormes reservas de gás natural em exploração e outras ainda na fase de prospecção, mas ainda não pode aproveitar esse recurso para consumo interno por falta de refinarias e gasodutos.

Publicidade

Para activar o serviço digita: *103*84brada1*84brada2*84brada3*84brada4# e tecla de chamada

Termos e condições: Tarifa aplicável a chamadas feitas directamente no número Vodacom. Disponível para clientes pré-pago e contas. À tarifa 2,5MT/min os serviços SMS activados operam ao pré-pago.

www.vm.co.mz

Moçambique caiu sete pontos percentuais, para a posição 139, no ranking do Doing Business 2012 do Banco Mundial (BIRD) e Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgado, recentemente, por aquelas duas instituições financeiras de Bretton Woods. A queda deriva do facto de, em 2010, não ter efectuado "nenhuma reforma" durante o período coberto pelo relatório.

Ocupe Wall Street para lá da utopia igualitária

O movimento Ocupe Wall Street enfrentou pressões políticas, clima inclemente, violência policial e mais de mil prisões, e continua a crescer no distrito financeiro nova-iorquino onde nasceu há mais de um mês e meio.

Também se espalhou para 100 cidades dos Estados Unidos e de muitos outros países, vinculando-se a movimentos populares da Europa e do mundo árabe e com organizações comunitárias de longa data.

O Occupy Wall Street (Ocupe Wall Street) tem um espaço em todos os noticiários do mundo, e são inúmeras as análises sobre o seu possível impacto político. O interesse concentra-se no que ocorre no Parque Zuccotti, antes chamado Liberty Plaza, no coração do distrito financeiro, embora cada mobilização seja autónoma e se baseie em questões específicas de cada lugar.

O movimento é aberto, em sentido literal e figurado, e voluntário. As pessoas aproximam-se e aderem, seja por acreditar na sua mensagem, que o sistema económico dos Estados Unidos está viciado e precisa de uma mudança radical, ou porque é vítima dele. Em qualquer caso, o sentimento de comunidade é palpável. "A sua estrutura é realmente aberta, qualquer um pode entrar", disse Uruj Sheik, que integra o movimento desde o seu começo. "Basta aproximar-se e assumir um papel. Pode-se participar num comité ou apresentar uma ideia e organizar as pessoas em torno dela", explicou.

Tudo é gratuito na ocupação. Isto pode parecer óbvio e sem impor-

tância, mas a crítica essencial dos activistas ao sistema capitalista é o peso do dinheiro, necessário para toda transacção que se faz na vida possível e desfrutável, desde o alimento e a assistência médica até um espaço para viver ou descansar, comunicar, educar ou divertir-se. O movimento não manuseia dinheiro, salvo o das doações. As pessoas podem ficar, comer, beber, relaxar, ouvir música, ler, falar de política, dormir ou receber os primeiros auxílios sem se preocupar com o dólar. Para os manifestantes, a igualdade não implica que todos tenham a mesma quantidade de dinheiro, mas que tenham o que precisam.

Lily White, técnica em atendimento sanitário de emergência, criou o comité médico. "Instalei a barraca no segundo dia de mobilização, quando éramos poucos e só tínhamos uma sacola de plástico com suprimentos variados", disse. "Agora temos pessoal médico e de enfermaria e duas barracas com suprimentos de qualidade para atender como numa clínica ou sala de emergência, onde os pacientes recebem atenção rápida e gratuita", acrescentou. Segundo White, "a maioria das consultas é derivada de golpes de cassetete dos polícias ou sequelas do gás pimenta que utilizam, mas também atendemos outros problemas ou ferimentos. Agora que está frio, tentamos evitar a hipotermia", ressaltou.

A estrutura e o processo de decisão também assentam em bases igualitárias. Todo o mundo opina, ninguém fica de fora. O órgão principal do movimento é a assembleia-geral, que se reúne uma vez ao dia. É uma reunião aberta, de discussão e o principal espaço de decisão. E a maioria das acções é executada nos comités. Qualquer pessoa pode formar um ou unir-se aos que já existem. Os horários locais dos encontros são divulgados todas as manhãs.

"No começo pode parecer difícil porque há muita gente por todo o lado, mas logo a pessoas dão conta de que existe um sistema a funcionar", disse Shlomo Roth, originário da cidade canadense de Toronto. "O ambiente participativo parece estranho porque nascemos num mundo que nos habita a receber ordens, isto é libertador", acrescentou. "Viajava com minha família e quase nos chocámos com a ocupação, gostámos e perguntámos o que havia a fazer", contou Roth. "Perguntaram a minha especialidade e ofereceram-me várias tarefas. É muito aberto e qualquer um pode participar", acrescentou.

Há, entre outros, um comité de alimentação, destinado a armazenar, comprar e distribuir comida; de salubridade, encarregado da limpeza e da higiene; médico, que colecta suprimentos, recruta profissionais, dá atenção física e psicológica e

treinamento; e de assistência, que organiza e distribui sopa, lençóis, colchas e outros elementos doados. Além disso, existem o comité de segurança, que cuida para que o ambiente seja seguro para todos, e o de facilitação, que reúne e treina pessoas para actuarem como facilitadores na assembleia-geral.

Os comités médico e de alimentação têm uma importância particular porque não só tornam possível que as pessoas vivam no acampamento como também oferecem serviços que hoje a sociedade norte-americana não proporciona, dessa forma pondo em relevo uma forma social alternativa. "Esta é uma atenção médica que o nosso país poderia oferecer à população, e montámo-la na rua em menos de um mês", disse White.

Também há comités externos para organizar acções, criar e relacionar-se com os meios de comunicação, melhorar a presença na Internet, coordenar com a comunidade e os sindicatos, etc. Depois, há grupos informais de arte, música, meditação, teatro de rua, yoga e todo o tipo de actividade que contribua para uma forma de vida holística. Cinco semanas após o seu surgimento, o Ocupe Wall Street é uma comunidade regida por instituições e acções baseadas em princípios solidários e igualitários. Como movimento de protesto, a tática de ocupação é um sucesso

pela sua presença constante e por funcionar como centro de organização de actividades.

E, tão importante quanto isso, o espaço ocupado oferece aos seus participantes a ocasião de criar um microcosmo social no qual gostariam de viver. À medida que o movimento cresce, é claro que esta nova sociedade deixa marcas nos que se ressentem dos fracassos da sociedade norte-americana. Assim disse Sheik: "Estamos a desmantelar o capitalismo e a construir algo melhor aqui mesmo".

Há três papéis previstos na assembleia-geral. O primeiro é facilitar: guiar a discussão e mantê-la no tema escolhido e num tom de respeito; o segundo é levar a lista de oradores e dar a palavra, priorizando os que não falaram; o terceiro é cumprido por todos os demais. Na assembleia-geral, "todos os demais" têm um papel: possíveis oradores, votantes e "microfones humanos".

Usar megafone electrónico exige permissão das autoridades. E as enormes assembleias-gerais são feitas em espaços abertos com intenso ruído urbano de fundo. O microfone humano do movimento é a resposta ao problema: uma vez que alguém tem a palavra, transmite a sua mensagem em frases de três a dez palavras, depois espera enquanto os que ouviram

transmitam aos que estão mais distante. Assim, todos ouvem o orador, e os que falam devem fazê-lo com lentidão e clareza.

As decisões nas assembleias do Ocupe Wall Street são tomadas por "consenso modificado": em vez de 50% mais um dos votos, exige-se apoio esmagador para considerar algo aprovado. Ao ser apresentada uma moção, o facilitador sente a temperatura observando a linguagem de sinais da multidão. Se todos, ou quase todos, fazem com a mão o sinal de "gostei", a moção é aprovada. Se os "gostei" parecem ser em número igual aos "não gostei", tem início a discussão.

Depois do debate vota-se. Mediante sinais com a mão vota-se a favor, expressa-se abstenção ou bloqueia-se. Os participantes são exortados a usarem o bloqueio sómente se estiverem abertamente contra uma proposta, a ponto de abandonarem a ocupação da praça caso seja aprovada. Uma certa quantidade de bloqueios – entre duas e cinco pessoas, segundo o tamanho da assembleia – ou uma esmagadora quantidade de abstenções congelam uma proposta. A primeira coisa aprovada pela assembleia-geral do Ocupe Wall Street foi um código de conduta para a ocupação, garantindo o respeito devido a cada participante e aos seus pertences.

Publicidade

M
DEPÓSITO MILHÃO
• SEJA VOCÊ O PRÓXIMO MILIONÁRIO
• HABILITE-SE AO SORTEIO DE UM MILHÃO DE METICAIS

**O QUE FARIA
COM UM
MILHÃO DE
METICAIS?**

21 35 00 35
82 35 00 350
82 35 00 360
82 35 00 370
84 35 00 350

Millennium
bim



Segunda a Sábado 20h35

A VIDA DA GENTE

Lourenço se surpreende com o valor do cheque que Jonas lhe dá. Nina convida Rodrigo para dormir em sua casa. Iná se preocupa com o atraso de Rodrigo. Cris fica radiante quando Jonas afirma que vai resolver seu problema para engravidar. Lúcio leva Eva para a reunião no grupo de apoio. Laudelino se recusa a contar para Lorena o que está acontecendo. Rodrigo chega em casa e tenta se explicar para Iná. Lourenço pensa em aceitar a proposta de Jonas e Celina fica furiosa. Vitória reclama por ter ido buscar as filhas no colégio. Rodrigo se desculpa com Manuela. Lourenço aceita a proposta de Jonas.



Segunda a Sábado 21h45

AQUELE BEJO

Maruschka estranha a hesitação de Alberto. Rubinho passa a noite no apartamento de Claudia. Bob faz seu show no bar enquanto Íntima recebe a visita de Felizardo. Agenor e Belezinha são assaltados. Bob acha um pedaço do tecido da camisa de Felizardo preso no portão. Agenor fala para o pai que roubaram a van de entrega da confecção.

Locanda vê a camisa rasgada de Felizardo e questiona o marido. Amália conta para o filho que Lucena pediu anulação do casamento e está voltando para o Brasil. Claudia fala para a mãe que terá que sair do seu apartamento e Regina sugere que ela fique na casa de Camila. Deusa desembarca no Rio de Janeiro.

Claudia conta para a mãe que beijou Vicente. Camila e Ricardo concordam em abrigar Claudia. Íntima descobre que Belezinha estava com Agenor quando foi assaltada. Bob encontra a camisa rasgada de Felizardo no

lixo. Marisol é recebida por Maruschka e diz que não quer ser costureira. Otília confirma que o caderno que Olga está procurando é o diário da mãe de Iara.

Claudia chega ao Covil do Bagre com sua mudança e se depara com Vicente. Alberto lança um concurso para descobrir um novo estilista para a Comprare. Raíssa admite que foi procurar emprego na Comprare. Deusa avisa a Eveva que chegou ao Rio de Janeiro. Tibério alerta Ricardo que alguém prendeu Cleo no porão de propósito. Maruschka surge no salão onde Sarita trabalha e se apresenta para ela.



Terça a Sexta 22h45

FINA ESTAMPA

Crô se recusa a acatar as ordens de Íris e Alice. Quinzé discute com Wallace para saber o paradeiro de Teodora e Quinzinho. Patrícia estranha o descaso de Antenor com o sumiço do sobrinho. Paulo se preocupa com as atitudes de Marcela. Baltazar fica furioso quando Celeste avisa que Solange está ensaiando com as amigas. Juan cuida de Fábio. René Junior manda uma mensagem para Letícia. Rafael fica inconformado com a falta de atenção de Amália. Griselda procura Teodora no hotel para pagar a quantia que exigiu para ficar longe de Quinzinho.

Teodora aceita a proposta de Griselda. Tereza Cristina fica irritada ao saber o que os condôminos estão comentando sobre ela. Zuleika entrega Rafael para Juan.



Quinzé fica indignado ao saber que Teodora aceitou a proposta de Griselda. Antenor convence Griselda a fazer a reunião de família. René Junior e Carolina conversam pelo computador com Letícia e Juan, respectivamente. Griselda divide seu dinheiro entre os filhos e Antenor fica inconformado. René sugere que Tereza Cristina visite Patrícia na pousada. Quinzé avisa a Guaracy que vai deixar o Tupinambar.

Sábado 5

- 14:00 - Futebol Barclays Premier League: Newcastle Utd v Everton - SUPERSPORT 3
- 16:45 - Futebol Barclays Premier League: Blackburn Rovers v Chelsea - SUPERSPORT 3
- 19:00 - Futebol Barclays Premier League: Queens Park Ranges v Man City - SUPERSPORT 3
- 22:55 - Futebol Spanish La Liga: Levante v Valencia - SUPERSPORT 3
- 19:25 - Futebol Bundesliga: Bayer Leverkusen v Hamburg - SUPERSPORT 5
- 21:30 - Futebol Serie A: Novara v Roma - SUPERSPORT 5
- 14:45 - Futebol Zambia FL: Zesco Utd v Nchanga Rangers - SUPERSPORT 9

Domingo 6

- 11:45 - Motociclismo: Valencia 125cc - SUPERSPORT 1
- 13:00 - Motociclismo: Valencia Moto2 - SUPERSPORT 1
- 14:40 - Motociclismo: Valencia Main Race - SUPERSPORT 1
- 15:00 - Futebol Barclays Premier League: Wolverhampton Wanderers v Wigan Athletic - SUPERSPORT 3
- 17:30 - Futebol Barclays Premier League: Fulham v Tottenham Hotspur - SUPERSPORT 3
- 18:15 - Futebol Bundesliga: Augsburg v Bayern Munich - SUPERSPORT 4
- 20:55 - Futebol Spanish La Liga: Athletic v Barcelona - SUPERSPORT 3
- 21:30 - Futebol Serie A: Napoli v Juventus - SUPERSPORT 5



O Renascer de Afrodite

A estilista Yolanda Thomas convida para a festa que antecede o seu desfile de moda...
... uma viagem de transições e renascimento da sua marca Afrodite! A personificação da "deusa do amor" será interpretada pela artista Elisangela Rassul.

"É tudo um mistério! não para descobrir, mas para experienciar; nascendo e renascendo, ao longo das eras, recriando-se. A auspíciosa deusa do amor, tecendo o véu da existência descortinando o milagre da vida!"

Por: Elisangela Rassul

4 de Novembro de 2011

23h

Bar Kampfumo, Estação dos CFM (Maputo)

PROGRAMA KINANI Plataforma Internacional de Dança Contemporânea (4a Edição)

8 Jours Autour du Monde Avec Mme. Lebowksi | Danse en l'R - Eric Languet & Fouzulu | França/Reunião & Moçambique

Uma peça coreográfica que não reivindica qualquer conteúdo. Neste ímenos de facebook que se tornou o mundo, já não dizemos nada, comunicamos, vibraremos juntos, e os nossos sentidos só se tornam... Estas colaborações dão visibilidade a outras realidades, na procura de entender a confrontação cultural, dando-nos conta dos limites desse intercâmbio e das diferenças de vida.

Coreografia DANSES EN L'R - ERIC LANGUET & FOZULU | Intérpretes MARIYAA EVRAD, SORAYA THOMAS, FANNY SKURA, GEOFFROY DUMAS, NICOLAS HENRI, ILDO NANDJA, JOSÉ A.D. CHEMANE, JACINTO-MANECAS SIMBINE (ZULU) & HERMÍNIO NHANTUMBO | Iluminação NICOLAS HENRY | som GEOFFROY DUMAS | música PJ HARVEY | Duração: 70 min.

4 Novembro, 20h CCFM Sala Grande

Cala-te! | Maria Helena Pinto | Moçambique

Não falas, ponto! A tua alma pertence-me! No tormento da vida, na dura realidade do que nos escapa nos sistemas das nossas sociedades, afastamo-nos do nosso ser, da nossa essência, de nós mesmos e dos outros. Portanto o materialismo nasce na sua mais poderosa imposição mental, o dinheiro que simbolicamente aniquila a alma humana.

Coreografia MARIA HELENA PINTO | Interpretação JORGE NDLOZY, ROTAFINA ANDICENI & ADEMAR CHAÚQUE | Cantora IRINA CUMBE | Duração: 40 min.

5 Novembro, 20h 30 CCFM Sala Grande

Tanana | Cie. RARY | Madagáscar

Todos os edifícios, independentemente da sua dimensão e complexidade, um parâmetro de cartas ou um império, não poderiam ser compostos sem se reshumanos. As dificuldades observadas durante estes trabalhos são constiuídas por muitas coisas simples. Neste espetáculo, os intérpretes procuram simplificar o que é o mundo complexo, durante suas jornadas.

Conceito e Coreografia ARIRY ANDRIAMORATSIRESY | Duração: 25 min.

5 Novembro, 16h Jardim Tunduru

EVE | collectif AléAAA | França/Reunião

A solidão como tema central... encontrar-se a si mesmo... ousar os seus próprios desejos. EVE é um solo coreográfico, cinematográfico e fotográfico que incarna o estado da solidão comprovado por coisas, que se revelam ao mesmo tempo familiares e estranhas... um momento em que a densidade dos corpos navega entre a realidade e a ilusão.

Coreografia INGRID FLORIN | Interpretação NELLY ROMAIN | vídeo GILLES BAUMES | Iluminação ALAIN CADIVEL | Duração: 45 min.

5 Novembro, 19h CCFM Auditório

Dança&educação ... Diálogo dinâmico entre culturas através do poder da Dança Contemporânea | GISELLA ZILEMBO | Evento Danza | Itália Proposta de um evento focado no intercâmbio cultural entre Moçambique e Itália através da Dança Contemporânea. É um intensivo workshop de educação onde jovens bailarinos da CNCD e formadores italianos trabalham juntos para desenvolver uma performance original.

Direção GISELLA ZILEMBO | Formadoras: GISELLA ZILEMBO & SONIA SANTIN

6 Novembro, Cine África

It's Gonna Blow | Fingersix | Alemanha

Aproxima-se o momento, o mundo agora junta-se anões via satélite, entre a tranquilidade em gansos há uma preparação... maravilha... curiosidade... emoção! Um mistério sem solução, um anão que se comunica com uma outra, uma experiência de mudança de vida, ao vivo do planeta Terra, que vai ser incrível...

Conceito e Coreografia DANI BROWN & MARTA NAVARIDAS | Interpretação FLORENCE DEMESTRI, ALEX DEUTINGER, JIHAE KO & FELIX STRÖBEL | Iluminação HENNING EGERS | Música original ALLESSIO CASTELLACCI | Duração: 60 min

6 Novembro, 20h Teatro Avenida



“**SEI O QUE É BOM
PARA MIM**”



**Menos calorias.
Menos álcool.
Mais leve.**



LOOK GOOD. FEEL GOOD.

Regadio de Chókwè: um monstro adormecido



Para além de ser um distrito potencialmente agrícola, Chókwè tem a vantagem de ser atravessado pelo rio Limpopo – que dá vida ao regadio –, condições que, aliadas à entrega dos seus habitantes, fizeram com que ele fosse responsável pelo abastecimento dos principais mercados do país e alguns da região.

O cenário actual é de (total) subaproveitamento. O seu regadio tem cerca de 23 mil hectares, mas, actualmente, apenas sete mil é que estão a ser explorados, correspondentes a 30,4 porcento.

Este quadro (negro) começou a desenhar-se a partir do ano 1978, quando começaram a surgir diversos problemas no sistema, desde infiltrações e erosão interna da barragem, sabotagem da barragem de Macarretane durante a guerra do Zimbabwe, falta de água no regadio até a falência do CAIL (Complexo Agro-Industrial do Limpopo) e da SIREMO (Sistema de Regadio Eduardino Mondlane). Mas o mesmo agudizou-se com as cheias do ano 2000.

Depois das cheias, que destruíram por completo o regadio, o grande desafio para as autoridades foi/é reconstruí-lo, o que não é tarefa fácil. Esta operação irá terminar, segundo o programa, nos próximos dois anos.

Na última campanha agrícola (2010/2011), houve um fracasso no que diz respeito à produção. Dos sete mil hectares previstos para o cultivo, foram explorados apenas quatro, situação atribuída à chegada tardia dos fundos e às chuvas acima do normal. Contribuíram também para o insucesso os problemas de dragagem do regadio.

Recentemente, foi lançado um concurso para a reabilitação de mais sete mil hectares. A efectivar-se, o regadio passará a contar com 14 mil hectares totalmente disponíveis.

Em relação a este aspecto (drenagem), o Governo central, através do Ministério da Agri-

Diferentemente de outros distritos da província de Gaza que registam bolsas de fome, o distrito de Chókwè é auto-sustentável e consegue abastecer alguns mercados, nomeadamente os de Xai-Xai, Macia, em Gaza, e Zimpeto, na capital do país, em hortícolas, feijão e batata.

a uma média de 2.3 toneladas por hectare.

No período antes da independência, o ponto mais alto foi entre os anos 1974/75, com uma produção de 80 mil toneladas, uma média de quatro toneladas por hectare.

Produtores dizem-se abandonados

Se para alguns a reabilitação do Regadio de Chókwè significa o fim dos problemas e, consequentemente, o reaparecimento do distrito como principal produtor de cereais e hortícolas do país, os agricultores vêem-na apenas como uma parte da solução. Para eles, é necessário olhar também para a questão do financiamento.

A lista das preocupações deste grupo é extensa, mas a principal dificuldade tem a ver com os preços de sementes, fertilizantes e meios de escoamento. "Deviam subsidiar o custo das sementes e criar mecanismos de fixação de preços. Quando vamos vender os nossos produtos os armazémistas é que fixam os preços", dizem.

O processo de produção é muito complexo e oneroso. Primeiro, é preciso limpar o terreno (período da lavoura), o que os obriga a alugar tratores. Os privados cobram 2.400,00 meticais por hectare, contra os 2.000,00 meticais cobrados pela HICEP (Hidráulica de Chókwè), empresa criada pelo Estado para a gestão do regadio. Já no período da gradagem, a HICEP cobra 1000,00 meticais por cada hectare.

Quem não puder alugar um tractor pode optar por contratar pessoas para fazer a limpeza, que cobram 70,00 meticais por cada canteiro. No período da semeadura, o valor atinge os 100,00 meticais por cada hectare.

A seguir à limpeza, têm de comprar sementes, adubos e insecticidas. No mercado local, um saco de 50 quilogramas de adubo custa 1.600,00 meticais. Em relação às sementes de arroz, os produtores contam com o apoio de uma fábrica de pro-



Previsões para a época agrícola 2011/2012

Para a presente campanha agrícola (2011/2012), o distrito prevê uma produção global de 286.126 toneladas de culturas diversas, o que corresponde a um crescimento de 7 por cento em relação à campanha 2010/2011, em que foram produzidas 259.027 toneladas de alimentos. O plantio destas culturas será feito numa área de 74.365 hectares, que inclui o sector familiar.

Na última campanha agrícola, foram produzidas 153.154 toneladas de cereais, 8.777 de culturas leguminosas, 42.960 de tubérculos e 54.136 de hortícolas.

O pico de produção do Regadio de Chókwè no período pós-independência foi atingido em 1980, quando foram colhidas mais de 46 mil toneladas de alimentos numa área de 20.000 hectares, o que corresponde

Em tempos, quando se falava do distrito de Chókwè, uma das coisas, senão a única, que nos ocorria era a imagem de uma zona totalmente coberta de verde, de uma área que podia ter todo o tipo de problemas, menos o da alimentação. Hoje, embora o distrito produza o suficiente para o seu consumo e para a comercialização, já não consegue fazer jus ao nome que lhe foi atribuído no passado, o de Celeiro da Nação.

Texto & Foto: Víctor Bulande

menor for a oferta, maior é o preço". Os camionistas cobram em média 5.000,00 meticais para levar os produtos até ao mercado de Palmeiras (distrito da Manhiça), o mais próximo.

"Só praticamos a agricultura para não morrermos à fome"

A falta de protecção e de uma política de fixação de preços levam os produtores do Regadio de Chókwè a afirmar que a actividade é insustentável e que praticam-na porque não têm alternativa.

"Vontade de trabalhar é que não nos falta, mas as circunstâncias levam-nos a pensar que dificilmente podemos olhar para esta actividade (agricultura) como arma na luta contra a pobreza, tão propagada pelo Presidente da República. Produzimos mas os preços não compensam", afirmam.

A título de exemplo, evocaram o facto de não serem eles a fixarem o preço. Este é fixado pelos compradores. No caso do arroz, uma cultura cuja produção é



Os poucos que existem praticam preços exorbitantes, fazendo-se valer da lei da procura e oferta segundo a qual "quanto dispendiosa, os armazémistas pagam 8,70 meticais, valor que está aquém do investimento que eles – os produtores – têm de fazer.



Os produtos a ser cultivados baseavam-se em: milho, trigo, hortícolas, cana-de-açúcar, arroz (constituía a sétima prioridade), entre outros. A partir de 1958/9, depois das experiências realizadas, o arroz passou a ser a cultura principal.



“O preço ideal – do arroz – seria, no mínimo, quase o dobro desse valor, ou seja, 15,00 (quinze) meticais. A actividade não é rentável. Se ao menos o Governo subsidiasse o custo das sementes, fertilizantes e disponibilizasse tractores ou juntas de bois, a situação podia melhorar”.



Na sua (humilde) opinião, o Governo podia, ao menos, intermediar esta relação entre o produtor e o mercado. “No fim, acabamos por vender porque, primeiro, não podemos deixar os alimentos apodrecerem no celeiro e, segundo, porque os nossos filhos precisam de ir à escola, de vestir, etc.”

O governo distrital tem conhecimento destes problemas pois este tem mantido encontros (quase que) regulares “para auscultar as nossas inquietações e algumas têm sido resolvidas. Já temos energia, água, tractores e muito mais. Mas é necessário que o Governo preste mais atenção ao sector agrícola”.

“Temos medo dos Sete Milhões e do crédito bancário”

Chókwè, para além de ser um dos distritos beneficiários do Fundo de Desenvolvimento das Iniciativas Locais, vulgo Sete Milhões, possui cerca de uma dezena de instituições bancárias, entre comerciais e de crédito, impulsionados pelo nível de desenvolvimento que



aquela parcela do país está a registar.

A presença destas instituições abre espaço para que a questão do financiamento deixe de fazer parte do rol das dificuldades dos produtores daquele distrito, mas parece estar a encontrar vários obstáculos, dentre os quais a questão da insustentabilidade dos juros.

Produtores por nós ouvidos foram unâmines em afirmar que não pedem empréstimos porque, por um lado, os juros são altos, e, por outro, porque a actividade agrícola não é rentável, devido às razões acima referidas.

Leonor Cháique, produtora de arroz, diz que prefere não se “envolver” com os bancos porque, para além de não ser rentável, a actividade é imprevisível. “É normal, sempre que chove, os campos ficarem alagados, quando isso acontece a época é dada como perdida. Os bancos só querem que tu reembolses o valor nos prazos acordados, não querem saber se a colheita foi ou não satisfatória”, acrescenta.

“Mas o mais preocupante é a taxa de juros praticada pelos bancos. Eu não posso pedir cem mil meticais para pagar, por exemplo, uma taxa de 20%. Prefiro sacrificar-me e se fracassar não terei de prestar contas a ninguém. Gostaria de pedir um empréstimo, mas não nestas circunstâncias. Há pessoas que contraíram dívidas junto aos bancos e não conseguiram reembolsar o valor e sofreram as consequências”, concluiu.

Leonor diz que consegue colher, no fim de cada época, cerca de 80 sacos de arroz por hectare, “mas o dinheiro proveniente da venda não cobre nem

sequer metade do valor que eu gasto”.

Em relação aos Sete Milhões, os produtores afirmam que o tempo que se leva para se ter acesso ao valor é muito. “Se eu submeto o projecto em Agosto é porque preciso do dinheiro para usar no mês seguinte para poder adquirir sementes e pagar a limpeza do terreno. Mas o projecto leva mais de um ano a ser analisado e, por vezes, não é aprovado”, disse José Maridze, outro agricultor por nós interpellado.

No seu entender, a questão da demora deve-se às prioridades – pouco claras – definidas pelos responsáveis pela gestão do fundo, neste caso os conselhos consultivos, e ao que chamam de favoritismo. “Eles sabem que na agricultura o factor tempo é determinante. Não posso receber o dinheiro a meio da época”, acrescenta.



Taxa de água pode(rá) aumentar

Entretanto, os produtores do Regadio de Chókwè terão mais motivos para se queixar. É que a taxa de água que eles têm de pagar por época irá ser revista num futuro próximo.

Segundo Alberto Banguine, director técnico da HICEP, a actual taxa é subsidiada pelo Estado devido ao estado de degradação em que o regadio se encontra, “mas assim que ele estiver totalmente reabilitado, irá ser cobrada a taxa efectiva”. Para tal, irá ser contratada uma empresa de consultoria que irá determinar o valor que os produtores terão de pagar.

Actualmente, os produtores pagam 550,00 meticais na época de produção de arroz e 250,00 meticais na das hortícolas, o que totaliza 800,00 meticais por ano.

Alguns produtos (venida em Chókwè) provêm de outros pontos do país

Numa ronda que efectuámos pela cidade de Chókwè pudemos verificar que alguns produtos que ali estão à venda provêm de outros distritos da província de Gaza e, nalguns casos, de outras províncias. São os casos do milho e do carvão.

No caso do milho, este é adquirido na cidade de Chimoio (Manica) e no distrito de Guijá (Gaza) ao preço de 150,00 meticais e comercializado em Chókwè a 180,00 meticais.

Já o carvão custa entre 300 e 500,00 meticais o saco de 50 e 100 quilogramas respectivamente, contra o preço de 750,00 meticais actualmente praticado na cidade de Maputo. Este combustível é proveniente do distrito de Massingir e chega àquele local através de camiões.

Fora o carvão e o milho, todos os produtos que são comercializados na cidade de Chókwè provêm do regadio, nomeadamente o repolho, a cebola, o tomate, o pepino, o feijão, o alho, entre outros.

Outras actividades

A agricultura é a actividade principal e envolve a maioria das famílias locais. As mais importantes culturas alimentares do sector familiar são o milho (o mais cultivado), arroz, mandioca, amendoim, batata-doce e feijão.



No que diz respeito às condições climatéricas, as previsões meteorológicas sazonais para o período chuvoso e ciclónico 2011-2012 apontam para chuvas abundantes em Moçambique, o que constitui um bom sinal para a presente época agrária.

De acordo com o director do Instituto Nacional de Meteorologia (INAM), Moisés Benessene, para o período que vai de Outubro a Dezembro de 2011 espera-se a ocorrência de chuvas normais com tendência para abaixo do normal, na maior parte do país, à excepção da província de Cabo Delgado e a parte norte das províncias de Niassa e Nampula, onde estão previstas chuvas normais com tendência para acima do normal.

Já no período que vai de Janeiro a Março de 2012 espera-se a ocorrência de chuvas normais com tendência para acima do normal para a maior parte do país com excepção das províncias de Cabo Delgado, Nampula e parte nordeste da província da Zambézia.

O director do INAM precisou que estas condições fazem prever uma boa produção agrícola para todo o país, excluindo apenas as províncias de Cabo Delgado, Nampula, leste do Niassa e nordeste da Zambézia.



Fonte: Cardoso Muendane in Revolução Verde em Moçambique

Historial do Regadio de Chókwè

O programa de transformação de Chókwè no celeiro do país foi implementado nos primeiros anos da independência e era gerido pelo Estado através do Complexo Agro-Industrial do Limpopo. Na altura estavam reunidas as condições para uma boa produção, tais como o uso intensivo de insumos agrícolas, de equipamento e forte irrigação. Os resultados não foram consistentes e por diversos motivos o programa fracassou.

O regadio está dotado de infra-estruturas de irrigação e drenagem, obras de defesa contra as cheias do rio Limpopo e pistas para a circulação interna e encontra-se dividido em 10 zonas hidroagrícolas e por diques, constituindo uma das maiores obras de engenharia civil construídas em Moçambique. As suas dimensões não encontram paralelo com qualquer outra obra hidroagrícola, tanto no país como na região da África austral. O regadio está ligado à barragem de Massingir, cujo estudo de viabilidade assenta na garantia da campanha de arroz na época quente e na possibilidade duma segunda campanha.

O empreendimento foi construído nos anos '50 e funcionou regularmente até 1974. A construção da barragem de Massingir iniciou em 1972, para fazer frente à seca que se registava na década de '60. Depois da independência, verificou-se a entrada de um grande número de campesinos, reduzindo a taxa média de terra irrigada por agricultor.

Em 1977, a estrutura de gestão do regadio mudou radicalmente. O colonato foi desfeito, criando-se, no seu lugar, o Complexo Agro-Industrial do Limpopo (CAIL) que ocupou 21.000 ha, ficando a restante área entregue a cooperativas e uma porção insignificante (250 ha) a privados. A gestão das infra-estruturas hidráulicas passou a uma empresa estatal, designadamente o Sistema de Regadio Eduardo Mondlane (SIREMO). Deu-se aqui a separação das duas componentes (hidráulica e agrícola) que até agora se mantém.

Neste momento, o regadio é gerido pela Hidráulica do Chókwè, EP (HICEP), cujo objectivo principal é a “gestão da água, a conservação das infra-estruturas hidráulicas e a representação dos utentes na administração, operação e manutenção dessas infra-estruturas em todo o perímetro de Chókwè”.

Psicologia: Claro, querido chefe!

Em Moçambique os yes men (e women também) proliferam, na sua maioria ligados ao governo e poder político, ultrapassando a ideia de que "em boca fechada não entra mosca". Reproduzimos este artigo, adaptado de uma revista portuguesa, para que possamos entender um pouco mais sobre a mente e motivações daqueles que têm sempre um elogio na ponta da língua e escondem a opinião no bolso quando é contrária à do chefe. São os yes men.

Texto: Adaptado da revista Única • Foto: iStockphoto

Os yes men não são "um fenómeno actual", hoje, como dantes, estribados no poder formal ou na capacidade de liderança, muitos privilegiam os sujeitos concordantes. Segundo especialistas "a discordância constitui um factor de crescimento e aprofundamento do conhecimento e sabe-se que, em geral, as pessoas mais críticas são as mais criativas. Os perigos da concordância sistemática e da recusa de afrontar a opinião generalizada provocam perda de criatividade e decadência de resultados." É preciso cuidado, portanto.

Claro que não se pode criticar um profissional que almeje o sucesso nem um qualquer ser humano que prefira ter uma vida sem grandes atritos. É normal e saudável que assim seja. Mas, a que preços? Os casos em que a integridade de uma pessoa é mais importante do que a carreira têm uma resposta natural, na medida em que esta pessoa norteia as suas decisões por um conjunto de princípios. Quando estes princípios não existem ou não estão consolidados, a ambição de crescer na vida tende a sobrepor-se às considerações de natureza ética ou moral e as consequências podem ser graves.

Que consequências? Para o psicólogo clínico e professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Miguel Tedeiro, "é natural que estas pessoas acabem por somatizar e a insatisfação se veja reflectida na saúde. São processos muito dolorosos", afirma.

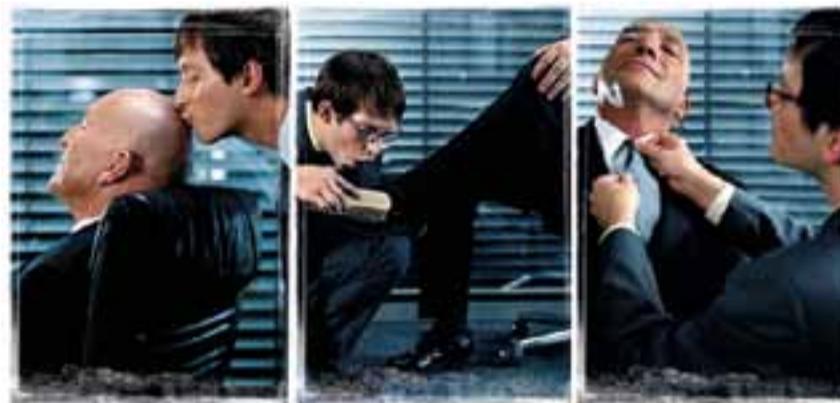
E há tendências e perfis que apontam, à partida, na direcção da concordância sistemática? Há características comuns que podem ser invocadas: baixos níveis de auto-estima, necessidade de agradar, factores de insegurança, dificuldade de decisão e de criticar saltam à vista.

Miguel Tedeiro rejeita qualquer tipo de generalização: "Esta é uma questão muito complexa e, por trás de um único comportamento, podem existir as mais variadas razões. Há comportamentos conscientes e voluntários e também há quem realmente seja mais conservador e conformista e há até quem considere o inconformismo uma atitude ameaçadora", explica o psicólogo.

Cada yes man tem o chefe que merece

Tedeiro diz também que há ambientes que potenciam um comportamento conformista. "O sector bancário é um exemplo clássico, já que lida com o dinheiro de outras pessoas e o risco tem de ser muito calculado", afirma. E, recorda, "os Estados totalitários representam contextos em que o inconformismo é visto como uma ameaça à paz social". Até porque "o conformismo é a base da nossa socialização. Aprendemos a adequar-nos às regras da sociedade, aprendemos, inclusive, quando devemos comer ou dormir. É inerente à nossa condição", afirma. Assim, ninguém consegue ser totalmente anticonformista, embora "todos tendamos ao conformismo e aceitamos as regras porque temos benefícios nisso", conclui.

Há que se explicar ainda que, para que um yes man se instale e prospere, é preciso haver um chefe que o mereça. Um gestor autoritário terá dificuldade em perceber que a confrontação constitui a consequência da sua falta de competência como comunicador. E, nesses casos, o ambiente de trabalho deteriora-se e a produtividade ressente-se. E há também o gestor que, em termos anedóticos, é um tigre no escritório e um gatinho em casa". Alguém que é um



chefe subordinante para cima e muito autoritário para baixo. Quem nunca deparou com um desses?

No artigo intitulado "A Theory of Yes Men", publicado em "The American Economic Review", a autora Canice Prendergast alerta para o facto de que "se os trabalhadores são avaliados com base em pressupostos subjectivos, eles podem distorcer os seus comportamentos na direcção do que eles sentem que os seus superiores hierárquicos querem ouvir". E conclui mesmo que "os yes men parecem estar concentrados entre os trabalhadores menos capazes, com menor capacidade de gestão, em organizações com grande interacção entre gestores e funcionários e em instituições com importantes planos de incentivos".

Começam a surgir os "yes miúdos"

Antes de se assumir como yes man nos locais de trabalho, um indivíduo tem todo um percurso a percorrer e que começa na famí-

Podem resultar em adultos-cinzentos ou passarem-se, o que é perigoso", conclui José Morgado.

Especialista também em desenvolvimento infantil, o psicólogo José Horácio, do Espaço da Saúde da Criança e do Adolescente (ESCA), sublinha que "se a família não estimula a criatividade, a criança poderá limitar o seu comportamento a uma atitude instrumental". Com a adolescência, chega a auto-responsabilização e é o momento por excelência de colocar o poder instituído em causa. Avisa: "Ser bom aluno é diferente de ser boa pessoa e de ter boas notas. Não se devem confundir conceitos, o que acontece actualmente." Como? Incentivando a competitividade – e não a cooperação. E deixa um conselho: "Estamos a construir tecnocratas de mochila, o que terá graves custos no futuro. Só sairemos da crise quando pararmos de falar em competição e começarmos a pensar na cooperação, porque o yes man não pensa no bem-estar do grupo, apenas no seu."

TESTE: Você é um yes man?

1. Se o seu chefe tomar uma decisão com a qual não concorda, toma a iniciativa de lhe ir dizer?
2. Numa reunião, enquanto falava dos projectos para o próximo ano o seu chefe engana-se num número importante. Corrige-o à frente dos outros?
3. Gosta de obedecer a ordens, mais do que toma as próprias decisões?
4. O seu chefe manda-o dispensar um colaborador que você admira só porque tem uma embirração pessoal com ele. Você defende-o com unhas e dentes?
5. O seu chefe tem a mania de estar sempre a dizer piadas nas reuniões. Ri-se das graçolas dele mesmo quando não acha assim tanta graça?
6. Aceita bem a rejeição?
7. Tenta agradar a toda a gente?
8. Quando era miúdo fugia dos confrontos na escola para não ter de andar à luta?
9. Prefere que o ignorem do que o odeiem?
10. Evita tecer críticas mesmo que absolutamente justas para não criar mau ambiente?

Veja as respostas no topo desta secção.

lia. José Morgado, professor do ISPA, explica que é na pré-adolescência que começa a existir desenvolvimento moral suficiente para que se façam escolhas. "E quando se percebe o conceito de reversibilidade", afirma. O que quer dizer? Que antes dos 10/11 anos uma criança pensa que basta afirmar que "foi sem querer" para desculpar qualquer comportamento menos correcto.

Além disso, explica, há miúdos ditos divergentes, aqueles que, quando o professor os manda pintar um desenho de azul, perguntam logo se não pode ser de cor de rosa. José Morgado diz que estas crianças "dão um trabalho enorme ao sistema de ensino, que está montado para a normalização". E defende que "a aprendizagem seja um processo social", mas deve estar "preparado para algumas situações que fujam à conformidade". Explica também que "o que a escola e a família desejam é um comportamento próximo do adultomorfismo, os miúdos perfeitos". Daí que começem a surgir os "yes miúdos", diferentes dos yes men. Os primeiros adoptam o comportamento que se espera, os segundos são calculistas. "Fico afilito com os miúdos supercertinhos.

Conselhos para não ser yes man

Já agora, ficam aqui alguns conselhos de mero bom-senso para que seja possível manter pontos de vista próprios e até discordar do chefe sem que a consequência seja a perda do posto de trabalho.

Em primeiro lugar, é preciso ter capacidade para assumir riscos, porque nem todos os chefes conseguem lidar com as críticas dos subordinados. Por mais amigável e aparentemente democrática que seja a crítica, vale a pena reflectir sobre as consequências que ela pode significar para a relação.

Em segundo lugar, é importante ser discreto: a crítica deve ser directa e não levantar suspeitas de insubordinação colectiva. O momento tem de ser muito bem escolhido e, por isso, quanto mais pública for a crítica, pior para quem a faz.

É importante ser objectivo e, sobretudo, estar preparado para a reacção. E, se nos dias a seguir, o ambiente na empresa se deteriorar de forma evidente, poderá ter chegado o momento de procurar um novo emprego...

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Saibam como fazer a higiene masculina correctamente!

Olá meus queridos leitores! Como havia prometido na edição passada, o tema de hoje aborda aspectos chave a serem tidos em conta para uma higiene masculina de forma correcta. Homens, leiam com atenção, chegou a vossa vez! Apenas alguns homens sabem que a limpeza genital masculina é uma forma de prevenir o cancro de pénis, isto é, um homem que não realiza a higienização correcta do seu órgão genital tem maior probabilidade de sofrer da doença. Se não fizerem a lavagem correcta, pode-se dar o caso de aparecerem algumas bolinhas brancas, pequenas e pastosas que contêm um odor forte, desagradável e reúnem condições para originar inflamações e infecções. Por este e outros motivos é de grande importância que o homem tenha uma óptima higiene íntima tanto quanto a mulher, e, caso tu não saibas como realizá-la correctamente, aqui vão algumas sugestões: Lava diariamente o pénis com água corrente e sabonete neutro; diminui o excesso de pelos da região peniana para não ferir a glande (cabeça do pénis); lava o pénis antes e depois da relação sexual, pois a secreção vaginal pode provocar inflamações e irritações quando permanece por longo período no órgão genital. Se ainda não fizeste a circuncisão (retirada da pele que cobre a cabeça do pénis), dirige-te à unidade sanitária e procura saber mais acerca desta pequena cirurgia que traz consigo muitos benefícios para a tua saúde sexual e reprodutiva. Previne-te sempre, este é o melhor caminho para garantir a tua boa saúde e do teu grande amigo.

Se quiseres perceber melhor acerca deste ou de outros temas que passam por aqui, envia as tuas questões.

Envie-me uma mensagem

através de um sms para

821115 ou 8415152

E-mail: averdademz@gmail.com

Olá Tina, eu sou Otled. Gostaria de saber se é possível aumentar o tamanho do meu pénis sem ir ao médico, porque o meu tem 9cm ereto.

Oi, Otled. Obrigado por partilhar a tua preocupação e acredito que isso vai ajudar muitos outros leitores que ainda não tiveram a oportunidade de partilhar as suas dúvidas. Devias ter colocado a tua idade, para que eu pudesse ajudar-te com essa preocupação. Um pénis de 9cm é normal na adolescência, portanto fica complicado para mim explicar-te se deves ou não esperar para atingires uma certa idade até que o teu pénis alcance o tamanho considerado normal na fase de um adulto, que é de 10.5cm a 17.5cm estando ele ereto. A deficiência hormonal é uma das causas principais para o não desenvolvimento do pénis. Em relação às técnicas para o aumento de pénis, posso assegurar-te que a reposição da testosterona (hormona masculina) é a mais indicada, mas existem outros tratamentos com aparelhos específicos e até cirurgias que visam o aumento do tamanho do pénis, porém, estas últimas ainda não apresentam resultados tão promissores. Portanto, por se tratar de um órgão delicado, deves ter sempre orientação de um profissional de saúde especializado para que não causes danos irremediáveis. Procura um urologista, para que ele possa orientar-te melhor acerca desse assunto e arranjarem alguma solução para que te sintas mais confortável e confiante durante as tuas relações sexuais. Não te esqueças do velho ditado que diz: "Tamanho não é documento", isto para dizer que, para um bom desempenho sexual do homem, não é o tamanho do pénis que faz a diferença, mas sim os preliminares e como tu vais fazer uso dele. Usa sempre o preservativo para te protegeres das ITS/HIV, assim como da gravidez indesejada.

Comecei a tomar a pílula dia 19 de Setembro de 2011. Tive relações nesse dia e depois só tive no dia 22 do mesmo mês. Hoje, dia 06, verifiquei que tinha 02 pílulas a mais. Zanguei-me com o meu namorado no dia 24 de Setembro. Nunca mais tive relações. Estarei grávida? Fernanda.

Olá, Fernanda. Espero que esteja tudo bem contigo. Segundo o que tu descreveste em relação à tua da pílula, devo dizer-te que alguma coisa não está certa. A carteira de pílulas normalmente contém 21 pílulas combinadas. Se iniciaste a tua da pílula no dia 19 e no dia 06 só restavam 02, alguma coisa aconteceu de errado porque totalizam 18 pílulas tomadas e faltando 02, quer dizer que a carteira continha só 20 pílulas e está em falta mais 01, algo invulgar de acontecer. Deves ter atenção em relação ao início da tua da pílula, o primeiro dia que tomas a primeira pílula deve ser o primeiro dia da menstruação, que corresponde ao primeiro dia do ciclo. A mulher deverá começar a tomar a pílula correspondente a esse dia (ou iniciar no quinto dia, conforme a recomendação do médico). E assim, continuar a tomar uma por dia, durante 21 dias seguidos. Após 21 dias, a carteira acabará. Então, a mulher deve esperar 7 dias para recomeçar a tomar as pílulas. Durante este período irá ocorrer o sangramento. Imediatamente após 7 dias, isto é, no oitavo dia, a mulher deverá retomar a administração das pílulas, mesmo que o sangramento não tenha terminado. Se tiveste relações sexuais no mesmo dia que iniciaste a tua da pílula enquanto estavas menstruada, a probabilidade de estares grávida é muito reduzida. Fernanda, espero que estejas a tomar a pílula segundo a recomendação de um provedor de saúde capacitado. Isto para dizer que não deves iniciar a tua de qualquer que seja o método de planeamento familiar sem que tenhas antes passado por uma consulta de planeamento familiar ou mesmo uma consulta de rotina com o ginecologista. Espero que saibas que a pílula só te protege contra a gravidez indesejada, mas, para que estejas protegida das ITS/HIV, deves usar o preservativo masculino ou feminino. Dirige-te à unidade sanitária mais próxima, para que possas tirar todas as dúvidas em relação ao método que estás a usar para o planeamento familiar e aprender mais acerca da tua saúde sexual e reprodutiva. Bom fim-de-semana.

A agência espacial norte-americana (NASA) lançou com êxito na última sexta-feira (28 de Outubro) um satélite para pesquisa climática e previsão do tempo. Com o custo de 2,6 biliões de dólares, o NPP é a primeira ferramenta do género capaz de obter dados para análise climática de curto e longo prazo.

Durban pode ser a última oportunidade

As possibilidades de conter o aquecimento global em menos de dois graus dissiparam-se rapidamente, alerta um informe científico com vista à próxima conferência internacional na cidade sul-africana de Durban.

Texto: Stephen Leahy /IP • Foto: iStockphoto

Se não forem contidas rapidamente as emissões de dióxido de carbono (CO₂), as temperaturas em grandes regiões de África, na maior parte da Rússia e no norte da China aumentarão dois graus em menos de dez anos. Depois será a vez de Canadá e Alasca, diz o estudo.

Fixar um tecto mundial de emissões e um ano limite para isso tem sentido na perspectiva científica, disse Joeri Rogelj, do Instituto para Ciências Atmosféricas e Climáticas em Zurique, director da análise publicada no dia 23, na revista *Nature Climate Change*. Entre 28 de Novembro e 9 de Dezembro terá lugar em Durban a 17^ª Conferência das Partes (COP 17) da Convenção Marco das Nações Unidas sobre Mudança Climática. Representantes governamentais realizarão uma nova ronda de negociações por um tratado mundial que garanta um aumento inferior a dois graus centígrados.

A IPS perguntou a Rogelj se os delegados em Durban deveriam fixar um ano no qual as emissões mundiais teriam de alcançar o seu pico e em seguida baixar para garantir esse limite no aumento das temperaturas. "Comprometer-se com essas metas obrigar-nos-ia a seguir a nível mundial por um caminho de baixas emissões tecnológica e economicamente viável", respondeu o cientista. A análise indica que, para ter uma probabilidade de 66%, ou mais, de que o aquecimento não passe dos dois graus neste século, as emissões de carbono deveriam atingir o seu pico antes de 2020.

As libertações de CO₂ tenderiam a chegar a até 44 biliões de toneladas em 2020, isto é, menos quatro biliões do que as estimadas para 2010. Depois de 2020, as emissões deveriam baixar rapidamente, cerca de 2% a 3% ao ano, para chegar a 20 biliões de toneladas em 2050, segundo os modelos elaborados por computador. Contudo, este será um caminho muito difícil, reconhecem Rogelj e os seus colegas no estudo.

A Agência Internacional de Energia (AIE) estima que 80% das emissões pro-



jectadas por parte do sector energético em 2020 já estão asseguradas, pois serão fornecidos por usinas que estão a funcionar agora ou se encontram em construção. "O significativo aumento nas emissões de CO₂ e o facto de que futuras emissões já estejam asseguradas devido a investimentos na infra-estrutura representam um sério revés para as nossas esperanças de limitar o aumento mundial da temperatura a menos de dois graus", disse, em Maio, Fatih Birol, economista chefe da AIE.

O aquecimento por causa do uso de combustíveis fósseis manifesta-se de forma desigual, já que 70% do planeta é composto por água, e a maior parte é água fria. Por várias razões, o Ártico, o Canadá, a Eurásia e partes de África aquecem mais rapidamente e sofrerão um substancial aumento de temperatura nas próximas décadas. Também é importante entender que o retorno às temperaturas anteriores ao fenômeno da mudança climática é muito improvável.

Outra análise, também publicada na mesma edição da *Nature Climate Change*, alerta para o facto de que grande parte do Hemisfério Norte e regiões de África cruzarão o umbral dos dois graus. Se não houver grandes reduções nas emissões, o Sahel africano (faixa semiárida que atravessa o continente), o Corno de África, o norte da Eurásia e o Ártico cruzarão o umbral muito em breve, entre 2020 e 2030, segundo um estudo liderado por Manoj Joshi, da Universidade britânica de Reading.

O estudo diz, também, que, quando uma

criança nascida hoje completar 50 anos, as temperaturas estarão dois graus mais altas em todo o planeta, excepto nos oceanos. Ainda que as emissões de carbono não possam ser reduzidas com a rapidez suficiente a fim de evitar o aumento de dois graus em algumas partes do mundo, acções urgentes poderiam ganhar tempo (uma década ou duas) para que essas regiões se adaptem, desde que tivessem ferramentas para isso.

Embora dois graus pareçam pouco, são suficientes para uma pessoa sofrer febre alta, com graves consequências em todo o seu organismo. Do mesmo modo, a elevação da temperatura da Terra afetaria severamente os alimentos, a água e a biodiversidade, desatando eventos climáticos extremos mais fortes, incluindo secas e inundações.

Um aumento de dois graus levaria a humanidade a viver num planeta mais quente e tormentoso, e, portanto, com menos possibilidades de sobrevivência. Assim, nações africanas, do Pacífico e outras insistem em limitar esse aumento em menos de 1,5 grau, pois consideram que isso é essencial para a sua existência. Entretanto, já poderia ser muito tarde.

Em todos os 193 cenários examinados por Rogelj e seus colegas, apenas dois sugeriam a possibilidade de as temperaturas não aumentarem mais de 1,5 grau neste século. E para isso seria preciso um forte uso de bioenergia com métodos de captura de carbono. "Os dois cenários que analisámos indicam que seria tecnológica e economicamente possível seguir um caminho assim, embora não tomem em conta que poderia haver barreiras políticas e sociais", disse o cientista.

A possibilidade de conter o aquecimento global em menos de dois graus dilui-se mais rapidamente do que muitos pensam, e sem falar em 1,5 grau. Governos, indústria e público têm pouco tempo para reduzir as emissões em pelo menos quatro biliões de toneladas. É muito difícil, mas não impossível, disseram Rogelj e os seus colegas no estudo. E começando quanto antes é mais fácil. As conversações de Durban podem ser a última oportunidade para os governos cumprirem a sua promessa de limitar o aquecimento a menos de dois graus.

O estudo de Rogelj termina com uma exortação aos governos e ao público em geral. "Sem um firme compromisso para aplicar mecanismos que permitam um tecto em breve nas emissões globais, seguido de rápidas reduções, existem significativos riscos de que a meta de dois graus, apoiada por tantas nações, escorra pelos dedos".

WWF confirma extinção do rinoceronte de Java no Vietname



Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

O rinoceronte de Java, espécie criticamente ameaçada, está extinto no Vietname, confirmaram hoje organizações conservacionistas. A sobrevivência da espécie depende agora de apenas 50 animais na Indonésia.

"O último rinoceronte de Java no Vietname morreu", disse Tran Thi Minh Hien, directora da WWF (Fundo Mundial da Natureza) naquele país, em comunicado. "É muito triste que tenham falhado todos os esforços para salvar um único animal, apesar de um investimento significativo na conservação da espécie no Vietname", acrescentou.

De acordo com um relatório da WWF, análises genéticas a 22 amostras de dejectos recolhidas no Parque Nacional Cat Tien, entre 2009 e 2010, concluem que todas essas amostras pertenciam a um único rinoceronte. Pouco tempo depois de o projecto ter terminado, em Abril de 2010, esse animal foi encontrado morto naquela área protegida. A WWF acredita que o rinoceronte morreu vítima da caça

ilegal, dado que foi encontrado com uma bala na pata e sem o seu corno.

Já desde 2004 se sabia que restavam apenas dois rinocerontes de Java (*Rhinoceros sondaicus annamiticus*) no parque nacional.

Actualmente, estima-se que a população mundial de rinocerontes de Java esteja confinada a uma única população, com menos de 50 animais, num pequeno parque nacional na Indonésia. "A espécie está criticamente ameaçada e, com a procura de corno de rinoceronte para o mercado da medicina tradicional asiática a aumentar todos os anos, a maior prioridade é proteger e promover a expansão da população da Indonésia", considera a WWF. "Isto torna o nosso trabalho na Indonésia ainda mais crucial", comenta Susie Ellis, da International Rhino Foundation. "Precisamos de garantir que o que aconteceu no Vietname não se repita na Indonésia dentro de poucos anos", acrescentou.

Sector da energia reduz emissões de poluentes

A redução do número de centrais térmicas como resultado da expansão da rede eléctrica nacional baixou, consideravelmente, o nível das emissões de dióxido de carbono em Moçambique nos últimos anos, revela o Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (MICOA).

Dados apresentados pelo MICOA indicam que as emissões do sector da energia decresceram de 2.450 toneladas em 1990 para 1.844 em 1994. Já em 2000, a quantidade de emissões havia reduzido ainda mais, para 1.403 toneladas.

Contudo, esta tendência pode inverter-se com a construção de novas centrais térmicas projectadas pelas companhias mineiras Vale e Riversdale, ambas com concessões

de minas de carvão na província central de Tete.

Entretanto, o MICOA considera que, nesta fase, a preocupação de Moçambique não é a redução das emissões, mas sim garantir que as medidas de adaptação não prejudiquem a economia do país.

Os dados sobre as emissões de dióxido de carbono no mundo inteiro indicam uma tendência crescente, tendo passado de 8.625,82 toneladas em 1990, para 15.906 em 1994 e 215.773,45 em 2000.

Segundo o MICOA, o sector mais poluidor é o dos transportes, cujas emissões têm estado a aumentar de forma galopante devido ao crescimento acentuado da frota automóvel em todo o país./Por AIM

CARTOON



DESPORTO



BRINDA AOS BONS MOMENTOS DE FUTEBOL

PATROCINADOR OFICIAL DO MOÇAMBOLA 2011



18 Beja responsável. Bebe com moderação.

Liga é bicampeã no tri de Semedo...

A Liga Muçulmana somou o seu segundo título consecutivo de campeão depois de derrotar o Ferroviário de Nampula, no Estádio 25 de Junho, por esclarecedores 2-0, numa exibição plácida dos verde e branco, na qual brilhou com luz própria o médio Ítalo, com um golo e um festival de bom futebol.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguezze

Os locomotivas do norte (adversário que todos temiam nesta segunda volta) converteram-se no rival sonhado pelos muçulmanos. Duas vitórias em dois jogos para a Liga Muçulmana, um balanço que demonstra a diferença de potencial entre ambos e que, nesta quarta-feira, ficou exposta pelos dois golos de diferença.

Na tarde da revalidação do título, Ítalo elevou-se como o melhor homem em campo, bem acompanhado por Nelson e Momed Hagy. A Liga começou inspirada ofensivamente – uma pintura de Ítalo, aos 20 minutos, colocou os muçulmanos em vantagem e com o título no bolso. No final dos primeiros 45 minutos a Liga vencia por duas bolas sem resposta. Marcou Telinho à passagem dos 41 minutos.

No segundo tempo, Ítalo continuou a fazer das suas. O Ferroviário de Nampula tentou, mas esbarrou na consistência defensiva dos muçulmanos. Com o relógio a correr, os locomotivas içaram a bandeira branca e os muçulmanos deixaram o tempo passar. No final, a Liga recolheu um título que a regularidade ao longo do campeonato conferiu. Agora, a meta é colocar o seu nome no centro do futebol africano.



Maxaquene recuperou o fôlego no fim

A reacção foi tardia. Quando o Maxaquene recuperou o fôlego já se tinha feito luz sobre o título. Ao vencer o Ferroviário de Nampula (2-0), a Liga Muçulmana lançou uma festa anunciada há muito, mas sem data marcada.

Com golos de Ítalo e Telinho, a equipa de Artur Semedo voltou a provar a superioridade exibida ao longo da temporada, e atestada pela distância pontual sobre o segundo classificado quando ainda há três jornadas por disputar. A vantagem é, de resto, o factor motivacional que resta ao novo campeão, no que ao Moçambola diz respeito. Isto deixando de lado as competições africanas, que

vão proporcionar um desafio ao campeão nacional, o de chegar à fase de grupos.

O segundo classificado é, como se sabe, o Maxaquene, que na jornada 24 do Moçambola assegurou a vice-liderança. Os tricolores venceram no seu reduto o Matchedje e permitiram ao Incomáti fugir da zona de despromoção em prejuízo dos militares.

No Estádio da Machava, um golo de Luís ditou a derrota do HCB de Songo. A equipa da agreste província de Tete até jogou melhor, esteve mais perto de ganhar, mas acabou por perder e permanecer no quarto lugar. Contudo, o HCB continua confortável no quarto lugar, uma vez que os seus perseguidores, com exceção do Ferroviário de Maputo, con-

tinuam distantes.

O Vilankulo FC, que já andou afliito no fundo da tabela, já anda a roer os calcanhares do Ferroviário da Beira. A equipa de Chiquinho Conde ganhou no seu reduto aos locomotivas da Beira (2-0).

No que diz respeito à permanência, a luta parece reduzida a três equipas. O Incomáti foi ganhar na Beira (1-0), e está agora a dois pontos do Ferroviário da Beira, derrotado pelo Vilankulo FC. Na última posição está mais uma vez o Sporting da Beira, que não conseguiu somar o sexto jogo sem perder. A equipa, já se sabe, perdeu três pontos em casa, aproveitados pelo Atlético Muçulmano para ficar longe do último lugar.

Resultados 24ª Jornada					
Fer. Nampula	0	x	2	Liga Muçulmana	
Maxaquene	4	x	0	Matchedje	
Fer. Maputo	1	x	0	HCB Songo	
A. Muçulmano	1	x	0	Costa do Sol	
Vilankulo FC	2	x	0	Fer. Beira	
Chingale de Tete	0	x	1	Desportivo	
Sporting	0	x	1	Incomáti FC	

Classificação MOÇAMBOLA						
	J	V	E	D	B	P
1º LIGA MUÇULMANA	24	17	04	03	35-14	55
2º Maxaquene	24	13	08	03	36-14	47
3º Costa do Sol	24	11	05	08	30-23	38
4º HCB Songo	24	09	10	05	24-12	37
5º Fer. Maputo	24	10	06	07	35-29	37
6º Desportivo	24	10	04	09	21-20	34
7º Fer. Nampula	24	09	06	09	26-23	33
8º Chingale	24	08	09	07	19-18	33
9º Fer. Beira	24	05	12	06	18-23	30
10º Vilankulo FC	24	08	05	10	24-25	29
11º Incomáti	24	08	04	12	11-24	28
12º Matchedje	24	07	04	13	20-35	25
13º A. Muçulmano	24	05	05	14	18-35	20
14º Sporting da Beira	24	04	04	15	17-45	16

Próxima Jornada (25ª)					
Estádio da Machava	15:00	-	x	-	
Campo 25 de Junho	15:00	-	x	-	
Campo do Fer. da Beira	15:00	-	x	-	
Campo da Liga Muçulmana	15:00	-	x	-	
E. Municipal de Vilankulos	15:00	-	x	-	
Campo do Maxaquene	15:00	-	x	-	
Campo do Desportivo de Tete	15:00	-	x	-	

MELHORES MARCADORES

11 GOLOS: David (Costa do Sol)

10 GOLOS: Betinho (Maxaquene) e Luís (Fer. Maputo)

9 GOLOS: Dário Monteiro (Liga Muçulmana)

Qualificação para os Jogos Olímpicos: Moçambique na fase final

A selecção nacional de vólei de praia vai disputar o acesso aos Jogos Olímpicos depois de ter ultrapassado o Uganda, na Argélia.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguezze

Moçambique superou o Uganda em quatro partidas na segunda fase de qualificação realizada no último fim-de-semana, na Argélia. A selecção nacional estava representada pelas duplas Amélia Cumbi/Rezia Cumbi e Gulhermina Cossa/Marilia Magaia.

Com o lugar garantido na fase final, a disputar-se no próximo ano num país e em data ainda por indicar pela Confederação Africana de Voleibol (CAVB), as

duelas nacionais disputaram o primeiro lugar com a Argélia, tendo perdido por 3-2.

A Argélia, anfitriã, também carimbou o passaporte para a fase final.

Para além das equipas moçambicanas e argelinas, já asseguraram uma vaga para a derradeira fase os colectivos da África do Sul, Quénia e Maurícias.

Sob o comando do cubano Raul

Romero, o quarteto nacional iniciará nos próximos dias uma nova etapa de preparação, tendo em vista os jogos de apuramento para as Olimpíadas de Londres-2012.

Refira-se que a equipa masculina não chegou a participar na fase de qualificação devido à falta de verbas, segundo referiu Pelágio Pascoal, secretário-geral da Federação Moçambicana de Voleibol (FMV).

Este será o primeiro verdadeiro teste, além-fronteiras, que a equipa moçambicana terá pela frente depois de ter vivido uma experiência internacional nos Jogos Africanos, competição que, aliás, assinalou o regresso dos ciclistas nacionais à ribalta da modalidade a nível do

continente.

O combinado nacional, treinado por Messias Langa, é formado por cinco ciclistas, nomeadamente Miguel Duarte, Álvaro Cunha, Carlos Sales, Vicente Mafumo e João Paulo.

O quinteto irá competir nas provas de contrarrelógio por equipas/individual e de estrada.

Moçambique segue para esta prova com o objectivo de fazer o seu melhor e superar os tempos registados nos Jogos Africanos.

Os países candidatos a ocupar os lugares do pódio são a África do Sul (vencedora nos Jogos Africanos), Eritreia e Argélia.

Publicidade



tvcabo
Tem tudo a ver!

COM O DUPLO A DIVERSÃO
TAMBÉM É DUPLA!

Adere já ao DUPLO TV+NET e garante diversão em dose dupla na tua casa.

LIGA JÁ 21 480 550 OU VAI A UMA LOJA TVCABO

www.tvcabo.co.mz

Terminos e condições aplicáveis

O pugilista sul-africano Takalani Ndlovu, campeão do mundo dos superpesos galo da Federação Internacional de Boxe, conservou no passado fim-de-semana o seu título face ao Mexicano Giovanni Caro após 12 rondas, segundo o site fightnews.com. Ndlovu, de 32 anos, melhorou o seu palmarés averbando 33 vitórias, incluindo 18 por KO e seis derrotas.

Thomas Muster. O Homem de Ferro encosta a raquete pela terceira vez

Primeiro, foi uma lesão no joelho. Depois, as vitórias e umas férias prolongadas de 10 anos. Agora, a um ano de (má) competição segue-se o anúncio: a hora da reforma chegou.

Texto: Jornal Ionline • Foto: LUSA



Chamaram-lhe muita coisa ao longo da sua carreira: 'Rei da Terra', 'Homem de Ferro', 'Animal'. O seu apelido, Muster, significa 'exemplo' em alemão. O tenista austríaco foi o único do seu país a vencer um dos torneios do Grand Slam e ganhou mais 43 títulos. Em 1996, Thomas era o nº1 do ranking mundial. A sua vida parece cheia de sucessos – mas foi igualmente preenchida por percalços.

As superfícies de terra batida sempre foram a sua praia, tendo ganho 40 das 45 provas que disputou no terreno. Já a relva sempre lhe fugiu e o título de Wimbledon ficou por ganhar. Mas tudo isto podia nem se ter realizado. Em 1989, Thomas 'Exemplo' venceu Yannick Noah na competição que é actualmente o

Miami Masters. Isto dava-lhe a oportunidade de ir jogar contra o nº1 mundial, Ivan Lendl. Depois do jogo, Muster decidiu parar para comer antes de voltar para o hotel. E foi aí que se deu uma surpresa. "Estava a tentar tirar a minha bolsa de dentro do porta-bagagens quando alguém, obviamente bêbedo, veio do lado errado da estrada e bateu de frente no nosso carro. O automóvel basicamente caiu em cima de mim e fiquei com o meu joelho completamente espatifado". O condutor fugiu, mas acabou por ser apanhado. Era dia 1 de Abril, mas o acidente não foi nenhuma mentira.

Todos pensaram que a carreira do austríaco estava terminada. Mas em seis meses (e com a ajuda de uma cadeira espe-

cialmente construída para ele) o homem da barba loira por fazer estava de volta aos courts. A partir daí, começaram as grandes vitórias, pontuadas pelo seu estilo inconfundível: os gritos guturais durante os jogos. "Parece um bulldog a comer-nos a perna. E parece que não vai parar". Foi assim que Pete Sampras o descreveu, em 1996. Mas o 'Animal' parou de comer pernas. Em 1999, depois de perder o Open da França, o tenista foi de férias para a Austrália e lá foi ficando. Talvez consumido pela mágoa de ter perdido (Roland-Garros era o seu torneio favorito), não voltou na época seguinte. Nem em mais nenhuma, até 2010.

Inesperadamente, ele regressou. Assegurou que não era um regresso "à Schumacher",

para ganhar. "Quero sentir a adrenalina e a tensão que se vive na competição, bem como o prazer do treino", explicou. E as críticas não pareceram abalá-lo: "O que os meus colegas pensam não me interessa. E aos que dizem que estou a destruir a minha reputação, recordo que o meu nome está gravado no palmarés de Roland-Garros e nada pode apagá-lo". Ronnie Leitgeb, antigo treinador de Thomas, mostrou-se preocupado com tal atitude: "Não percebo o sentido por detrás disto, porque mesmo que ele ganhe um dos challengers, não vai estar escrito no seu túmulo que depois de 44 títulos, ele ganhou um challenger."

Depois do regresso, foram só derrotas. Em Viena, nem as 9 mil pessoas a gritarem o seu nome trouxeram uma vitória. O 'Rei da Terra' não se mostrou preocupado. "Não há nenhuma pressão de entrar no top 10". Agora, passou um ano e Muster volta a jogar um torneio da ATP no seu país natal. Mas garante que será o último: "Não devo arrastar-me para sempre. Queria voltar a viver o ténis competitivo de novo e desfrutei muito desta etapa", declarou o tenista de 44 anos. "Mas tenho uma família e um dia também hei-de chegar ao meu limite físico". A carreira do austríaco mais famoso do ténis parece ter chegado ao fim. Será que à terceira é de vez?

NBA: Cancelados todos os jogos até ao fim de Novembro

A época regular com 82 jogos deixou de ser uma possibilidade para a NBA na época 2011-12. As negociações entre jogadores e patrões não produziram resultados e foram cancelados todos os jogos até ao fim de Novembro. Nos últimos dias tinha-se acentuado o sentimento de urgência nas conversações, mas nem isso facilitou o entendimento entre as duas partes.

Texto: Jornal Ionline • Foto: LUSA



"Partilhamos a frustração dos nossos adeptos, parceiros, e de todos aqueles que dependem do jogo para ganhar a vida", sublinhou Adam Silver, vice-comissário da NBA, num comunicado. "Continuamos empenhados em chegar a um acordo que seja justo tanto para as equipas como para os jogadores e que permita o crescimento a longo prazo do nosso jogo", acrescentou o mesmo responsável.

Esta é a segunda vez na história da NBA que o início de época é cancelado. A primeira aconteceu em 1998-99, quando a época regular foi reduzida de 82 para 50 jogos e só se iniciou em Fevereiro. O "lockout" durou 204 dias.

Patrões e jogadores estão divididos quanto à forma de divisão das receitas da prova. Escudados no argumento de que 22 das 30 equipas têm prejuízos acumulados de 300 milhões de dólares (221 milhões de euros), os patrões querem reformular a distribuição das receitas.

O comissário David Stern, um dos rostos da negociação, prevê que as posições se vão extremar: "As duas partes estão a ser prejudicadas. Os montantes perdidos pelos patrões são extraordinários. E os montantes perdidos pelos jogadores em contratos individuais também é extraordinário", apontou Stern, estimando em 200 milhões de dólares (141 milhões de euros) os prejuízos pelo cancelamento da pré-época. A anulação de todos os jogos até ao fim de Novembro custará mais uns milhares de milhões, acredita.

Stern acrescentou ainda que os patrões estavam dispostos a ceder na divisão 50-50 dos lucros que têm vindo a defender. Mas os jogadores, que actualmente ficam com 57% das receitas, não admitem baixar "um centímo" dos 52 por cento. Em causa estão 3,8 mil milhões de dólares (2,8 mil milhões de euros) que habitualmente são gerados por temporadas.

Com o arrastar das negociações e sem acordo à vista, foram já vários os jogadores a decidir representar clubes fora dos EUA de forma temporária. Mais de 70 já adoptaram esta solução: Tony Parker (ASVEL), Deron Williams (Besiktas), Rudy Fernández e Serge Ibaka (Real Madrid) são alguns exemplos.

Zamalek vence troféu da Liga Africana dos Campeões de Andebol

O Zamalek do Egípto venceu domingo passado o troféu da Liga Africana dos Campeões de Andebol em Kaduna, na Nigéria, depois de ter batido a equipa do Etoile du Sahel da Tunísia por 27-24.

Texto: Redacção/Agências

Esta vitória dos «Cavaleiros Brancos», designação da equipa egípcia, é a terceira desta temporada desportiva a nível africano.

O Zamalek já venceu, com efeito, a Taça dos Vencedores de Taça e a Supertaça Africana em Yaoundé, nos Camarões.

É o seu sétimo título africano nesta disciplina desde a primeira edição disputada em 1979.

O Zamalek venceu igualmente quatro troféus da Taça dos Vencedores de Taça, nomeadamente a primeira edição em 1985 e as três últimas edições,

tendo obtido também três títulos da Supertaça, incluindo os dois últimos torneios.

A equipa do Primeiro de Agosto de Angola terminou na terceira posição do torneio de Kaduna, ao passo que o JSE Skikda da Argélia ocupou o quarto lugar.

O maior adversário do Zamalek no Cairo, o Al Ahly, posicionou-se no quinto lugar, sendo que o Pétrole da Argélia e a equipa do Etoile du Congo ocuparam respectivamente o sexto e o sétimo lugares. O Safety Shooters, que representava a Nigéria terminou na oitava posição.



No programa de jogos divulgado, o Egípto, sete vezes vencedores do CAN, será oposto à República Centro Africana, segundo o sorteio efectuado em Malabo, capital da Guiné Equatorial. Os egípcios deverão disputar a volta preliminar devido à sua ausência surpreendente do CAN de 2012, pela primeira vez em mais de três décadas.

Os "Super Águias" da Nigéria, uma outra equipa ausente do CAN 2012, serão opostos ao Rwanda na volta preliminar do CAN de 2013.

Os "Leões Indomáveis" dos Camarões, igualmente ausentes e antigos vencedores do CAN, terão, por seu turno, como adversário a Guiné-Bissau por terem conseguido ultrapassar a segunda volta e aceder à última fase das eliminatórias para o CAN 2013.

Segundo a CAF, duas das quatro últimas seleções de África – Swazilândia, São Tomé e Príncipe, Seicheles e Lesoto – vão passar por uma fase de duas mãos que reduzirá as 28 equipas africanas em 14.

Estas 14 equipas irão juntar-se às 16 presentes na fase final do CAN 2012, o que fará um total de 30 equipas, que vão compor o número de 15 no termo dum torneio de duas mãos.

As 15 equipas vitoriosas vão juntar-se à África do Sul para constituir a lista final da edição de 2013.

O site oficial da CAF indica que a volta preliminar será disputada na primeira metade de 2012.

O Comité Executivo da CAF, reunido em Maio de 2010, decidiu fixar as datas das competições de anos pares para ímpares, o que significa que após o CAN 2012 no Gabão e na Guiné Equatorial, o próximo torneio vai disputar-se em 2013 e a partir daí terá uma periodicidade bienal.

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Fórmula 1: Vettel domina e consegue vitória na Índia

O bicampeão pela Red Bull, Sebastian Vettel, conseguiu vencer o primeiro Grande Prémio da Índia de Fórmula 1 no passado domingo e chegou à sua 11ª vitória em 17 corridas na temporada.



Na prova disputada à tarde no novo circuito internacional de Buddh, o piloto alemão de 24 anos ficou na frente em todas as voltas da corrida depois de começar na pole position. Ele também conseguiu dar a volta mais rápida na final.

Se todas essas conquistas não fossem o suficiente, Vettel ainda estabeleceu o recorde em número de voltas na liderança numa única tempora-

da, superando o inglês Nigel Mansell, campeão da modalidade em 1992. Os dois títulos na temporada, de piloto e de equipa, foram alcançados por Vettel e pela sua equipa.

O inglês Jenson Button, campeão em 2009, consolidou a sua segunda posição ao terminar a prova 8,4 segundos atrás do alemão, seguido por Fernando Alonso, da Ferrari, que ficou em terceiro com mais 15,8 segundos.

“É, amigos, nós conseguimos,” gritou Vettel pelo rádio na bandeirada quadriculada. “Primeiro Grande Prémio na Índia, óptimo trabalho.” Vettel possui 374 pontos com duas corridas a serem disputadas, seguido por Button, da McLaren, com 240, Alonso com 227 e o australiano da Red Bull, Mark Webber, – que terminou em quarto mesmo depois de largar na primeira fila – com 221.

A tarde pode não ter sido muito emocionante, mas, como chega num mês triste para o automobilismo que viu duas



Text: Redacção/Agências • Foto: AFP

mortes em fins-de-semana consecutivos, foi quase um alívio.

MINUTO DE SILENCIO

Equipes e pilotos fizeram um minuto de silêncio antes do início da corrida para homenagear o vencedor por duas vezes da Indy 500 Dan Wheldon e o piloto da MotoGP Marco Simoncelli. Button, amigo e rival de Wheldon no início da carreira, dedicou a corrida a eles, enquanto Vettel fez a sua própria homenagem.

“Tenho sentimentos contraditórios,” disse o alemão. “Estou muito, muito feliz. É o primeiro GP na Índia e tenho orgulho de vencer aqui pela primeira vez. Mas, ao lembrar do que aconteceu nos últimos fins-de-semana, nós perdemos dois dos nossos amigos.”

O campeão pela McLaren em 2008 Lewis Hamilton e Felipe Massa, da Ferrari, bateram novamente, no sexto choque entre eles na temporada. O brasileiro foi penalizado e depois abandonou a prova devido a problemas na suspensão.

Hamilton, que conseguiu a segunda posição no grid mas foi penalizado e acabou em terceiro por ignorar bandeiras de aviso no treino, terminou em sétimo atrás da dupla da Mercedes Michael Schumacher e Nico Rosberg. O espanhol Jaime Alguersuari foi o oitavo pela Toro Rosso enquanto o alemão Adrian Sutil garantiu pontos para a Force India em casa com o nono lugar.

Aumentou preço de viagens interprovinciais por via terrestre

É mais caro viajar nos transportes interprovinciais de passageiros que operam a partir da Terminal da Junta, na cidade de Maputo desde a passada terça-feira. O custo das passagens aumentou cerca de 20% em todas as rotas, com exceção das tarifas para alguns pontos da província do Maputo, nomeadamente Manhiça, Palmeira, Xainava e Magude.

A nova tabela de preços estabelece, por exemplo, que a ligação entre Maputo e Xai-Xai passa de 160 a 206 meticais, da capital do país a Maxixe custa 475 meticais, contra os anteriores 375. De Maputo a Beira são atualmente 1250 meticais quando antes eram 950, para Nampula passou de 2000 para 2500 meticais. Para Pemba, a tarifa custa 3000 meticais contra os anteriores 2500.

Gil Simione Zunguze, responsável dos terminais na Associação dos Transportadores de Carreiras Intercidades, afirmou que a tarifa foi alterada pelo facto de a actual não compensar os custos da operação. Explorou que a proposta da mudança dos preços já vem sendo defendida desde 2008, mas que não tem sido atendida.

No entanto, Luís Munguambe, vice-presidente da Federação Moçambicana dos Transportadores Rodoviários, confirmou a aprovação da alteração das tarifas nas carreiras interprovinciais afirmando que tal foi possível depois da anuência do Governo.

Recorte e guarde o novo código de estrada

Entrou em vigor, no passado dia 24 de Setembro, o novo Código de Condução nas estradas de Moçambique. @Verdade publica, nesta edição, o segundo fascículo, de um total de 19, do Boletim da República aprovado a 23 de Março do corrente ano, pelo Conselho de Ministros, para que os automobilistas possam ter conhecimento da natureza do novo dispositivo.

23 DE MARÇO DE 2011

167

ISÉRIE — NÚMERO 12

4. Nos casos previstos no número anterior, devem ser usadas luzes de presença, se não for possível a utilização das luzes de perigo.

5. A contravenção do disposto nos n.º 2, 3 e 4 é punida com a multa de 750,00MT.

ARTIGO 65

Trânsito de veículos que efectuem transportes especiais e de veículos em serviço de urgência

ARTIGO 64

Trânsito de veículos que efectuem transportes especiais

1. O trânsito, paragem e estacionamento nas vias públicas de veículos que transportem cargas que pela sua natureza, dimensão ou outras características o justifiquem pode ser condicionado por regulamento.

2. Os veículos que efectuam o transporte de materiais pulverulentos e inertes, devem transitar de forma a evitar que estas se espalhem pelo ar ou no solo, para o que serão cobertos com oleados ou jonas de dimensões adequadas.

3. A contravenção do disposto no n.º 2 é punida com a multa de 2000,00MT.

ARTIGO 65

Trânsito de veículos em serviço de urgência

1. Os condutores de veículos que transitam em missão urgente de socorro ou de polícia, assinalando adequadamente a sua marcha, podem, quando a sua missão o exigir, deixar de observar as regras e os sinais de trânsito, mas devem respeitar as ordens dos agentes reguladores do trânsito.

2. Os referidos condutores não podem, porém, em circunstância alguma, pôr em perigo os demais utentes da via, sendo, designadamente, obrigados a suspender a sua marcha:

a) Perante o sinal luminoso vermelho de regulação do trânsito, embora possam prosseguir, depois de tomadas as devidas precauções, sem esperar que a sinalização mude;

b) Perante o sinal de paragem obrigatória em cruzamento ou entroncamento.

3. É proibida a utilização dos sinais que identificam a marcha de um veículo prioritário, quando este não transite em missão urgente.

4. A contravenção do disposto nos números anteriores é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 66

Cedência de passagem a veículos em serviço de urgência

1. Sem prejuízo do disposto na alínea b) do n.º 3 do artigo 38, qualquer condutor deve ceder a passagem aos condutores dos veículos referidos no artigo anterior.

2. Sempre que as vias em que tais veículos circulem, de que vão sair ou em que vão entrar se encontrem congestionadas, devem os demais condutores encostar-se o mais possível à esquerda, ocupando, se necessário, a berma.

3. Exceptuam-se do disposto no número anterior as auto-estradas, nas quais os condutores devem deixar livre a berma e, ainda, nas vias públicas onde existam corredores de circulação.

4. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

SECÇÃO X

Trânsito em certas vias ou troços

ARTIGO 67

Trânsito nas passagens de nível

1. O condutor só pode iniciar o atravessamento de uma passagem de nível, ainda que a sinalização lho permita, depois de se certificar de que a intensidade do tráfego não obriga a imobilizar o veículo sobre ela.

2. Sem prejuízo da obediência devida à sinalização existente e às instruções dos agentes ferroviários, o condutor não deve entrar na passagem de nível enquanto os meios de proteção estejam atravessados na via pública ou em movimento.

3. Se a passagem de nível não dispuser de proteção ou sinalização, o condutor só pode iniciar a travessia depois de se certificar de que se não aproxima qualquer veículo ferroviário.

4. Durante o atravessamento na passagem de nível, não se deve engrenar uma outra velocidade.

5. A contravenção do disposto nos números anteriores é punida com a multa de 750,00MT.

ARTIGO 68

Imobilização forçada do veículo ou animal

1. Em caso de imobilização forçada de veículo ou animal ou de queda da respectiva carga numa passagem de nível, o respetivo condutor deve promover a sua imediata remoção ou, não sendo esta possível, tomar as medidas necessárias para que os condutores dos veículos ferroviários que se aproximem possam aperceber-se da presença do obstáculo.

2. A contravenção do disposto no número anterior é punida com a multa de 750,00MT.

ARTIGO 69

Trânsito nos cruzamentos e entroncamentos

1. O condutor só pode iniciar a travessia de um cruzamento ou entroncamento, ainda que tenha prioridade ou que a sinalização lho permita, depois de se certificar de que a intensidade do tráfego não obriga a imobilizar o mesmo.

2. O condutor que tenha ficado imobilizado em cruzamento ou entroncamento, regulado por sinalização luminosa, pode sair dele, mesmo que não autorizado a avançar, desde que não embarce o trânsito de outros utentes que circulem no sentido em que o trânsito está aberto.

3. Nos cruzamentos ou entroncamentos com maior densidade de trânsito, podem ser implantadas vias de acesso, que permitem a conversão de veículos para a esquerda, devendo o condutor que pretender entrar noutra via, regular a sua velocidade de forma a tomar a via de trânsito adjacente, sem perigo ou embaraço para os veículos que nela transitam.

4. A contravenção do disposto nos n.º 1 e 3 será punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 70

Parques e zonas de estacionamento

1. Nos locais da via pública especialmente destinados ao estacionamento, quando devidamente assinalados, os condutores só podem transitar ou atravessar as linhas de demarcação neles existentes para fins diversos do estacionamento.

2. A afectação-exclusiva de parques e zonas de estacionamento a veículos de certa classe ou tipo e a limitação do tempo de

168

estacionamento, bem como a fixação de uma taxa a cobrar através de agentes ou de meios mecânicos adequados, são feitas por regulamento.

3. A contravenção do disposto no n.º 1 é punida com a multa de 500,00MT.

ARTIGO 71

Estacionamento proibido

1. Nos parques e zonas de estacionamento é proibido estacionar:

a) Veículos destinados à venda de quaisquer artigos ou a publicidade de qualquer natureza;

b) Veículos utilizados para transportes públicos, quando não alugados, salvo as exceções previstas em regulamentos locais;

c) Veículos de classes ou tipo diferentes daqueles a que o parque ou zona tenha sido exclusivamente afectado nos termos do artigo anterior;

d) Por tempo superior ao estabelecido ou sem o pagamento da taxa fixada nos termos do artigo anterior.

2. A contravenção do disposto no número anterior é punida com a multa de 750,00MT.

ARTIGO 72

Auto-estradas

1. Nas auto-estradas e respetivos acessos, quando devidamente sinalizados, é proibido o trânsito de peões, animais, veículos de tração animal, velocípedes, ciclomotores, motociclos de cilindrada superior a 50 cm³, tratores agrícolas, bem como de veículos ou conjunto de veículos insusceptíveis de atingir em patamar a velocidade de 40 km/hora.

2. Nas auto-estradas e respetivos acessos, quando devidamente sinalizados, é proibido:

a) Circular sem as luces regulamentares;

b) Parar ou estacionar, ainda que fora das faixas de rodagem, salvo nos locais especialmente destinados a esse fim;

c) Inverter o sentido de marcha;

d) Fazer marcha atrás;

e) Transportar os separadores de trânsito ou as aberturas neles existentes;

f) Ensinar da condução.

3. A contravenção do disposto no n.º 1 e nas alíneas a) e b) do n.º 2 é punida com a multa de 750,00MT, salvo tratando-se de peão, caso em que a multa é de 100,00MT.

4. A contravenção do disposto nas alíneas c), d), e) e f) do n.º 2 é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 73

Entrada e saída das auto-estradas

1. A entrada e saída das auto-estradas faz-se unicamente pelos acessos a tal fim destinados.

2. Se existir uma via de aceleração, o condutor que pretender entrar na auto-estrada deve utilizá-la, regulando a sua velocidade de forma a tomar a via de trânsito adjacente sem perigo ou embaraço para os veículos que nela transitam.

3. O condutor que pretender sair de uma auto-estrada deve ocupar com a necessária antecedência a via de trânsito mais à esquerda e, se existir via de desaceleração, entrar nela logo que possível.

ARTIGO 74

Trânsito de veículos pesados de mercadorias ou conjunto de veículos

1. Nas auto-estradas ou troços de auto-estradas com três ou mais vias de trânsito afectas ao mesmo sentido, os condutores de veículos pesados de mercadorias ou conjuntos de veículos cujo comprimento excede 7 m, só podem utilizar as duas vias de trânsito mais à esquerda.

2. A contravenção do disposto no número anterior é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 75

Vias reservadas

1. As faixas de rodagem das vias públicas podem, mediante sinalização, ser reservadas ao trânsito de veículos de certas espécies ou a veículos destinados a determinados transportes, sendo proibida a sua utilização pelos condutores de quaisquer outros.

2. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 76



Esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em
www.twitter.com/@verdademz

Jornal @Verdade Alguém esta conseguir fazer ligações telefónicas na rede 82 em #Mozambique? Ou mesmo enviar sms? · Segunda-feira às 13:02

Vina Rascial e 25 outras pessoas gostam disto. 1 partilha

Custódio Conceição Assim até final do ano vamos receber 8 vezes um crédito que não vamos poder usar. Segunda-feira às 13:12

Edson Martinho Fraga E triste Segunda-feira às 13:13

Zuhura Sulemane Agy mcel ja to podre ... Segunda-feira às 13:13

Ceceu Magnifico esta mal isto, apenas receber chamadas, contudo estamos privados de ligar... Segunda-feira às 13:13

Leila Helen parece k teve um incendio la na mcel? Segunda-feira às 13:14

Muca Azevedo Pacheco Mucauro fikem tentando são dias como esses k os protocolos da mcel estao desconfiguradas e se faz xamadas frees, fora disso esses macacos brincaram mal, tinham uma mina d ouro e nunca kiseram investir nela p actualizar os ekipamentos, agora a red esta saturada, pessoal n reclamen por algo k n vai mudar, apenas mudem d red p akela k responde a vossa necessidade, kem sabe assim eles n se preocupem em fazer algo pk orgulhosamente sem qualidate já cansamos Segunda-feira às 13:14

Jaime James Macuacua de novo? Segunda-feira às 13:15

Jaime Jemes isto e uma vergonha. Segunda-feira às 13:17

Ivo Rich Guy Faiela Hahahaha haahahaha ainda nao se habituaram a isso? Mocambicano gosta mesmo de sofrer... nem preciso dizer, voces ja sabem o que devem fazer pa parar o sofrimento!!! OLHEM PA FRENTE PAH!!! Segunda-feira às 13:19 · Gosto · 1

Orcia Armando Estou sem palavras isto é mesmo irritante comprei uma recarga tento ligar a red esta bed. Segunda-feira às 13:19

Francisco Fulane a rede esta bad?.. nao existe rede pah.. isto esta um caus Segunda-feira às 13:22

Jolinho Al Amoda *132# congestion, try later. porah... Segunda-feira às 13:24

Henriques Abel Chilaule eu ja bazei voda e movitel Segunda-feira às 13:24

Avelino Langa A mcel deve estar a ser vítima de sabotagem, como é empresa do estado e alguns "donos" de empresas concorrentes querem tirar dividendos. É preciso olhar para as coisas em várias vertentes, pois se o estado tem "dono" e o "dono" esta a destruindo para benefícios próprios no futuro bem perto. Fiquem espertos, fujam da mcel e vão engordar o bolso de um pequeno

grupo de madjeis. Não estou a favor dos problemas. Aliás o estado é o próprio problema pois não se pronuncia sobre esta matéria. Segunda-feira às 13:25 · Gosto · 1

Rui Jorge Neves para variar não estamos juntos nunca nesta rede Segunda-feira às 13:26

Hp Bila Irmãos, tenham paciencia, devemos estar juntos para sempre não so nos momentos alegres, mas também nos maus momentos. Embora seja exagero. Segunda-feira às 13:27

Leo Silvestre Guinda xta um merda d novo Segunda-feira às 13:30

Manuel Muianga Nao, desde de manha, estava a espera de alguem vir me buscas no hospital mas nada. N consigo ligar pa nenhum numern 82 Segunda-feira às 13:33

Alzira Isabel Teixeira E tb n se consegue utilizar a internet da Mcel... E nos sempre a pagar... Segunda-feira às 13:35

Manuel Muianga Hip bila, vc diz isso pork nunca esteve mal. Nunca esteve numa crituaxao critica. Segunda-feira às 13:36

Ivo José Cuamba Nao, a mcel deve estar a beira da falencia. Isto nao é normal. O que vao dizer dessa vez será que as actualizacoes sao feitas de duas a duas semanas. E as desculpas serao o credito a dobrar, ou a triplicar dessa vez uma vez k a ultima foi a dobrar? Segunda-feira às 13:37

Helder Miguel Brincadeiras tem hora e limites... O nosso lado pacifico nao pode ser absoluto, ao ponto de comprometer a nossa vida, e em consequencia disso nos obriga a sermos uns desprogramados. Segunda-feira às 13:37

Talibio Da Regina acho melhor a mcel criar um novo "slogan" like ESTIVEMOS JUNTOS. Segunda-feira às 13:41 · Gosto · 1

Miguel 'Tesouro' Momade Eu... Acabo de falar com outro nr 82. Segunda-feira às 13:41

Lisia Videira Sou de opiniao que a Mcel antes de investir em novos servicos, deveria ou deve solucionar os problemas tecnicos. dai podem nos oferer novos servicos. Tai um exemplo do Mkesh, nunca ha sistema, pk criaram esse servico???? Tsc Segunda-feira às 13:42

Pascoalino Ngulele como sempre acostumou os seus clientes ninguem xta a conseguir ligar nem mandar sms. O melhor serio os clientes todos mudarem d operadora Segunda-feira às 13:47

Daniel Chavanguane Ta posted eu so kero ver a justificacao Segunda-feira às 13:48

Francey Zeúte Francey A mesma ladainha de sempre Segunda-feira às 13:57

Alemão Manuel Alemão Manuel quer dizer na mcel tudo ta mal mkesh

ta mal a operadora ta mal e o clientx da mcel xtam mal por nao poder xe comunicarem Segunda-feira às 14:00

Miguel Paiva Jornalismo tendencioso, em beneficio do 84! Segunda-feira às 14:00

Nixon Walide pessoal é simples... admiram o Tudo Bom_84... já tou la... Segunda-feira às 14:02 · Gosto · 1

Sofia Meneses Dias da vodacom para mcel as mensagens entram ou as chamadas mas vic eversa nao Segunda-feira às 14:09

Rosy Gf so nao consigo mandar msg Segunda-feira às 14:16

Migz Wilson lol Segunda-feira às 14:19

Luís Carlos Da Karate Código: 10. Marca: 100

Gabriela Rebello da Silva Aparentemente o contrato funciona, do giro não me é possivel nem ligar, nem aceder ao crédito nem mandar sms. O giro recebe apenas chamadas. Segunda-feira às 14:23

Ronaldo Jose Sithole Sithole eu fiz chamadas com alguma dificuldade mas fiz Segunda-feira às 14:24

Lucylio Philipe Alfeu Eu estou e por causo estou a usar mcel para o f.b Segunda-feira às 14:28

Yolanda Linda Eu xtou a falar Segunda-feira às 14:31

Lazifah Paulo Tsc... Knxada dx prblemas dexa operadra... Segunda-feira às 14:33

Stelio Massinga Estes tipos nao tem respeito esaeuem que somos 4000000 de clientes, quide se a MOVITEL vem ai. Segunda-feira às 17:18

Celeste Sito mcel ta uma merda. Xeguei a pxnar k foxe problema d meu cel, mudei o cel

mas cintuia um lixo. Segunda-feira às 14:36

Angela Rosado Eu estou a enviar sms e esta arguem a falar a minha frente com 82. Segunda-feira às 14:41

Ivone Gonçalves Com muita dificuldade! Segunda-feira às 16:50

Carlos Fanequico nao... nao.... e nao.... Segunda-feira às 17:15

Linda Rosa Não vamos reclamar. Anedota são aqueles que ainda não mudaram. palavras do vizinho. Ontem às 9:20

Samuel Banze e so mudarmos, prontos..... Segunda-feira às 17:41

Nilosmith Conde Xta rede xta xtaguina ak n beira f si falou dax 09 ate as 17h Segunda-feira às 17:49

Ivo Rich Guy Faiela Estivemos juntos, daqui em diante se virem... Segunda-feira às 20:14

Quina Malávia Machavane eu nem consigo recarregar, mas meu cell tem 3G Segunda-feira às 20:27

Linda Rosa Não vamos reclamar. Anedota são aqueles que ainda não mudaram. palavras do vizinho. Ontem às 9:20

Publicidade

Uma Solução daqui.
Leasing Auto BCI



O Leasing Auto BCI é uma opção de financiamento até 95% do valor da viatura nova ou usada.

Prazo de 18 a 84 meses. Entrada mínima de 5% a 20%.

Valor residual de 1% a 5%. Condições preferenciais para Funcionários Públicos e de Empresas ou Instituições com protocolo com o BCI.

Consulte-nos em www.bci.co.mz ou na sua Agência BCI.



Sony e Nikon lançam câmaras para fotógrafos amadores

Durante anos, fotógrafos digitais amadores tinham duas opções: câmaras SLR pesadas que podem capturar imagens com efeitos criativos, ou então as de bolso, do tipo compactas, que tiram fotos bem menos sofisticadas. Agora, os fabricantes de câmaras estão a explorar um género de máquinas que procura um meio-termo entre tamanho e capacidade.

Texto: The Wall Street Journal • Foto: iStockphoto



Duas gigantes do segmento recentemente lançaram novos modelos para essa categoria emergente: a Nikon, com a sua J1, e a Sony, com a NEX-5N. Os dispositivos oferecem muitos dos recursos de câmaras maiores, mas num formato que cabe numa bolsa ou no bolso de umas calças.

A Sony e a Nikon fazem uma série de pequenas lentes removíveis para essas câmaras, para que os usuários possam escolher entre uma zoom e uma grande angular, assim como em câmaras SLR de tamanho tradicional. Mesmo com as lentes maiores encaixadas, as câmaras pesam coisa de meio quilo.

Com preço próximo de 700 dólares cada, nos Estados Unidos, para pacotes que incluem uma lente, essas maravilhas da miniaturização custam mais 100 dólares que uma câmara digital SLR de entrada, sem muitos recursos. Mas depois de

testá-las, a Sony NEX-5N mostra melhor performance pese o facto da J1 da Nikon tirar algumas fotos óptimas, mas oferece menos funções artísticas.

Ambas as câmaras dispensam o pequeno visor usado nas SLRs. No seu lugar, mostram o que você está a fotografar por meio de grandes telas de LCD. (A Sony vende um visor digital que pode ser acoplado por 350 dólares).

Uma das razões pelas quais essas câmaras tiram fotos melhores que as compactas é que elas têm sensores muito maiores.

Sensores maiores capturam mais luz, o que torna as fotos melhores. A Nikon criou um novo tipo de sensor para a sua nova linha chamada "I", e a Sony conseguiu colocar um sensor de SLR de médio porte na pequena NEX-5N.

A qualidade da imagem em ambas as câmaras foi excelente nos testes. Enquanto as fotos da Sony tiveram a resolução mais alta, as da Nikon parecem ter tons um pouco mais ricos. Ambas as câmaras podem, assustadoramente, gravar vídeo com qualidade de Blu-Ray.

Os sensores maiores permitem que essas câmaras explorem a capacidade criativa das lentes. Elas podem tirar fotos em ambientes de pouca luz, mesmo sem um flash, e permitem que os usuários seleccionem os objectos que devem estar em foco e quais as que devem ficar desfocados (o que é conhecido como profundidade de campo).

As diferenças entre as duas estão nos comandos. A Sony NEX-5N vem com uma tela grande sensível ao toque para ter acesso às configurações e controlos, incluindo uma tela para seleccionar o ponto de foco

da imagem.

Os controlos são intuitivos e oferecem uma maneira simples de se tirar fotos mais interessantes, manipulando a profundidade de campo, sem ter que ser um especialista no assunto, que saiba regular a quantidade de luz que atinge o sensor e a velocidade do obturador, o que é exigido na maioria das SLRs digitais.

A J1 da Nikon não tem uma tela sensível ao toque, exigindo que os usuários controlem a câmara através de uma série de botões físicos tradicionais. Ajustar a profundidade de campo exige que o usuário saiba regular a abertura e, mesmo para quem sabe, as configurações para ajustar o ponto de foco específico ficam escondidas dentro de vários menus.

A Nikon diz que a câmara normalmente selecciona a melhor combinação de abertura e velocidade para a cena.

A filosofia da Nikon é que os usuários que acabaram de deixar as máquinas compactas preferem confiar no seu software para fazer a maioria dessas escolhas para eles.

Um dos seus quatro modos de disparo é chamado de "seletor inteligente de foto", que aproveita o foco ultra-rápido da câmara e a velocidade do obturador para tirar uma série de fotos de uma só vez e, em seguida, selecciona aquela que acha que é a melhor foto, mostrando também outras quatro possíveis candidatas, com base na composição e no mo-

vimento.

A Sony NEX-5N tem um modo "inteligente e automático" de disparo, mas que também oferece uma série de características que resolvem problemas comuns.

Uma das funções evita que fotos de imagens em movimento, como aquelas tiradas em jantares festivos, fiquem fora de foco, o que pode ser feito também com a opção de se tirar seis fotos rapidamente e, em seguida, fundir as imagens para uma foto melhor.

Outra função funde várias fotos tiradas seguidamente, o que é conhecido como uma foto HDR (high-dynamic range), que permite seleccionar as melhores partes do primeiro e segundo planos quando os níveis de brilho são diferentes.

A NEX-5N ainda tem uma opção simples de panorâmica, que automatiza a produção de fotos bem am-

plas, tanto para impressão como em modo 3-D (para TVs compatíveis).

A função artística mais peculiar da J1 da Nikon é a que cria uma "foto em movimento", que combina uma imagem estática e cerca de um segundo de vídeo, que passa em câmara lenta, com um fundo musical. É bonitinho, mas não útil o suficiente para fazer da J1 uma melhor opção.

Nenhuma das câmaras vem com duas características que, acredito, deveriam ser padrão hoje em dia em dispositivos caros como esses: localização por GPS sobre onde as fotos são tiradas e a possibilidade de se descarregar as imagens num computador sem usar cabos.

Enquanto a J1 da Nikon, que tem um design retro mais leve, a Sony NEX-5N, cujo sensor maior requer lentes ligeiramente maiores e mais pesadas, foi a mais fácil de aprender como usar.



Mais amigos no Facebook indica cérebro maior em algumas áreas

Cientistas encontraram uma conexão directa entre o número de "amigos" que uma pessoa tem no Facebook e as dimensões de certas áreas do cérebro, o que aponta para a possibilidade de que o uso de redes sociais online altere os nossos cérebros.

Texto: Redacção/ Agências • Foto: iStockphoto

As quatro áreas cerebrais envolvidas têm papel crucial na memória, resposta emocional e interacções sociais.

Até o momento, porém, não é possível afirmar se ter mais conexões no Facebook torna certas áreas do cérebro maiores ou se algumas pessoas estão simplesmente predispostas a ter mais amigos devido às suas estruturas neurológicas.

"A questão que entusiasma é determinar se essas estruturas mudam ao longo do tempo, o que nos ajudará a descobrir se a Internet está a mudar os nossos cérebros," disse Ryota Kanai, do University College London (UCL), um dos cientistas envolvidos no estudo.

Kanai e os seus colegas usaram sistemas de ressonância magnética para estudar os cérebros de 125 universitários, todos usuários activos do site de media sociais Facebook, e cruzaram os seus registos com os obtidos com um grupo de controlo de 40 estudantes.

Eles descobriram que existe forte conexão



entre o número de amigos que uma pessoa tem no Facebook e o volume de massa cinzenta na amígdala cerebral, no sulco temporal superior direito, no giro temporal médio esquerdo e no córtex entorinal direito.

A massa cinzenta é a camada de tecido cerebral na qual ocorre o processamento mental.

A espessura da massa cinzenta na amígdala cerebral também foi vinculada ao número de amigos que uma pessoa tem no mundo real, mas as três outras regiões parecem estar correlacionadas apenas com as conexões online. Os estudantes envolvidos tinham, em média, 300 amigos no Facebook, enquanto os mais conectados chegavam aos 1.000.

"As redes sociais online têm imensa influência, mas pouco sabemos sobre o impacto que exercem nos nossos cérebros.

Isso resultou em muitas especulações sem base sobre possíveis efeitos adversos da Internet", disse Geraint Rees, da UCL.

"A nossa pesquisa mostra que é possível usar as modernas ferramentas da neurociência para responder a perguntas importantes – a saber, quais os efeitos das redes sociais, especialmente as online, sobre o cérebro", acrescentou.

Loja de aplicativos da BlackBerry já está disponível em Moçambique

Desde a passada segunda-feira a loja virtual de aplicativos para BlackBerry está disponível para todos os usuários do smartphone em Moçambique.

Texto: Adérito Caldeira

Esta boa novidade acontece algumas semanas após os utilizadores de telemóveis BlackBerry, em vários cantos do mundo, incluindo Moçambique, terem ficaram impossibilitados de usar os serviços – para além de chamadas e mensagens simples de texto – devido a um problema que a empresa Research In Motion (RIM) teve.

Com o acesso à loja virtual de aplicativos, sugerimos aos moçambicanos que usem um BlackBerry que façam primeiro uma actualização para a versão mais recente do aplicativo e assim poderão aceder a um conjunto de aplicações Premium (daquelas que são pagas) de forma gratuita durante as próximas semanas, até 31 de Dezembro, no valor de mais de 100 dólares americanos, uma forma encontrada pela RIM para compensar os seus clientes pelos transtornos que tiveram quando o seu serviço esteve inoperacional.

O download do programa pode ser feito tanto do computador, e transferido a seguir para o aparelho, assim como no próprio celular. Aos

que possuírem a versão anterior, será exibida uma notificação alertando sobre a actualização.

Esta segunda versão do software traz algumas melhorias que têm potencial para atrair mais consumidores e desenvolvedores. Agora, os aplicativos podem ser adquiridos com o uso de cartões de crédito ou, dependendo da operadora, serem adicionados à conta do telefone. Antes o único modo de pagamento era via PayPal.

A RIM também afirma que a navegação está mais intuitiva, algo que cada utilizador poderá experimentar e depois enviar-nos a sua opinião – via serviço de mensagens do BlackBerry, o PIN do jornal @Verdade é 223A2D52.

De referir que existem classificações com os 25 aplicativos gratuitos, aplicativos pagos e temas mais baixados, além de uma lista com os programas recentemente adicionados. Outra novidade é o recurso de leitura de código de barras, bastando capturar a imagem com a câmara do dispositivo que o software relacionado será aberto pelo BlackBerry.

Viu algo estranho ou fora do normal? Fotografou ou filmou uma acontecimento relevante?

Envie-nos um SMS para 82 11 15, um email para averademz@gmail.com, um twit para [@averademz](https://twitter.com/averademz) ou uma mensagem via BlackBerry pin 223A2D52.



A cidade de Maputo registou no ano passado 193 casos de cancro da mama. Estes dados foram revelados domingo numa marcha destinada a alertar sobre os perigos que constitui esta enfermidade nos dias de hoje.

MULHER
COMENTE POR SMS 821115

Crise atira mulheres para a prostituição em Portugal

A problemática económica e financeira que afecta Portugal leva muitas mulheres ao desespero, obrigando-as a um último e extremo recurso para sustentar as suas famílias, como é o caso da prostituição.

Texto: Mario Queiroz/IPS • Foto: iStockphoto



Optar por vender o corpo não é uma decisão que possa ser tomada de ânimo leve. Contudo, para muitas mães, a alternativa é condenar os seus filhos à fome, e por isso "há cada vez mais mulheres com idade entre 30 e 40 anos, vítimas da crise, que recorrem à prostituição", afirma Inês Fontinha, directora da Associação O Ninho.

Fontinha, que dedicou os últimos 40 anos da sua vida a apoiar as prostitutas, afirmou que nunca antes houve uma situação tão grave no país.

Acrescentou que a este drama se une o do medo, natural em pessoas inexperientes nessa actividade, muitas delas divorciadas ou mesmo casadas, que praticam a actividade escondidas do marido.

"Há alguns dias, uma delas disse-me: 'quando batem na porta do meu apartamento, tremo em pensar que pode ser alguém que conheço e, nesse caso, o que posso fazer?'".

Além disso, entre estas inexperientes mulheres existe o temor diário de serem vítimas das redes de tráfico de mulheres, muitas vezes controladas pelas "máfias do Leste", que, em comparação com eles, os "chulos" (proxenetes) locais são quase inofensivos.

Na Europa em geral, estas redes são principalmente de kosovares, albaneses, russos, ucranianos e romenos, que para combater "a competição" utilizam métodos brutais, tais como marcar as mulheres com navalha e até assassinar ostensivamente os seus "protectores" para dar uma clara mensagem e marcar o terreno.

Até 2010, segundo organizações não-governamentais portuguesas, havia em todo o país 28 mil prostitutas.

Metade das portuguesas e metade dividida principalmente entre brasi-leiras, romenas, búlgaras e nigerianas,

normalmente vítimas das máfias de tráfico humano.

Em declarações à rádio TSF de Lisboa e ao canal de televisão privado SIC, Fontinha afirmou que, "em angústia permanente, a crise está a levar cada vez mais mulheres, e também homens, à prostituição.

Por exemplo, em Coimbra, 190 quilómetros ao norte de Lisboa e capital da Região Centro de Portugal, contam-se 400 novos casos este ano".

Já a pesquisadora Alexandra Oliveira, que no dia 13 lançou o livro "Caminhar na Vida: a Prostituição de Rua e a Reacção Social", afirma no seu trabalho que a actividade é uma opção que geralmente surge após um acontecimento traumático.

Pesquisadora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Oliveira dedicou a sua tese de doutorado ao estudo do mundo da prostituição nessa cidade, a segunda do país, que fica 330 quiló-

metros a norte de Lisboa e é capital da Região Norte.

"A prostituição deveria ser legal para ser socialmente aceite", afirma a pesquisadora, que qualifica esta prática como "uma actividade ainda muito estigmatizada".

Para o seu doutoramento, Oliveira estudou a prostituição nas ruas do Porto durante seis anos, recorrendo ao método etnográfico, no qual o próprio pesquisador se torna o principal instrumento de trabalho.

Os seus estudos indicam que a maioria das prostitutas, sobretudo as das ruas, provém de níveis socioeconómicos baixos, com pouca escolaridade, escassa formação profissional e de meios pobres ou empobrecidos.

O vício também é uma presença frequente, com cerca de 30% de prostitutas cujo propósito central é conseguir dinheiro para comprar droga. Uma realidade que, aparentemente, registou uma clara mudança desde 2009, quando os efeitos da crise global nascida nos Estados Unidos começaram a invadir Portugal.

Para combatê-los foram feitos drásticos cortes nos investimentos públicos e nos subsídios sociais, num cenário económico que se mostra pouco promissor numa economia anémica.

O plano de consolidação do orçamento fiscal inclui a maior redução de gasto público dos últimos 50 anos, cujo custo social é o aumento do desemprego e o regresso da pobreza, uma situação desterrada após a queda da ditadura corporativista (1926-1974) do chamado Estado Novo.

"O que leva uma mulher a exercer a prostituição?", foi a pergunta feita a duas mulheres que a crise obrigou a estrear-se nesta actividade. Pamela e Xana (nomes de trabalho) concordam que o fazem apenas por dinheiro, mas destacam que "não é nada fácil desempenhar essa actividade", como destaca Pamela.

"Muita gente, de forma errada, diz que as mulheres que praticam a prostituição são perversas, o fazem por prazer sexual, sem terem ideia do motivo para realizarmos essa actividade", disse Xana, uma lisboeta

divorciada de 29 anos, "com dois filhos, que preciso de alimentar, vestir e educar". Pamela também se separou do companheiro, com o qual nunca foi legalmente casada.

"De um dia para outro, desapareceu de casa e, quando uma mulher fica só com dois filhos e os gastos a aumentar todos os dias, a vida obriga", disse a mulher, que até o ano passado trabalhava na indústria têxtil.

Após várias tentativas em busca de trabalho, Pamela confessa que "nada conseguiu", num país onde o desemprego afecta 13% da população economicamente activa, segundo dados oficiais, e entre 17% e 18%, segundo os sindicatos. "Por isso, acabei por recorrer à prostituição", afirmou.

Tanto os familiares de Xana como os de Pamela ignoram a sua actividade. A maioria leva uma vida dupla ignorada pela família.

Quando lhes foi perguntado se conheciam casos de reacção de familiares de prostitutas ao saberem o que faziam, a resposta foi: "Pelo que sei, as reacções variam", disse Xana, ex-empregada de um escritório em Lisboa.

Ela revelou que uma "contou aos pais o que fazia e eles ficaram furiosos e disseram que nunca aceitariam isso, mas, noutros casos, que conhecem, os familiares aceitaram a ideia, porque eles também têm algum interesse e acabam por se aproveitar e conseguir algum dinheiro".

Sobre a prática sexual, ambas asseguram que são elas que ditam as regras, definindo claramente o que aceitam e o que não aceitam.

"As nossas relações são sempre com preservativos. O cliente não consegue nada oferecendo mais dinheiro para não usá-lo", assegura Pamela. "É possível ser feliz com esta vida?", perguntou a IPS ao fim da conversa. Xana respondeu por ambas, com Pamela sempre de acordo.

"Para quem leva uma vida sempre julgada e rejeitada, é natural que uma pessoa não se sinta bem. Se a nossa fosse uma actividade profissional vista como todas as demais, penso que nos sentiríamos melhor com o que fazemos", acrescentou.

As mulheres ainda subalternas em economia e política, diz estudo

As mulheres estão praticamente no mesmo patamar que os homens em todo o mundo nas áreas de saúde e educação, mas ainda estão em plano secundário no que toca à participação e a oportunidades em economia e política, de acordo com um relatório do Fórum Económico Mundial, divulgado esta terça-feira.

Texto: Redacção/Agências

O Relatório Global de Diferenças por Género revelou que 96 por cento das diferenças em saúde e 93 por cento das disparidades em educação foram eliminadas, comparadas com menos de dois terços das diferenças em economia e apenas um quinto em participação política.

"Enquanto as mulheres estão a começar a ser tão saudáveis e educadas como os homens, elas não estão a ser clara-

mente aproveitadas para a economia e estruturas de tomada de decisão nos mesmos níveis", disse Saadia Zahidi, directora sénior do Fórum Económico Mundial e um dos autores do relatório.

No topo do ranking de 135 países estava a Islândia, seguida pela Noruega, Finlândia, Suécia e Irlanda, enquanto os últimos cinco são Arábia Saudita, Malí, Paquistão, Chade e Líbano.

"Enquanto muitas economias

desenvolvidas foram bem-sucedidas na eliminação da diferença por género em educação, poucas tiveram sucesso na maximização dos retornos desse investimento. Os países nórdicos são os líderes nessa área", apontou o relatório.

"No geral, essas economias tornaram possível para os países combinarem trabalho e família", acrescentou, afirmando que as políticas levaram até ao aumento na taxa

de natalidade.

Algumas das políticas bem-sucedidas dos países nórdicos identificadas pelo relatório foram a licença-paternidade obrigatória, benefícios generosos de licença-paternidade oferecidos por uma combinação de fundos de segurança social e empregadores, incentivos tributários e programas de retorno ao mercado de trabalho pós-maternidade.

O relatório mediou as diferenças por género em salários, participação na mão-de-obra, emprego altamente qualificado, acesso a educação de nível básico e superior, representação nas estruturas de tomada de decisão, expectativa de vida e quociente sexual.

Moçambique, que em 2008 já ocupou a 18ª posição, caiu quatro posições em relação ao ano passado, e ocupa o 26º lugar. Os Estados Unidos subiram

duas posições, para o 17º lugar, assim como a Alemanha, para o 11º. A Grã-Bretanha caiu uma posição, para o 16º, a China manteve-se no 61º, a Rússia subiu dois lugares, para a 43ª posição, assim como a África do Sul, para a 14ª. A França caiu dois lugares, para o 48º e o Japão caiu quatro, para o 98º. Na China, quase três quartos das mulheres trabalham, mas os salários dos homens aumentam mais rapidamente, apontou o relatório.

Revitalizar as acárias



As festividades da semana da capital – cujo apogeu se assinala a 10 de Novembro – já agitam os maputenses. Entretanto, com o projecto “Poesia nas Acárias”, o Movimento Literário Kupaluxa assume (algum) protagonismo e propõe-se uma missão árdua: “Transformar Maputo na capital da literatura”.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguezé

De há alguns anos a esta parte, os agregados do Movimento Literário Kupaluxa, uma agremiação cultural da sociedade civil, prestaram atenção às vicissitudes que se operam na cidade de Maputo – construção de novos edifícios, bem como o surgimento de novos bairros suburbano, etc., – até que perceberam que enquanto a urbe tende a alastrar-se inversamente a isso, as acárias, um dos (seus) mais representativos símbolos, estão propensas ao atrofamento, ou até, pior ainda, nalguns casos, a extinguir-se.

Na mesma sequência, o Kupaluxa observou que apesar de, nos últimos dias, além das funções de cidade política e económica – que desde que se transferiu a capital de Nampula para Lourenço Marques, em 1872 – Maputo manifesta a intenção de abocanhar o título de capital de actividades culturais.

Eis a razão por que em jeito de “ameaça” para os activistas culturais das demais capitais provinciais – com destaque para as cidades de Inhambane, Beira e Nampula – numa tentativa quase literal de “pôr as acárias a recitar” Kupaluxa se propõe converter Maputo na capital da literatura. A meta é incentivar, de forma espontânea, os cidadãos ao apreço pela leitura e pela escrita.

Caso a iniciativa vingue, os primeiros sintomas serão a transformação da urbe na capital da literatura nos próximos anos. Ou seja, é como diz Eduardo Quive, um dos mentores da iniciativa que a propala em todos os cantos: “queremos tornar Maputo na capital da literatura do país”.

Lê-se (muito) pouco

Um dos aspectos de que @Verdade se apercebeu no contacto com Eduardo Quive é a crise social de pouco gosto pela leitura que tem aí incidir apesar de as estatísticas oficiais – e é neste sentido que se trabalha – revelarem que os índices de pessoas com instrução básica estão a evoluir.

“Não faz sentido que em cerca de 1.766.829 – conforme dados do Censo Populacional do ano 2007 – nós, os habitantes de Maputo, não consigamos esgotar a 500 cópias de livros que (semanalmente) são publicados em Maputo”, reclama Quive, dando a entender que se não temos problemas na indústria livreira nacional é porque – nos últimos dias – o mecenato tem apoiado. Senão, algumas editoras já deviam ter falido.

continua Pag. 28 →



Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br

Pandza



Domingo

Na catembe, domingo é um dia preguiçoso, de calções e chinélos. Até o sol, apesar de bem-disposto, começa o dia sem muito esforço. Afastei as cortinas mas apenas uma luz frouxa, abatida, se fez adentro. Réstias moles espreguiçavam entornando-se para a sala.

Os meus sofás estavam, como sempre, telespectadores incansáveis, a olhar para a TV desligada. Refastelei-me, e quando premi o power do controlo remoto, a TV pôs-se a conversar-me noticiários. Eram notícia as intervenções militares dos donos do mundo, naqueles países em que crianças emagrecidas mais do que os ossos permitem arrastam-se num chão rachado de secura, disputando com moscas o próprio ranho. Aviões invadindo o espaço aéreo bombardeavam alimentos. Choviam ogivas gigantescas que em contacto com o solo pipocavam e multiplicavam-se em milhares de pequenos sacos de alimentos indispensáveis.

Para aqueles lugares, que pareciam não alcançados por Deus, também se disparavam medicamentos e mísseis de longo alcance atravessavam os céus assobiando, desenhavam uma parábola decalcando o arco-íris e caíam no chão seco, sedento, explodindo água! E as pessoas, aquelas pessoas magras, com mais pele do que carne, sorriam.

Eu também sorri. Desliguei a TV quando um dos meus filhos me disse:

– Papá, hoje é domingo, vamos passear?
Puseram-se em trajes de passear e fomos até ao cais.
– Vamos de baleia? – Perguntaram.
– Não. Baleias são para longas viagens. Vamos de golfinhos – responderam.

E atravessámos Catembe-Maputo, aos saltos, no dorso animado de golfinhos, escoltados por esquadrilhas de gaivotas.

– Para onde vamos, papá?
– Jardim zoológico, meus filhos.

Desembarcámos dos golfinhos. Babando, um camelo ofereceu-nos táxi no txova-xita-duma do seu dorso mas eu preferi ir até a paragem, onde elefantes esperavam pelos seus passageiros. Um deles bramiu: “Benfica via Jardim!”

– Vamos! – Chamei os miúdos.
Enrolou-nos, um a um, com a tromba, e arrumou-nos no dorso enorme. Atravessou a cidade com passadas estrondosas, à velocidade paquiderme. As acárias pareciam cumprimentá-lo em cada esquina e o algodão limpo das nuvens maquilhava as cicatrizes do tecto azul de ozono.

Na rua vê-se de tudo um pouco: pinguins em trajes de cerimónia circulavam apressados; uma macaca com macaquinhas às costas perseguiu o macaco, farta de lhe aturar as macacadas de galho em galho; no passeio, sentada, uma leoa cuidando dos leãozinhos irrequietos vendia fruta e doces que comprei, enquanto o leão, preguiçoso, dormitava à sombra; cangurus aos saltos com as crias nas bolsas pareciam mamãs encapulando filhos nas costas. Num charco onde alguns bichos se refrescavam, um urso polar molhou-nos quando passou por nós sacudindo a pelugem; um hipopótamo, com um ar enjoado, bocejava e passarinhos banqueteavam-se com insectos no seu dorso; alguns flamingos encurtando a mini-saia da plumagem branca exibiam-se, dobrando a perna e balioçando sobre outra, fina e rosada...

Nas imediações do jardim zoológico gritei “paragem!”, e o paquiderme bramiu como se chiasse os seus travões. Levou a tromba ao dorso e, um a um, pôs-nos no chão.

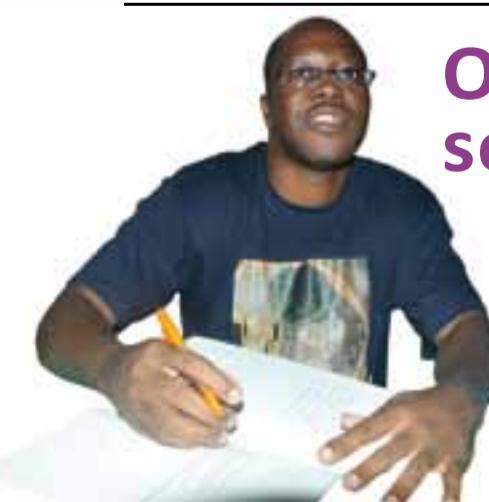
Entrámos para o jardim. Serpentes entrelaçadas faziam a vedação. Da bilheteira, uma zebra amável sorriu-nos.

– Olha, um cavalo.
– Não, filho. Quando um cavalo está de pijama chamam-se zebra. O porteiro era um chimpanzé, sonolento, coçando-se das pulgas.
– No jardim Zoológico há muitas espécies – disse eu aos miúdos –, vindas de toda a parte do Mundo.

As jardineiras tartarugas pacientemente comiam as folhas raspeiras do pátio e as girafas apanhavam as frescas folhas mais aéreas das árvores.

– Cuidado, não cheguem perto das jaulas. São perigosos – advertiu-nos um gorila que, de banana numa mão e vassoura noutra, limpava o jardim.

Acautelámo-nos, não nos aproximámos muito das jaulas. Passeámos pelo jardim zoológico e tivemos um domingo divertido, de jaula em jaula, conhecendo muitas espécies de políticos.



O que (mais) se dirá sobre o amor?

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguezé

A primeira impressão com que se fica quando se folheia “Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida”, a nova obra poética do escritor moçambicano, Adelino Timóteo, é a de se estar diante de um livro assaz desinteressante e (tendencialmente) irritante. O contrário só se pode dizer depois de uma (profunda) leitura.

continua Pag. 29 →

Um perito anestesista, convocado pela defesa do médico Conrad Murray, acusado de homicídio involuntário na morte do cantor Michael Jackson, disse na sexta-feira em tribunal que foi o próprio cantor que se injectou com a dose mortal de propofol.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

MANUELA SOEIRO: "Foi muito mais fácil combater através de armas do que pela arte!"

A conceituada encenadora moçambicana, Manuela Soeiro, defendeu perante @Verdade, a heroicidade (pouco reconhecida) dos artistas moçambicanos na proeza da independência nacional. Afinal, no seu entender, "foi muito mais fácil pegar em armas e lançar-se num conflito bélico do que engendar ideias, pensamentos, formas de arte e, por essa via, lutar pela liberdade".

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguezé

A celebração da vida e obra e dos ideais do Marechal Samora M. Machel, primeiro Presidente de Moçambique independente, bem como das 25 primaveras do Grupo de Teatro Mutumbela Gogo que este ano se assinalam fazem de 2011 um marco ímpar no país.

@Verdade quis fazer da ocasião um momento não somente festivo, mas acima de tudo de acérrimas reflexões sobre a realidade sociocultural, a condição humana do ser moçambicano. Portanto, muito recentemente, travou uma conversa (ameaça) com a directora do Teatro Avenida, Manuela Soeiro.

Refira-se que Soeiro, o protótipo de uma mulher moçambicana batalhadora, nos últimos dias temido inúmeros motivos para se congratular. O principal (para além da vida e da saúde) é ter dirigido com êxito, uma colectividade cultural, safando-a da bancarrota mesmo nos momentos mais críticos da sua história. Tal colectividade completa a seis de Novembro 25 anos.

"Quando tive a ideia de fazer um teatro fora dos parâmetros usuais, ou seja, do teatro clássico, nessa altura, eu não estava necessariamente contra, mas pensava que era importante que nós, os moçambicanos ou africanos, procurássemos as nossas raízes culturais".

Ou melhor que "tínhamos que ter a iniciativa de fazer algo diferente, no âmbito cultural, sob pena de eternamente copiar os outros. O objectivo era evitar que (de facto, o teatro tem a ver com a vida, com o quotidiano da sociedade) corressessem o risco de nunca mais ter a possibilidade de o nosso teatro reflectir a nossa realidade", começa por dizer Manuela Soeiro em jeito de recordação de um percurso de décadas.

O lugar da língua

Não tardou muito para que a partir de 1986, Manuela Soeiro e os companheiros de jornada artística se socorressem das crónicas de autores como Mia Couto, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Rui Nogar e tantos outros, não somente ganhassem "asas" para levantar voo, assim como inspirar outras colectividades culturais a envolverem-se na arte de representar.

Eles "deram-nos alguma inspiração para encontrar as nossas personagens. Isso foi muito importante", diz referindo-se aos escritores moçambicanos. Até porque na altura as "pessoas pensavam que o teatro era um fantasma, uma coisa difícil, quando na verdade nós tínhamos algum".

No período pós-colonial havia um aspecto peculiar e importante: a língua portuguesa herdada. Aliás a língua foi um dos poucos bens do sistema colonial – que mesmo durante a luta armada de libertação nacional não foi sabotado pela FRELIMO. No entanto, o Mutumbela recusou-se a aplicá-la da "forma como nos era imposta".

"Passámos a utilizar a língua que brotava da miscelânea (do português) com os vários idiomas nacionais". Além do mais, "existiam as expressões idiomáticas, que uma vez introduzidas nas obras, não somente enfatizavam a cena, a mensagem que se transmitia, mas acrescia o valor da (nossa) identidade. Isto fez com as pessoas (facilmente) entrassem na história, compreendendo-a melhor".

Producir utilidades

Recorde-se que nos anos subsequentes à criação, uma série de crises sociais – algumas das quais o excesso da burocracia que incidia paralelamente com a corrupção, para não falar da guerra dos 16 anos – marcava o cenário nacional.

Eis que "iniciámos um processo de crítica social, o que fez com que a sociedade tivesse no teatro uma forma de se inspirar. Afinal, muitas vezes,

quando o teatro fala sobre a vida acaba por engendrar soluções para os seus problemas". Isto é, "criávamos situações que podiam levar o público a caminhos benéficos para a resolução dos problemas da vida".

Além da aparente melhor condição que possui se o Teatro Mutumbela conseguiu resistir até à actualidade foi, em grande parte, devido à sabia edificação de um grupo, com objectivos claros e consolidados. Muito mais importante ainda, Manuela Soeiro não desistiu do sonho. É como diz:

"Apercebi-me, ao longo dos anos, que quando tinha desilusões ganhava mais vontade de continuar. Não sou uma pessoa para desistir, antes pelo contrário, dou a volta por cima. O meu objectivo foi – sempre – não ficar presa aos problemas existentes". Aliás, "já passámos por momentos difíceis, até porque começámos do zero".

Eles não podem ser polivalentes

Porque nem sempre se tem a oportunidade de conversar com Manuela Soeiro – é muito atarefada – encontrámos na ocasião um motivo para reflectirmos sobre a sociedade e a nossa cultura, começando pela aparente fraca cooperação – na verdade inexistente – entre os músicos e os escritores, sobretudo no tópico da exploração musical de obras literárias.

Neste aspecto, Soeiro observa: "Existe um e outro músico que busca as composições dos escritores para interpretar. Mas ainda são muito poucos. Penso que já era tempo de os (próprios) músicos perceberem que nem sempre podem ser polivalentes. Muitas vezes a música vale pela letra, o conteúdo".

Além do mais "é cansativo ouvir uma música que só tem duas palavras – do primeiro ao último minuto – e não diz mais nada, não se desenvolve porque faltam-lhe nuances".

Como se não bastasse, "tenho a impressão de que a música urbana tem deixado muito a desejar". Sobretudo, porque "os artistas só falam dos problemas entre marido e mulher, quando podiam desenvolver e aprofundar mais outros temas, como, por exemplo, o da SIDA. As composições podiam ser melhor tratadas. Nada é melhor – para um músico – que trabalhar com um escritor, porque este ajuda-lhe a dar um valor literário à composição musical".

De qualquer modo, "penso que a geração actual deve trabalhar para o desenvolvimento da música. Porque o que acontece, muitas vezes, é que há gente que não aceita as mudanças. Não obstante, acredito que aparecerão novos artistas com abertura mais larga. Até porque alguns jovens (já) resgatam a música popular para recriá-la".

O passado incomoda-lhes

É nossa compreensão que na actualidade há uma preocupação constante – por parte dos movimentos culturais nacionais – de resgatar o tema da guerra, da opressão, deste passado melancólico, como forma de valorizar o ambiente de paz que prevalece.

Perguntámos a Manuela Soeiro sobre até que ponto a reflexão sobre o passado ajuda os moçambicanos a construir uma sociedade justa e de justiça social ao que nos respondeu nos seguintes termos:

"Penso que quando nos escondemos do nosso passado, muitas vezes não sabemos quem somos. E a geração actual é fruto de uma história. Tenho percebido que os mais novos tentam resgatar isso, o que é importante. Começam a sentir a necessidade de acrescentar neles próprios aquilo que lhes falta, a raiz. Nós, as pessoas, somos iguais às árvores. O passado é a nossa crosta. Através da crosta – entenda-se passado – algu-



mas árvores protegem-se melhor, outras pouco e facilmente derrubam-se". Afinal, "não têm energia suficiente. Então, o nosso passado deve servir-nos de baluarte".

E mais: "recordo que sempre que íamos a Portugal participar em eventos culturais, já há bastante tempo que não vamos, agregávamos nas nossas peças traços sobre o colonialismo. Eu sentia que os portugueses não gostavam disso, incomodava-lhes". Como tal, "chamavam atenção a respeito disso, dizendo que a peça era boa, criticando a cena do colonialismo que lhes intrigava".

Mas o facto é que "para nós, aquela cena fazia falta. Era preciso mostrar-lhes". E, por via disso, "provar o contrário do que diziam que o colonialismo não foi tão perverso como o sentimos". Ou melhor, "revelar que se dizem isso, é porque não estiveram no local para viver a realidade, senti-la". Então, "nada melhor que o teatro e o cinema para levantar estes aspectos".

Mas atenção: o nosso passado – por mais perverso que tenha sido – não deve servir, em momento algum, para justificar as nossas incapacidades. Afinal, muitas vezes se busca o passado para justificar os erros, num discurso de auto-vitimização. Aliás, "temos de lutar contra isso. Esse passado deve servir de exemplo, para evitar que episódios similares se repitam".

Interromperam os ideais

De qualquer modo, ainda que interessante – dessa vez – a abordagem da Manuela Soeiro parece-nos politicamente correcta. O que (também) pode resultar de uma eventual má percepção nossa. Por isso, ganhámos fôlego para refazer a questão.

Diz-se que 2011 é o "Ano Samora Machel", homem cujos princípios o mundo – Moçambique em particular – tem como ideais. E, se calhar por isso, basta vez, no dia-a-dia, são difundidos pela imprensa audiovisual. Será que pensar no passado, reflectir nos ideais de Samora Machel estará a ajudar-nos na criação de uma sociedade melhor?

A sociedade "poderia ser/estar melhor. Mas o problema é que se interromperam os ideais de Samora. Uma vez Samora morto, a luta pelos seus ideais cessou". A pobreza absoluta permanente que afecta o povo é a consequência imediata. "Não se vêem transformações. As transformações terminam nas cidades. No campo tudo continua estagnado".

"Recordo-me de que desde criança eu ia a Chidenguele visitar o meu avô. Hoje, passado cerca de meio século, vejo a mesma realidade".

Houve uma vez que o Mutumbela viajou para Manica de carro, em 1994, quando das primeiras eleições presidenciais. "Passávamos por algumas aldeias e à noite víamos uma massa de residências. Cerca de 200 palhotas, todas totalmente escuras. Podia-se enxergar, com muitas dificuldades, apenas uma lamparina, por vezes outra noutro ponto".

Quer dizer, "é uma profunda tristeza que numa zona residencial, às seis horas da tarde não se

oíça nenhum som, tão-pouco se veja luz e, derivado disso, as pessoas serem obrigadas a recolher, sob pena de serem devoradas por animais selvagens".

Que desenvolvimento?

Levando o seu posicionamento ao extremo, em jeito de desabafo, Manuela questiona o modelo de desenvolvimento nacional. Critica-o, por exemplo, pelo facto de dar prioridade ao acesso ao lugar do essencial.

De facto "sinto que a luta foi para o crescer dos grandes senhores. No sentido de terem grandes contas bancárias, grandes poderes económicos. Não sei porque poderiam ter bens económicos para servir a sociedade".

Ou por outra, "que o desenvolvimento seria que as pessoas tenham, no dia-a-dia, pelo menos duas ou três refeições, água e iluminação que é o que a grande maioria necessita." Ter televisão é bom, diz Manuela que acrescenta, "mas não é o essencial. E é do essencial que o povo precisa, para que possa ascender a estas necessidades terciárias".

Para quem acompanha as actividades culturais no país, em particular as do teatro Mutumbela, percebe que tal colectividade artística ao rebuscar a obra "Nove Hora, de Rui Nogar" – que vai ser exibida no festival das bodas de prata do mesmo grupo que arranca amanhã – o Mutumbela denuncia, em grande parte, a cumplicidade que reinou no passado entre os protagonistas políticos e socioculturais no processo de libertação nacional do país.

"A cumplicidade entre estes actores libertários – políticos e culturais – tem tido continuidade nos dias actuais?", questionámos.

Apesar de esta reflexão não ser matemática, Manuela Soeiro engendra uma resposta simples, clara, objectiva quanto curta: "não". O problema é que, para si, sempre que se fala de heróis nacionais, somente se hasteia a bandeira dos protagonistas da luta armada.

"Esquecem-se dos heróis culturais. Muitos dos quais estiveram na luta clandestina através da escrita, da poesia, da literatura, da pintura, da escultura, enfim da arte. E foram presos e, pior ainda, alguns quase mortos".

Ora, se buscarmos os actores culturais da libertação nacional e fazermos uma combinação com os da luta armada "perceberíamos que (sempre) foi muito mais fácil pegar numa arma e lutar, do que pegar nas palavras, nas ideias e também fazer um combate aos grandes males que enfermam a sociedade", diz.

"Quando fazemos um trabalho artístico, não pensam que estamos a brincar. Também temos algum receio, mas enchemo-nos de coragem para dizer determinadas coisas que são complicadas". Por isso "para mim é muito mais difícil a tarefa, por exemplo, que vocês, os jornalistas, têm de falar, escrever, ou dizer a verdade sem medo", finaliza.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → Revitalizar as acácias

Mais adiante, e em jeito de pergunta e resposta quisemos perceber de Eduardo Quive um pouco mais sobre a iniciativa que pressupõe a exposição de textos poéticos extraídos de autores moçambicanos conceituados das várias gerações, mas sobretudo de potenciais escritores espalhados por todos o país, bem como a realização de saraus culturais durante os três dias do evento. Ou seja, nos dias 10, 11 e 12 de Novembro. Ficam os pontos mais importantes.

@Verdade – O que é “Poesia nas Acácias”?
Eduardo Quive (EQ) – “Poesia nas Acácias” é mais uma ideia criativa do Movimento Literário Kupaluxa que visa incutir na sociedade o gosto pela leitura, dando-lhe acesso a algo para ler. A iniciativa consiste no modelo de exposição de textos poéticos nas acácias.

O nome “Poesia nas Acácias” surge pelo facto de, apesar de haver muitas árvores de diferentes espécies em Maputo, as acácias serem as mais representativas. Centrando-se em Maputo, a capital sociopolítica e económica do país, o projecto será igualmente um apelo para se olhar a forma como actualmente as acácias são tratadas. De qualquer modo, a meta é fazer de Maputo também uma capital da literatura.

Mas na verdade, o (nossa) primeiro intuito é levar a poesia ao encontro do povo. Por isso, vamos expor/pendurar textos em locais popularmente movimentados, como, por exemplo, nas árvores do Jardim Tunduro, bem como nas que se encontram na Rua da Rádio.

@Verdade – Por que razão o projecto só envolve poetas iniciantes e sem obra publicada?
EQ – Os nossos estatutos, como uma organização cultural, versam que é objectivo do movimento divulgar e promover os novos escritores, como forma de engrandecer a literatura nacional. Por isso, aliarmos a iniciativa a esta causa. Pensamos que o Kupaluxa, enquanto movimento de inserção e integração de amantes da literatura, deve lutar pela inserção de novos autores no mercado livreiro.

Ora, isto não significa que estamos a apartar-nos dos escritores (já) consagrados. Também serão divulgados, mas não na mesma dimensão que os novos talentos. Planificámos expor cerca de 300 poemas, dos quais só 10 porcento serão de autores consagrados. Esta última parte tem como meta promover o gosto pela leitura dos livros já existentes, o que significa que as telas dos textos expostos constarão ainda de referências das obras donde os textos serão extraídos.

@Verdade – Até que ponto expor os textos pode ser uma oportunidade – por exemplo de publicar um livro – para os novos talentos?

EQ – Penso que, numa altura em que é extremamente difícil e complicado para os jovens escritores publicarem obras literárias, hastear os seus textos perante o público pode ser, igualmente, uma forma de apresentá-los à sociedade, mas também de atrair potenciais apreciadores/investidores para as respectivas obras.

O grupo Timbila Muzimba é a proposta para o espectáculo a ter lugar no próximo dia 4 de Novembro, no Cena Louca, em Maputo, inserido no programa Verão Amarelo, promovido pela operadora de telefonia móvel Mcel.

Poesia de/para todos

@Verdade – Quantos artistas se prevê que participem no evento?

EQ – Bem, vale a pena antes dizer que com esta actividade temos três metas fundamentais. A primeira é colocar poesia de/para todo o mundo, sem nenhuma discriminação. Como tal, se me perguntares quantas pessoas irão ler os textos,

EQ – Penso que é uma boa pergunta. Mas serão expostos textos temáticos – ainda que não seja este o critério de selecção – que retratam os problemas, os desafios, as conquistas de Maputo e do país por extensão. Ou melhor, trata-se de textos que abordam a questão da pobreza urbana, dos acidentes nas rodovias, do custo de vida, mas também temas alegres como o amor, como forma de educar, formar e informar a sociedade.



eu não saberei responder-te pois não sei quantas pessoas percorrem a Rua da Rádio, tão-pouco quantas frequentam o Jardim Tunduro. Mas acredito que o evento abrangerá todos os públicos, sem contar com os públicos dos diversos bairros de Maputo que serão convidados.

A outra meta é congregar obras de autores de todo o país, no mesmo espaço. Afinal, a iniciativa abrange todos os jovens de Moçambique, desde que não tenham livro publicado. Nesta perspectiva acreditamos que a iniciativa irá abranger mais 200 novos autores que irão colocar em mostra entre dois a três poemas individuais.

Por fim, tencionamos incentivar as pessoas a acorrer aos locais onde decorrem os eventos culturais. Às bibliotecas, aos programas de publicação de novos livros – como forma de criar novos públicos – sobretudo porque temos notado que os mesmos eventos são frequentados pelas mesmas pessoas.

@Verdade – Em que medida esta iniciativa contribuirá para o crescimento da cidade?

@Verdade – Pressupondo a participação de artistas de todo o país, como será viabilizada a sua vinda a Maputo?

EQ – Não será assim. Até porque – ainda que gostássemos que assim fosse – não temos condições para o efeito. Mas, antes de mais, é que o nosso objectivo não é ter o artista, mas a sua obra. Ou seja, ele far-se-á presente através da sua obra. Isto equivale a dizer que, mesmo os de Maputo podem não presenciar o evento, mas a sua obra será apreciada e consumida.

@Verdade – Teriam pensado na componente ambiental, ao escolherem o Jardim Tunduro?

EQ – É verdade! Temos constatado, de facto, que actualmente o Jardim Tunduro não difere de um espaço abandonado. Ou seja, o Tunduro, que em tempos fora um horto botânico de grande referência, tende a desaparecer. Penso que a cidade de Maputo está a cair numa crise que se constata partindo da extinção das acácias. Cada vez que se edifica um prédio inúmeras árvores são abatidas.

Pensamos que essa via pode ser uma forma de resgatar a prática de realização de cerimónias

culturais no Tunduro, resgatar a sua beleza – reabilitando-o, como forma de revalorizar a beleza contida no espaço.

Reviver o M'saho

Ainda no contexto das mesmas festividades, o Movimento Literário Kupaluxa reservou o último dia do evento – 12 de Novembro – para, no Coreto no Jardim Tunduro, realizar um saraú cultural sob o mote “Revivendo o M'saho”. A cerimónia será, sem dúvida nenhuma, um momento nostálgico para muitos escritores e, não só, que nos anos '80 e '90 encontraram no Sarau Cultural M'saho a primeira plataforma de recitar poesia perante um público extenso.

Elitização da cultura, um fenómeno nefasto

No entanto, ainda que se promovam eventos culturais populares em Maputo – e sem nenhum custo – Eduardo Quive, que também é jornalista, considera que, pelo menos, no contexto da literatura, as actividades culturais continuam a ser algo para as elites.

Por isso, “queremos despertar a atenção da sociedade para o facto de que, quando um escritor publica um livro, fá-lo para o povo e não para si próprio”. E mais, “não faz sentido que com inúmeros habitantes, os cidadãos de Maputo não consigam esgotar 500 cópias de um livro recém-publicado”, reitera.

A poesia não suja a cidade

Seguindo a alocução de Quive, provavelmente a fraca aderência aos eventos de literatura – que ainda caracterizam as cerimónias que encerram as novas publicações – pode ser descrita como resultante da incompreensão do papel da própria literatura, sobretudo relativamente às camadas sociais de base.

“E nós pensamos que este fenómeno se deve à elitização da cultura, em Maputo. Actualmente, quando se realiza um saraú cultural em qualquer espaço da capital vão as mesmas pessoas porque não conseguimos atingir os outros”, queixa-se.

Pior ainda, “estamos a fazer o evento a sangue-frio, ou seja, com os nossos parcos meios. Mas o maior receio era que o Município não nos cedesse o espaço, alegando que podíamos sujá-lo. Daí que explicámos que “a poesia não suja a cidade, educa a sociedade, cria novos horizontes. Com esta iniciativa, Maputo será uma referência de uma cidade que fortifica o turismo cultural”.

Mas o contraste de tudo isso é que “a maior preocupação, quando se faz um evento cultural, é convidar um artista nobre, no lugar de convidar um cidadão comum do subúrbio. Então, constatámos que se o Kupaluxa, na qualidade de um movimento cultural juvenil, for à base pode-se criar uma nova sociedade de leitores”.



Kinani - WORKSHOPS no cine Africa - Domingo, 06 Novembro, Diálogo dinâmico entre culturas através do poder da Dança
Contemporânea | GISELLA ZILEMBO | Eventi Danza | Itália

continuação → O que (mais) se dirá sobre o amor?

E que, como é óbvio, em nome do amor, o autor exagerou na sua lírica erótica: a nudez, os lábios, o ânus, os seios, o beijo, ou seja, esta exploração desenfreada e desesperada dos fragmentos físicos – sensuais – do corpo humano, da mulher, que o autor propõe nesta criação literária.

Ora, se consideramos que ainda que somente dita, escrita ou lida, a palavra nem sempre transparece a ideia do objecto em apreço, podendo-se carregar o texto de algum eufemismo na intenção da sexualidade. O autor entendeu que não era suficiente. Que não satisfazia os anseios egocêntricos do seu sujeito poético. Eis que convidou o artista plástico moçambicano Silvério Sítote para transladar a nudez da figura feminina – que bastas vezes crava na tela – para o livro, realçando o conteúdo do texto.

Ou seja, o discurso da imagem integra-se perfeitamente na visível semiótica do discurso textual exposto em "Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida".

Em meio-termo, sobre a mulher diz: "é feita de silêncios, de telegramas que se chegam pelos teus beijos, cartas e telexes que se me chegam pela ponta da tua língua, às digitais, espreguiada pelo que encarrega pela tua boca." Ou seja, até aqui, fora do plano físico e sensual, do amor erótico o autor não tem outro enquadramento.

O que se pode perceber pela definição que engendra sobre a mulher: "é uma maça polida para levar-te à língua, (...) Eu te procuraria nessa volúpia, quase fogo, quase lume em tuas sementes sufragadas de desejo".

Fazer do sexo um guru

Na nossa leitura ao texto, de reçer que uma leitura numa altura em que toda a sociedade se debruça contra o abuso sexual de menores, contrariamente a isso, e pela sua crise sensual, o autor sugira que se devore as mulheres em independência da idade.

É que, ao que tudo indica, nalguns dos seus escritos Adelino Timóteo acaba por fazer do sexo o seu guru para, imediatamente, acusar a figura feminina:

"Os animais são lentos, mas tu és ainda mais lenta, insubordinada à urgência. (...) Lenta, ao ritmo com que me chegas", mas aqui vale a pena questionar a urgência de quê?

No entanto, ainda que possa parecer contraditório que chame, implicitamente, atenção para a luta contra o abuso sexual de menores, ou de qualquer mulher, a verdade é que o poeta fá-lo. Basta que se leia: "És madura até ao embrião, aberta como um mexilhão. Chegas-me pelas pétalas do corpo, concava até ao teu peito sensível, perfumada".

Ora, se alguém erroneamente, interpretar a Adelino Timóteo como nós o fizemos, provavel-

mentes como os de escritor moçambicano Lucílio Manjate que apresentou a obra. Repa-

perigo pensar que "Adelino Timóteo nos apresenta poemas eróticos. O erotismo nestes versos não é um fim em si mesmo, mas um ponto de chegada que tem no conceito de identificação o ponto de partida, onde ou quando precisamos de ser Outro para sermos Nós. É o ideal da fusão de todos os sentidos."

De qualquer modo, Manjate consente que "de facto, a nudez é o signo que Adelino Timóteo elegeu para celebrar o amor carnal." Isto equivale a dizer que não precisamos de tomar a parte pelo todo, sobretudo porque Adelino Timóteo quer que a sua "obra seja uma pura e plena homenagem ao amor".

Aliás, isto nota-se na segunda parte do livro em que o autor transcende para o plano metafísico e platónico do amor. O sintoma disso é que passa a amar "esses jardins divinos, suspensos do corpo, essa coroa que se prende à terra, essa fonte de pureza, esse trono donde se espreita a alegria, a lascívia".

E de facto não tem outra opção por, a dado passo, emergindo em desamores pela sua amada – a mulher simbólica – se entristece: "À partida os teus olhos choviam torrencialmente como neste poema. E eras como um nó de lágrimas, uma cólera à garganta apertada."

Mais interessante é que esta poesia se enriquece por novos

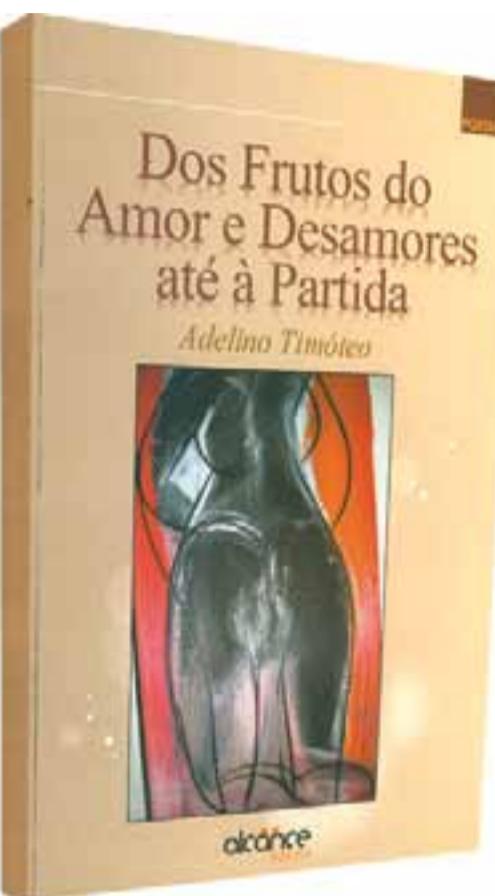
signos que são o mar, o fogo, a música.

O escritor Fernando Couto, que contribui na obra com um posfácio, resume o discurso ao afirmar que "a poesia de Adelino Timóteo é iluminada constantemente por essas imagens que seduzem transformando a mulher amada num fenômeno de deusa pagã. Considerando que constantemente a transformação ocorre, não surpreende que não notemos diferenças sensíveis entre "Amores" e "Desamores", tão profunda é a paixão e continuar a ser, nem mesmo nos perturbarão. E a 'Partida' será a viagem que nos conduzirá a um ambiente novo, mas também marcado pelo idêntico juízo ou começo da continuação em quebra notória sempre ao Éden".

Biografia

Nascido a 03 de Fevereiro, de 1970, Adelino Timóteo dedica-se às artes – literatura, artes plásticas e jornalismo – há um bom par de anos. No género da poesia publicou em 1999 "os Segredos da arte de amar", tendo em 2002 ganho o "Prémio Nacional de Revelação da AEMO", com a obra "Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique". Em 2006 publica, sob a chancela da AEMO, "A fronteira do sublime".

Mulungu (2008), A virgem da Babilónia (2009), Nação Pátria (2010) são outras obras do género romance por si publicados.



mente, estará a manifestar-se leigo em matéria da poesia, como nós parecemos ser. Há quem sugira que o sexo, de que recorrentes vezes o autor nos fala, pode ser um símbolo metafórico que representa o ponto de encontro.

São desta perspectiva pensa-

remos primeiro que "tudo o que sabe dizer, ou seja, tudo o que ouve, vê, sente, cheira, prova, é nu. A 'nudez' há-de ser, portanto, o núcleo habitacional da enunciação poética desta obra", afirma Manjate.

E não tardou muito para este autor esclarecer que seria um



FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO 6 A 13 DE NOVEMBRO (MUTUMBELA GOGO 25 ANOS)



	SEGUNDA 7	TERÇA 8	QUARTA 9	QUINTA 10	SEXTA 11	SÁBADO 12	DOMINGO 13
TEATRO AVENIDA	19h30 PÃO COM TEATRO Mutumbela Gogo Mutumbela Gogo (Maputo)	CABRA CEGA Haya Haya (Bemba)	MATER NAO ASSASINAR Mutumbela Gogo (Maputo)	SONHOS GUERREIROS Mutumbela Gogo e Tri-Buhene (Alemão/Afri)	A CAIXA NEGRA Trigo Limpio (Portugal)	PORTAS Mutumbela Gogo Gasthafel (Austrália)	NOVE HORAS Mutumbela Gogo
MODAS KAVALLU	21h O CULPADO Mahundu	OS SEM VIACEM Tambu Tambulani Tambu (Pemba)	MINTES E SONHOS Mugashi (Maputo)	A MORTE CHAMA Gressaf (Maputo)		HOMEM IDEAL M. Ibra (Maputo)	VALÉ TUDO ATÉ A MORTE
RUA TEATRO AVENIDA	22h GRUPO NOMO (Maputo)		MÚSICA E POESIA Música e poesia	MÚSICA E POESIA Música e poesia	MÚSICA E POESIA Música e poesia	MÚSICA E POESIA Música e poesia	
INDIOLA	18h30 GRUPO NOMO (Maputo)		GTO (Maputo)	O FEITIÇO VERDÃO CONTRA O FEITICEIRO OS FACTOS (Nampula)		GRUPO CAPOEIRA MULHER ASFALTO Lurúcia Paco (Maputo)	GRUPO NOMO (Maputo)
CONSELHO MUNICIPAL	21h					CABRA CEGA Haya Haya (Bemba)	
HOTEL TIVOLI	16h HÁ TIGRES NO CONGO! Mutumbela Gogo (Maputo)		HÁ TIGRES NO CONGO! Mutumbela Gogo (Maputo)	TERRA SONAMBULA Luente (Maputo)		EXPOSIÇÃO Fotografia, Cenografia e Guarda roupa Mutumbela Gogo	
	17h						
	14-17h						
	9h						
						SEMINÁRIO	



facebook.com/JornalVerdade tem 9.177 leitores em Moçambique

A liberdade de expressão (ainda) é um mito para alguns

Parece que a liberdade de expressão plasmada na nossa Lei-mãe (ainda) é desconhecida por uma, senão a maior, parte dos moçambicanos. O contexto no qual o país viveu após a independência e o medo de perseguições apresentam-se como as possíveis causas desta realidade.

Em Chókwè, para onde a nossa equipa de reportagem se dirigiu a fim de aferir o nível de desenvolvimento do distrito e do regadio, enfrentámos dificuldades para colher declarações dos agricultores sobre as dificuldades e os problemas que o sector (da agricultura) atravessa alegadamente porque temiam represálias das autoridades, sem, no entanto, as mencionar.

Estes dizem que a situação em que se encontram (de pobreza) não lhes permite emitir opiniões sobre quaisquer situações ou acontecimentos, pois isso torná-los-ia alvos de perseguições dos possíveis envolvidos ou protagonistas, principalmente quando o assunto é sobre política.

No seu entender, os políticos não gostam de ser criticados e, quando tal acontece, fazem o uso do poder que a política lhes confere para reprimir quem quer que seja.

Porém, o que nos chamou a atenção foi o facto de alguns produtores do regadio de Chókwè terem dito, em tom de desabafo, que já tinham prestado declarações a vários órgãos a pensar que, com isso, a situação em que se encontram iria mudar – para melhor – mas que, passado algum tempo (meses, anos), nada se tinha alterado, daí a sua “aversão” a jornalistas.

Verdade ou não, urge reflec-

tir sobre, primeiro, o papel da comunicação social, porque esta situação pode induzir à ideia de que a classe jornalística moçambicana não está a cumprir um dos seus papéis, que é promover mudanças. Não estar a cumprir o seu papel talvez não seja a forma apropriada de expressar o que se passa, mas que talvez os políticos não estejam a olhar

para a comunicação social como um sector importante para o desenvolvimento do país e elo de ligação entre o povo (governados) e o Governo (governantes).

Segundo, é importante procurar saber se, realmente, as tais perseguições existem ou se é apenas um sinal de que alguns moçambicanos (ainda)

não têm noção de que o (actual) contexto histórico não é o mesmo que o do passado. Não é possível que alguém não queira dar a sua opinião ou falar das suas dificuldades só porque tem medo da reacção dos políticos.

Será que os moçambicanos têm a noção da existência da liberdade de expressão?

Publicidade

© 2009 KPMG Auditores e Consultores SA, é uma empresa Moçambicana e firmamembro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa Suíça.

ARTWORK:QUANTO70.COM

A número um em Moçambique The number one in Mozambique

Maputo
Niassa

Chimoio
Zambézia

Pemba

Nampula

A KPMG tem como missão transformar conhecimento em valor para benefício dos seus clientes, colaboradores e mercados capitais.

Em Moçambique somos a mais antiga firma de auditoria e consultoria, pelo que possuímos um vasto e profundo conhecimento da economia local e contamos com mais de 180 profissionais com know how num amplo leque de serviços.

Operamos, em Maputo, Chimoio, Pemba e Nampula e, mais recentemente, no Niassa e na Zambézia, mantendo sempre um relacionamento de parceria e honestidade com os nossos clientes, aos quais respondemos reconhecendo os seus segmentos de indústria e as suas fronteiras nacionais.

Convidamo-lo a conhecer-nos melhor em www.kpmg.co.mz.

KPMG Auditores e Consultores, SA
Rua 1.233, nº 72C, Maputo . Moçambique
Telefone: 00258 21 355 200
Fax: 00258 21 313 358
mz-fminformation@kpmg.com

AUDIT ■ TAX ■ ADVISORY

KPMG

Haja honestidade!

Na última edição (nº 1555 de 30 de Outubro), o jornal Domingo publicou, na sua habitual página Bula Bula, uma fotografia feita pelo nosso fotógrafo, Miguel Manguezé, na qual aparecem o Presidente da República, Armando Guebuza, e a primeira-dama, Maria da Luz Guebuza, a dançarem ao som de Stewart Sukuma.



O acto (inédito) teve lugar após o buffet que o chefe do Estado ofereceu aos convidados à cerimónia havida na Praça da Independência pela passagem dos 25 anos da tragédia de Mbuzine, na qual pereceu o primeiro Presidente de Moçambique independente, Samora Machel, e da inauguração da estátua construída em sua homenagem.

Devido à unicidade do momento, o post da referida fotografia valeu mais de 500 comentários e acima de 150 partilhas nas redes sociais – referimo-nos ao Facebook e ao Twitter. Mas não é para menos, raramente se vê o chefe do Estado a “mexer o esqueleto”.



Curiosamente, o semanário não faz nenhuma menção ao nome do nosso fotógrafo e nem a coloca (a fotografia) como cedida, o que nos leva a pensar que o Domingo pretende “tomar” todo o prestígio que, porventura, a repercussão desta imagem possa trazer.

Sendo o Domingo um jornal de prestígio e de referência, esperamos que este traga à tona a verdade nas próximas edições (como estabelece a lei), pois o facto de a fotografia não ter sido assinada pressupõe que a mesma tenha sido colhida pelo seu fotógrafo, o que não é verdade.

A polémica máquina de suicídio inventada por Jack Kevorkian, o médico norte-americano conhecido como o "doutor da morte" devido à sua defesa da eutanásia, ficou sábado sem comprador num leilão em Nova York onde foram vendidos alguns objectos pessoais do clínico.

HORÓSCOPO - Previsão de 04.11 a 10.11



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Sentirá algumas dificuldades para fazer face a despesas inesperadas. Este aspeto exige de si toda a prudência. Para o fim da semana a situação terá tendência a melhorar. No entanto, mantenha uma atitude de muita prudência, em todas as situações que envolvam dinheiro.

Sentimental: Poderá encontrar algumas dificuldades durante estes dias. Tente controlar os seus ciúmes. Uma vida a dois exige compreensão e muita tolerância. Por outro lado, torne-se um pouco mais dialogante e compreensivo. Caso consiga mudar este aspeto, as relações tornam-se mais fáceis.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Não deverão criar-lhe grandes dificuldades questões que envolvam dinheiro. Investimentos são matéria para outra altura. Considerando que este é um período de crise, mantenha-se muito atento ao que se passa à sua volta.

Sentimental: Alguma ponderação sobre o seu relacionamento amoroso só lhe trará vantagens. Não pode, nem deve, continuar a pensar só em si. Sonhar é muito bom especialmente a dois. Tenha presente que a tolerância ajuda a resolver problemas que muitas vezes parecem complicados.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Não deverá sentir grandes dificuldades durante este período. Poderá, inclusivamente, fazer algumas despesas na compra de objetos que lhe façam falta. Esta aparente facilidade não significa que ponha de lado a prudência que questões relacionadas com dinheiro o exigem.

Sentimental: Este aspeto não se podia encontrar mais favorecido para o seu relacionamento. No entanto, cuidado com manifestações de ciúme que podem deitar tudo a perder. Deve agir com serenidade. Esta semana é caracterizada por grande sexualidade e, a aproximação do seu par será motivo de grande satisfação.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Não gaste mais do que pode e deve. Poderá sentir algumas dificuldades, com o cuidado necessário, vai conseguir ultrapassar esta fase pela positiva. No entanto, porque se vivem tempos de crise, não deverá minimizar este aspeto.

Sentimental: Algun desencanto da sua parte não significa que a culpa seja do seu par. Analise bem o seu comportamento e encontrará a razão que poderá conduzir a situações de ruptura. Converse com muita franqueza, abra o seu coração para algumas dúvidas que tem sentido e novas metas serão criadas.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Não gaste mais do que pode. Atravessamos uma fase de dificuldades e os Sagitários não fogem à regra. Tendência para melhorar a partir do fim da semana. De qualquer forma, nas manipulações financeiras a prudência deverá estar sempre presente.

Sentimental: Não exagere na forma como exerce pressão emocional sobre o seu par. Um diálogo franco e aberto sempre foi a melhor solução para o entendimento mútuo. Alguém poderá tentar criar barreira na sua relação. Esteja atento a este aspeto.



áquario

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Período sem preocupações de maior. Poderá aproveitar estes dias para efetuar algumas compras que tem vindo a adiar. No entanto, recomend-se atenção a este aspeto. Uma situação de crise poderá arrastar consigo imponderáveis.

Sentimental: Não se deixe prender, nem arrastar, para questões de menor importância. Abrir a sua mente e o seu coração para a realidade só lhe farão bem. A sua relação sentimental, durante este período, será aquela que "construir".

► ENCONTRA 10 FADAS



SUDOKU

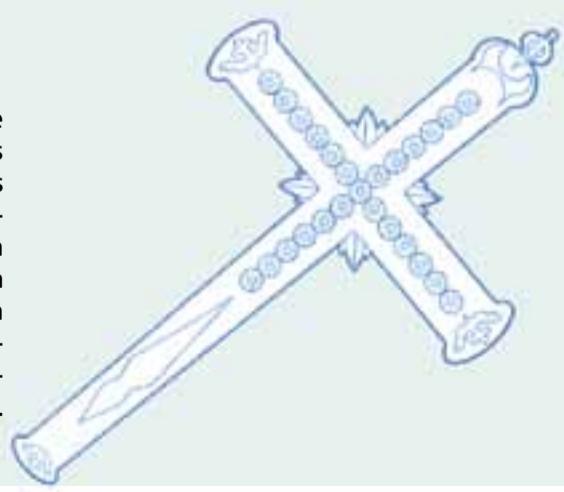
	8			1	4		
4	6		2	5	6	3	
	4		2	5	6	3	
3		8	1			4	
1	7		6	3		5	
	5		3	1	8		
		9	8		6		

1		6		8
3	8		8	2
			6	2
9	3			5
8	1			4
6		2		7
		9	3	
	5			4
7		2		6

► ENIGMA

O ALFINETE DA RAINHA

A rainha de que falamos tinha uma jóia que era a inveja de todo o reino. Tratava-se de um alfinete com 25 diamantes dispostos em forma de cruz. A rainha contava-os muitas vezes para ver se lhe tinham roubado algum. Para verificar, contava-os de cima até ao meio e continuava daí para a esquerda. Depois repetia a operação, começava por cima e continuava para a direita, e por último contava-os de cima para baixo. Nos três casos, o resultado era sempre 13. O joalheiro sabia como ela os contava e, por isso, uma vez conseguiu roubar-lhe dois diamantes sem que ela se apercebesse. Como deixou ele as pedras?



DESODORIZANTE QUE PROTEGE POR 48H E O MANTÉM SECO

- Fórmula única com minerais activos
- 48h de confiança e proteção anti-transpirante
- Mantém as axilas perfeitamente secas

www.NIVEAFORMEN.com

WHAT MEN WANT



NIVEA
FOR MEN